



ITHORI

FILHOS DO ACORDO

THAIS LOPES



ITHORI

FILHOS DO ACORDO

THAIS LOPES

1ª Edição
Belo Horizonte
2017

Capa & Diagramação

Thais Lopes

Todos os direitos reservados. É proibido o armazenamento ou a reprodução de qualquer parte desta obra – física ou eletrônica -, sem a autorização prévia do autor.

Para todo mundo que leu, comentou e me deu corda de alguma forma. Essa foi a primeira história da série a nascer, mesmo que não tenha sido a primeira a ser lançada, e só não foi jogada fora de cara por causa de vocês.

SUMÁRIO

[Um](#)
[Dois](#)
[Três](#)
[Quatro](#)
[Cinco](#)
[Seis](#)
[Sete](#)
[Oito](#)
[Nove](#)
[Dez](#)
[Onze](#)
[Doze](#)
[Treze](#)
[Quatorze](#)
[Quinze](#)
[Dezesseis](#)
[Dezessete](#)
[Dezoito](#)
[Dezenove](#)
[Vinte](#)
[Vinte e Um](#)
[Vinte e Dois](#)
[Vinte e Três](#)
[Vinte e Quatro](#)
[Vinte e Cinco](#)
[Vinte e Seis](#)
[Vinte e Sete](#)
[Vinte e Oito](#)
[Vinte e Nove](#)
[Trinta](#)
[Trinta e Um](#)
[Trinta e Dois](#)
[Trinta e Três](#)
[Próximo Livro: Dravos](#)
[Agradecimentos](#)
[Outros Títulos da Autora](#)

Se tem uma coisa que adoro, é como os aliens do Acordo me subestimam. Olho para trás rapidamente. O prédio de onde saí já está tão longe que só consigo ver as luzes brilhando, mas é o bastante. Sorrio e continuo a correr. Não é porque sou uma mulher e terráquea que não vou conseguir terminar um trabalho. Não tenho culpa se eles não são bons o bastante para fazer o que faço.

Ao meu redor, os prédios de Ek’ho se erguem, feitos de materiais sintéticos e completamente aliens que mesmo assim parecem idênticos a vidro, concreto e cerâmica. Se olhar para baixo, no espaço entre os prédios, vou ver carros e motos “levitando” em vários níveis diferentes, como se fossem várias ruas sobrepostas no ar. E, bem acima de mim, o domo transparente que cerca o planeta e mantém a atmosfera em níveis aceitáveis para as espécies de base humana. É um cenário estranho, que sempre me lembra de alguns filmes que assisti antes de ser abduzida, mas que a essa altura já se tornou familiar. Isto aqui – com exceção do domo – é o padrão de quase todas as grandes cidades do Acordo. E eu já passei por cidades demais para me lembrar de todas.

O alarme atrás de mim já é quase inaudível, mesmo que as luzes ainda sejam visíveis. Perfeito. Solto uma risada enquanto corro pelo teto do arranha-céu. Tenho que agradecer a quem teve a ideia de fazer pistas de pouso nos tetos – elas me poupam do trabalho de ter que encontrar um caminho por terra. E eu já conheço bem demais os horários de movimento desses edifícios. Dificilmente alguma nave vai pousar aqui nas próximas quatro horas, o que quer dizer que o caminho está livre.

Ainda sorrindo, apalpo os bolsos do meu colete, sentindo o volume das pedras preciosas que roubei. Se tudo correr como planejei, vão pensar que não foi nada além de uma pessoa interessada nas joias de um dos magnatas de Ek’ho. Ninguém vai imaginar que, na verdade, estou interessada nos dados que as pedras preciosas podem estar guardando.

Sem diminuir a velocidade, subo no muro baixo ao redor da área de pouso e salto para o arranha-céu à frente, que é alguns andares mais alto. Minhas luvas especiais se prendem na parede, usando um sistema de pressão e sucção que me faz lembrar de polvos e outros animais um pouquinho nojentos. Subo para o teto, com todo o meu peso apoiado nas mãos presas à parede. Calculei meu trajeto para achar uma parte da parede sem nenhuma janela, e agora não preciso me preocupar com a possibilidade de ser vista. Pelo menos, não por alguém que estiver dentro do arranha-céu. As naves no céu sempre são um risco, e os adolescentes com as versões aliens de skates indo muito acima das “ruas” também, mas não adianta me preocupar com nada disto.

Ninguém além de mim é capaz de fazer isto. Correção, ninguém tem coragem de fazer isto. As luvas são ótimas, se você tiver um fornecedor confiável, o que é um pouco complicado. Eu só me arrisco assim porque meu fornecedor é o mesmo homem – alien – que revende parte do que roubo. Ele lucra demais com meu trabalho para me vender um produto de baixa qualidade. Além disso, este planeta tem a gravidade um pouco menor que a da Terra. Não muito, mas o suficiente para me dar uma vantagem.

Subo para o teto e volto a correr, olhando ao redor rapidamente para conferir se não tem mais ninguém aqui. Nada. Perfeito. Sorrio de novo. Este é o edifício mais alto na minha rota, daqui para a frente só vou precisar saltar, não escalar. Moleza. Eu duvido que as forças policiais da

cidade consigam me alcançar, a essa altura, se é que ao menos vão conseguir descobrir para que lado eu vim, mas não vou relaxar. Isso quer dizer continuar correndo até estar segura dentro de uma nave.

Chega a ser irônico. Seis anos atrás eu fui raptada – abduzida, se é que dá para acreditar – quando estava bêbada em uma festa. A última coisa que me lembro era de estar sentada na pedreira com meus amigos, bebendo uma cerveja e discutindo se íamos ver fadas e ETs, afinal foi por isso que viajamos para São Thomé das Letras. Óbvio que não entendi o que estava acontecendo. Quando acordei numa jaula, tinha certeza que era alguma brincadeira de mau gosto dos meus amigos. Alguém devia ter colocado alguma coisa na minha bebida e eu estava tendo uma alucinação, porque simplesmente *não era possível* que estivesse em uma jaula encarando aliens que pareciam saídos de um filme trash. Eu estava começando a pensar que talvez aquilo tudo fosse real quando a nave foi atacada.

Meu primeiro ano aqui foi uma loucura. Fui passada de nave em nave, entre piratas e grupos mercenários, junto com mais alguns prisioneiros. No fim das contas o grupo de prisioneiros foi separado e só um homem continuou sendo repassado junto comigo: Ithori.

E esta é uma boa lembrança, mesmo que eu ainda esteja com raiva dele. A primeira vez que Ithori foi levado para dentro da mesma cela que eu, não consegui deixar de encarar. De altura mediana, corpo definido sem ser exageradamente musculoso, pele morena com pontos vermelhos descendo pelos braços e cabelo escuro e liso pouco abaixo dos ombros. Ele não tem um rosto bonito, longe disso, mas mesmo assim sempre me chamou atenção. Ele tem algo que grita “perigo” que não consigo resistir.

No fim das contas, fomos parar com o bando de piratas de Drek. Foram dois anos interessantes e *bem* animados. Ithori era a única pessoa que eu tinha, no começo, antes de passar a confiar nos piratas. Ele era meu amigo, meu parceiro nas operações dos piratas, a pessoa que me ajudou a construir um lugar para mim neste mundo. Obviamente, não demorou para se tornar meu amante.

Até que Ithori ficou para trás em uma invasão que não deu certo e desapareceu. Meses depois, eu descobri que ele nunca foi um prisioneiro: era um agente infiltrado do Corpo Militar do Acordo. Um espião, em outras palavras. Ou seja, a pessoa que conheci era mentira. Então a melhor coisa que eu posso fazer é tirar ele da minha cabeça. E logo. Mais fácil falar que fazer.

Agora, por causa dos esquemas de Ithori, eu estou sozinha de novo. Dois anos atrás, ele entrou em contato me oferecendo uma chance de fazer alguma coisa contra o tráfico de mulheres. Aceitei, óbvio, mesmo que precisasse roubar dados dos piratas que tinham se tornado minha família. Entre proteger os aliens e tentar ajudar as mulheres humanas que são trazidas para o Acordo, não precisei nem pensar duas vezes. Por causa disso, não tive coragem de voltar para o bando de Drek depois que escapei do complexo Dyraiv – que foi onde me prenderam depois que entreguei as informações para o Corpo Militar. E também não ia ficar parada esperando o governo decidir o que fazer comigo – já tinha passado quatro anos no Acordo, sabia me virar aqui.

— Não me arrependo. — falo, saltando para o último prédio e me agachando para absorver o impacto.

Mas ainda sinto falta do bando, mesmo que não me arrependa.

No instante seguinte, estou correndo de novo. Posso ver uma das naves de transporte se aproximando: comprida, larga, e com os ângulos retos característicos das naves krijahm. Bem na

hora. Eu amo quando seguem o horário. A rota da nave passa bem ao lado do arranha-céu onde estou, que é o único prédio perto o bastante para eu conseguir saltar para a nave. Depois deste roubo, preciso de uma carona para sair de Ek'ho, antes que Yhar Enu – o dono das pedras preciosas – entenda o que realmente aconteceu. Preciso descobrir o que está nelas antes que movam a carga de novo.

Conto meus passos mentalmente, calculando a distância até a nave. Ela é tão grande que tenho a impressão de que, se parar na beirada do teto, vou conseguir tocá-la. Mas já fiz saltos demais assim para saber que é apenas uma impressão. A distância real é grande o bastante para que eu seja uma das poucas pessoas a se arriscar a fazer isso – e só depois de muito treino.

Tomo impulso e salto com as mãos estendidas. A batida no casco da nave me deixa sem ar, mas as minhas luvas grudam no metal. Solto um grunhido de dor e começo a subir até o alto da nave, procurando uma das escotilhas de emergência. Elas não costumam estar vigiadas, e não é incomum que os alarmes delas disparem por causa de mau contato, especialmente nas naves krijahm. Se entrar e trancar a escotilha atrás de mim, ninguém vai notar que tem uma passageira clandestina no transporte. Já peguei caronas demais assim.

Me agacho no casco, ainda com uma mão no metal, e tiro algumas ferramentas dos bolsos. Em questão de segundos a escotilha está aberta e eu escorrego para dentro, a fechando com a mesma velocidade. Estas ferramentas custaram um absurdo, mas valem cada centavo. *Cada crédito*, na verdade. Seis anos, e ainda não me acostumei com os termos certos.

Corro para a entrada mais próxima dos corredores de manutenção, tomando cuidado para não fazer barulho. Ninguém passa por estes corredores enquanto a nave está no ar, a menos que ela seja atacada. Ou seja: esconderijos perfeitos. Abro a porta e a fecho atrás de mim, sem fazer ruído, antes de encarar o espaço onde estou. Enquanto o outro corredor é claro e iluminado, esse está na penumbra, é mais frio e parece que um dos painéis do teto não muito à frente se soltou, porque consigo ver fios. Dou de ombros e vou naquela direção. Obviamente ninguém vem aqui já faz um bom tempo, então vou aproveitar.

Não demora muito para eu achar uma reentrância que é usada para guardar materiais de reserva. As equipes de manutenção as chamam de armários, mas são apenas reentrâncias pequenas com portas de um material frágil. Seria mais fácil para mim se tivessem armários de verdade. Tiro as coisas que estão ali – umas ferramentas que não faço ideia de para que servem – e continuo andando até achar outra reentrância. Jogo tudo lá dentro, fecho a portinhola, e volto para o espaço que esvaziei. Hora de tirar um cochilo.

Acordo de supetão. Sem abrir os olhos, tento entender o que me fez acordar. Posso sentir a vibração suave da nave, o que quer dizer que já estamos no espaço, fora dos domos que protegem Ek'ho. E passos. Abro os olhos. A luz que entra pela fresta da portinhola não me deixa ver quase nada, mas isso não importa. Só quero saber quem está se aproximando e de qual direção. E o que alguém está fazendo aqui se a nave está no ar.

Prendo a respiração quando percebo que os passos estão perto demais de onde estou. Não, não, não, eu estou há dois anos usando essas naves para viajar, não é possível que vão me pegar aqui. Não tenho como sair daqui, confiei demais que nada de diferente ia acontecer. Mas isso não é um problema. Já escapei das forças do Acordo uma vez, posso escapar de novo.

É, só que da outra vez eu não estava com várias ferramentas ilegais espalhadas pelo corpo, nem estava com umas tantas pedras preciosas recém roubadas.

E ficar pensando nisto não vai adiantar. Se eu der sorte eles não vão abrir a portinhola. E se abrirem, eu me viro depois. Não posso fazer nada agora.

Mais passos se aproximam, vindos da direção oposta. Solto um suspiro resignado. Não adianta fingir que não sabem que estou aqui. Me sento e cruço as pernas, ainda sem fazer barulho, esperando até resolverem abrir a portinhola.

Não preciso esperar muito. Escuto mais passos, esses mais pesados, que param na frente da reentrância. Estreito os olhos, tentando ver melhor pela fresta, mas a única coisa no meu campo de visão parece ser uma perna, vestindo um uniforme cinza...

Um uniforme do Corpo Militar. Reviro os olhos. Murphy continua me amando, mesmo depois que fui abduzida. Se é para alguma coisa dar errado, não vai ser pela metade. Por que não podia ser uma força de segurança local? Alguém contratado para fazer a segurança da nave? Nãããã, tem que ser o Corpo Militar. E agora eles estão parados ali fora fazendo suspense. Se continuarem assim muito tempo, eu vou acabar abrindo essa porta e perguntando o que querem.

Certo, certo, eu nunca que vou fazer isso, mas podiam se decidir logo. Ou abrem, ou vão embora.

A portinhola se abre de forma brusca. Levanto a mão para tampar os olhos quando a luz de uma lanterna cai bem no meu rosto. Não preciso olhar para cima para contar as pernas que consigo ver. Quatro membros do Corpo Militar. Eu não tenho a menor chance de escapar, não agora. Alguém abaixa a lanterna e só então olho para cima. Eles estão vestindo os uniformes completos, com direito a capacetes. Sorrio. Vou considerar isso como um elogio.

— Não resista e não será ferida. — um deles fala, com a voz mecânica filtrada pelos capacetes.

Solto um suspiro e levanto as mãos antes de esticar as pernas e sair da reentrância. Não sou idiota. Melhor deixar eles pensarem que não vou fazer nada. Em algum momento vão abaixar a guarda, e aí vou escapar.

Sem dizer nada, dois dos homens – ou mulheres, na verdade, não tenho como saber – se aproximam e prendem meus pulsos para trás. Já notei que ninguém no Acordo usa algemas, em vez disso eles têm um tipo de corda que se molda à pele e é extremamente resistente.

— Nos acompanhe.

A fala é pura formalidade, porque dois deles me seguram pelos braços e tenho certeza de que, se não os acompanhar, vão me carregar.

Começo a andar.

DOIS

Os homens do Corpo Militar não me levam para o escritório do capitão, e esse é outro péssimo sinal. Eu ainda tive esperanças de que isso fosse só azar, mas pelo visto não. É uma operação do Corpo Militar, *sim*, e não um caso de um capitão aproveitando passageiros militares para dar um jeito numa clandestina. Se eu tinha alguma dúvida, a sala vazia para onde me levam me faz ter certeza. Posso nunca ter sido presa pelo Corpo Militar – meus dias no complexo Dyraiv não contam, já que queriam informações – mas já ouvi falar sobre como fazem isso com prisioneiros, para diminuir as chances de escaparem. É complicado arrumar alguma coisa que possa servir como arma em uma sala vazia.

Não que eu esteja desarmada, e é isso que não consigo entender. Eles não me revistaram. Quem é que acha uma passageira clandestina nos corredores de manutenção e não a revista? Não faço ideia, e não achei que o Corpo Militar fosse ser descuidado assim.

Eles me levam até o centro da sala e se afastam. Dois deles saem e fecham a porta. Tenho certeza de que estão parados do lado de fora. Os outros param de costas para as paredes, me encarando. Como se precisassem fazer isso. Minhas mãos estão amarradas para trás e eu não sou uma lutadora. O que acham que vou fazer?

Encaro a parede entre os dois homens, sem querer olhar diretamente para eles. É melhor esperar até baixarem a guarda. Deixar pensarem que estou preocupada demais para fazer alguma coisa. Não é uma mentira, estou preocupada. Mas ficar parada é algo que eu não faço.

Não sei quanto tempo passa, mas tenho a impressão de que meus guardas começaram a relaxar. Mexo as mãos lentamente, testando as cordas. São de boa qualidade e não adianta tentar forçar, não vou conseguir fazer afrouxarem o suficiente para eu me soltar. Mas acho que consigo tirar uma das pequenas ferramentas que estão nos bolsos ao longo do cóis da minha calça, escondidas. A dificuldade vai ser conseguir me soltar e passar pelos guardas, depois, mas uma coisa de cada vez.

— Eu não faria isso, se fosse você.

Me viro para o guarda que falou, fingindo surpresa, sem parar de mover as mãos discretamente. Preciso que ele pense que não estou fazendo nada demais, e parar seria uma admissão de culpa.

— Eu avisei. — ele tira um atordoador e o aponta para mim. — O capitão não quer que seja ferida, mas tenho autorização para atordoá-la se tentar escapar.

— E depois de seis meses te caçando, pode ter certeza que vamos usar. — o outro guarda completa.

Paro e abaixo as mãos. Uma coisa é arriscar quando eles estão aparentemente desarmados, outra é fazer isso com um atordoador apontado para mim. É uma arma em teoria quase inofensiva: ela deixa seu alvo inconsciente por um período de tempo que depende da potência do tiro. Mas, na prática, ela costuma ter efeitos colaterais imprevisíveis. Conheço uns tantos contrabandistas que preferem tomar um tiro de pistola a laser do que de um atordoador. E, levando em conta que *nada* no Acordo é feito pensando nos humanos, não vou arriscar. É melhor esperar outra chance de escapar.

A fala sobre estarem atrás de mim há seis meses é mais preocupante, mas não posso levar tão a sério. Seis meses, dependendo da contagem local, podem ser menos que quatro semanas

terráqueas. Mesmo assim, estarem *me caçando*... Acho que essa situação não é tão simples quanto pensei.

O guarda que estou encarando assente, mas não abaixa o atordoador. Não falo nada, só continuo parada no meio da sala, sem tentar me soltar. Não vale o risco. Sempre vão haver outras oportunidades. Vou dar meu jeito.

Não sei quanto tempo se passa antes de eu ouvir passos. Parece que finalmente o tal “capitão” resolveu vir ver sua prisioneira. Tenho certeza que os guardas não estavam falando do capitão da nave. Não, é alguém do Corpo Militar. O tom de voz deles indicou algum superior direto, não alguém que tivesse contratado seus serviços ou para quem estivessem fazendo um favor.

E eu conheço esses passos. Conheço bem demais. Respiro fundo e me forço a ficar impassível. *Capitão*. Conheço o suficiente da hierarquia do Corpo Militar para saber que isso quer dizer *bastante* sobre ele. Não é uma patente baixa, longe disso. E agora, quase três anos depois de “desaparecer” em uma invasão que deu errado – depois de eu passar quase um ano pensando que ele estava morto – Ithori está vindo.

Lembrar de como eu me senti quando consegui voltar para a nave de Drek, depois daquela operação, e percebi que Ithori tinha ficado para trás, faz minha raiva ferver. Lembrar de como ele me mandou uma mensagem dizendo que eu podia ajudar a acabar com o tráfico de mulheres humanas se roubasse informações *dos meus amigos*, sem uma explicação ou um pedido de desculpas, faz minha raiva gelar. Não preciso fazer muito esforço para estar encarando a porta com uma expressão de fúria gelada quando ela se abre.

Dois anos desde que Darius la'Dyraiv me contou que Ithori era membro do Corpo Militar, quase três anos desde a última vez que o vi, e minha respiração ainda falha quando ele entra na sala. Ithori está usando o uniforme cinza do Corpo Militar, sem o capacete, mas não preciso ver seu corpo para me lembrar de todos os seus músculos e daquela força contida que ele tem. Isso não mudou, consigo notar só pela forma como ele se move. E seu rosto... Continua o mesmo. Não, sua expressão é dura de uma forma que nunca vi antes. Mas essa é a única diferença. Seu cabelo ainda está preso em um rabo de cavalo, como quando estávamos com o bando de Drek. Sua pele ainda tem o mesmo tom quase chocolate que de alguma forma é um pouco puxado para o laranja. Seus olhos...

São os olhos de alguém que me deixou pensar que estava *morto* por quase um ano. Solto o ar com força quando sinto minha raiva de volta. Melhor assim. Não sou uma dessas mulheres que fica babando atrás de homem. Muito menos atrás de um homem que *mentiu para mim por anos*. Que me fez confiar, mas estava me enganando o tempo todo.

E eu deveria ter imaginado que ele estava por trás disso quando o guarda falou que estavam me caçando. Ele é a única pessoa que conseguiria fazer uma armadilha assim para mim, sem me fazer imaginar nem uma vez que estava entrando em uma armadilha. As informações cuidadosamente vazadas sobre o que Yhar Enu estava fazendo, os dados sobre seus hábitos e o que podia conseguir. A festa. A nave saindo da cidade no horário perfeito para eu escapar. Eu conferi a nave – este cargueiro faz entregas regulares em Ek'ho. Devia ter entendido que era coisa de Ithori assim que os homens do Corpo Militar me acharam. Raiva ou não, admito que ele me ensinou a maior parte do que sei. É óbvio que conseguiria prever meus movimentos.

Forço as cordas que estão prendendo minhas mãos quando ele me encara, sem nem tentar disfarçar o que estou fazendo. Ele vai entender que não é uma tentativa séria de escapar.

— Está tentando inverter os papéis agora, é? — pergunto. — Se não falha a memória, é você que gosta disso aqui.

Ithori estreita os olhos. Solto o ar com força quando ele não fala nada antes de virar as costas para mim e começar a dar instruções em voz baixa para os homens que me prenderam.

Paro de forçar as cordas. Já sei que não vai adiantar tentar provocá-lo. A única coisa que posso fazer é esperar até ele terminar de dar suas ordens e olhar para mim de novo. E odeio isso com todas as minhas forças. Ithori está me forçando a ficar parada esperando. A não agir. E ele sabe exatamente o que está fazendo.

Viva o agora. Não pense no que foi, porque senão não vai conseguir agir. Eu me lembro das palavras exatas dele, quando estávamos os dois presos em uma nave pirata, bem antes de irmos parar no bando de Drek. *E não agir, no Acordo, é morrer.* E aqui estou eu: parada, sendo forçada a esperar, sem conseguir pensar em nada, sem ter a menor chance de escapar.

Os dois guardas ainda dentro da sala estão usando capacetes, então não consigo ter certeza da reação deles às ordens, mas sua postura me faz achar que não estão satisfeitos. O homem segurando o atordoador abaixou a mão, mas não guardou a arma. Para mim, isso é uma ótima indicação da opinião dele. Por fim, os dois saem e fecham a porta atrás de si.

— Precisamos conversar.

Não respondo. Ithori ainda está de costas para mim, e tenho a impressão de que está tenso. Ótimo. É melhor estar tenso mesmo. Ele me deve muitas explicações. Ou melhor, não deve. Ele não me deve nada, e não quero mais nada com ele.

Ele se vira para mim, com a mesma expressão dura.

— Suelen, precisamos...

— Eu ouvi da primeira vez.

Ithori me encara e o tom laranja da sua pele fica mais visível por um instante, antes de voltar ao normal. Não falo mais nada, apenas continuo parada onde estou. Ele pode até dizer que quer conversar comigo, mas não fala nada.

Continuamos nos encarando, até que ele solta um suspiro que mais parece um sibilar e vem na minha direção.

— Não tente nada. Não vai conseguir sair daqui.

Não respondo enquanto ele para atrás de mim e começa a soltar a corda amarrando minhas mãos. Não duvido do que Ithori falou, ele com certeza já analisou todas as rotas de fuga e as bloqueou. É o que eu teria feito.

Ele tira a corda das minhas mãos e balanço os braços, aliviada, antes de girar os pulsos e me virar para ele. Isso me coloca entre Ithori e a porta, mas ele não parece se importar. Provavelmente os homens do Corpo Militar ainda estão do lado de fora, e não me esqueci do atordoador.

— E isso é sua ideia de “conversar”? Me prender? Me caçar por seis meses, como seu guarda falou?

Ithori me encara por um instante e tenho a impressão de que está tentando não sorrir. Se ele fizer isso, não importa se não sou uma lutadora, vou acertar a cara dele.

— E você teria vindo se eu tivesse mandado uma mensagem? — ele responde no mesmo tom seco.

— Talvez. — estreito os olhos.

É óbvio que não. Não depois que ele *me mandou uma mensagem* e desapareceu de novo.

E então percebo que ele falou como se soubesse exatamente como entrar em contato comigo, sendo que faz dois anos desde que escapei do complexo Dyraiv e desapareci no submundo do Acordo. Inclino a cabeça, sem querer acreditar.

— Você está me rastreando. — é a única explicação.

Ele faz uma careta. Pelo menos Ithori sabe muito bem o que penso disso. Me rastrear. Como se eu fosse um animal. Como se eu não tivesse o direito de ir para onde bem entendesse.

— Não eu.

— O Corpo Militar, então. Não faz diferença.

Desta vez Ithori dá um passo atrás e desvia o olhar. Não gostou de ouvir que ele e o Corpo Militar dão na mesma? Que pena. É a verdade.

— Não. Gabriela. A terráquea que é a companheira de Kernos. Ela está rastreando todas as terráqueas que conhecemos, por garantia.

Companheira? Eu ouvi as histórias sobre como Kernos re'Dyraiv, o Alto Comandante do Corpo Militar e representante dos rhergari no Conselho do Acordo estava com uma terráquea, que o ajudou a prender Te'vi Arcen, um dos responsáveis pelo tráfico de mulheres. Não foi difícil me lembrar da terráquea que passou algumas horas presa junto comigo. Kernos a comprou, pouco tempo antes da nave onde aquele mercado de mulheres funcionava ser atacada por Drek. Mas, mesmo que eu estivesse lá quando ele discutiu com os mercadores para levar a mulher, não pensei que os boatos sobre eles serem *companheiros* fossem verdade. Um rhergari e uma terráquea? Difícil. Eles não gostam de se misturar.

Ithori faz um ruído impaciente e levanto uma sobrancelha. Ele solta o ar com força.

— Agora que tiramos isso do caminho... Você roubou as pedras?

TRÊS

Eu não esperava por isso. Agora, pensando bem, faz todo sentido. Se foi uma armadilha para mim... Mas as primeiras informações sobre o homem que roubei começaram a aparecer meses atrás. Quase um ano. E estou falando na contagem terráquea. Começaram com alguns boatos um pouco mais específicos sobre as atividades ilegais dele, mencionando carga viva. Precisei de meses para encontrar uma fonte razoavelmente segura que me confirmasse isso, e então mais meses até conseguir uma confirmação de que a tal “carga viva” eram mulheres terráqueas. E então foram três meses estudando seus hábitos, conseguindo informações sobre suas propriedades e tentando descobrir onde ele estava mantendo as mulheres. Um mês para planejar como invadir sua mansão e libertar as terráqueas, apenas para descobrir que elas tinham sido movidas poucos dias antes para outro lugar. Então, mais algumas semanas para planejar o roubo das pedras preciosas, onde eu tinha certeza de que ia encontrar alguma informação sobre seus negócios. Com sorte, conseguiria informações sobre onde as mulheres estão. Sem sorte, teria informações o suficiente para acabar com sua fortuna. Ou quem sabe fazer ele ser preso.

E agora tenho a impressão de que Ithori planejou tudo isso. As informações, meu roubo... Não foi só uma armadilha para mim, foi uma manipulação para que eu fizesse o que ele queria. As pedras preciosas... O Corpo Militar provavelmente quer estas informações, mas não têm como ter acesso a elas. Nem se rebaixariam a roubar.

Mas, mesmo que eu tenha feito exatamente o que ele queria, não sou louca a ponto de confessar um roubo para um capitão do Corpo Militar. Por enquanto sou só uma passageira clandestina. Se passar a ladra, minhas chances de escapar ficam bem menores. Claro que ele só precisa me revistar para descobrir a resposta, mas não vou facilitar.

— Que pedras?

Ithori estreita os olhos, me encarando de cima a baixo. Sei que não dá para notar nada olhando assim, minha roupa foi feita para esconder minhas aquisições.

— Nós sabemos que Yahar Enu um dos novos ricos de Ek’ho estava transportando mulheres terráqueas. Posso te passar números exatos, agora que não preciso medir quanto posso falar.

Ele realmente planejou tudo. Minha vontade é sorrir – Ithori é muito bom nisso – mas me recuso a mostrar qualquer coisa positiva. Ele me enganou por anos, me deixou achar que tinha morrido, me usou para conseguir informações, sabendo que eu ia precisar trair meus amigos. E, claramente, ele não vê nada de errado nisso, senão as primeiras palavras dele para mim não seriam essas.

— Interessante. O que eu tenho a ver com isso?

Ithori solta um grunhido e preciso fazer um esforço para não sorrir. Está frustrado, é? Experimente descobrir que a pessoa em quem você mais confia estava mentindo para você o tempo todo.

— Gabi está te rastreando desde poucos dias depois que saiu do complexo Dyraiv, dois anos atrás na contagem terráquea. Se alguém quisesse te prender, só precisávamos puxar os dados para saber exatamente onde estava e o que estava fazendo. E acredite, todos nós temos uma boa ideia do que você esteve fazendo nesse tempo.

Levanto as sobrancelhas e continuo sem responder. Isso que ele falou é interessante. Todos os meus contatos dizem que o Acordo não tem como rastrear indivíduos. Aparentemente, anos atrás alguém pensou em usar identificadores implantados nas pessoas, mas a ideia não foi para a frente

justamente porque não aceitaram a falta de privacidade que isso poderia gerar. Se a tal Gabi consegue me rastrear... Quem diria que a garota que foi jogada em uma cela comigo ia ter esse tipo de truque na manga.

— O que você quer para me responder? Vou ter que fazer a lista do que sei que você fez para provar que não estou aqui para te prender?

Ótima pergunta, realmente. Na verdade, eu queria era ter ouvido um pedido de desculpas e qualquer tipo de explicação. Obviamente, isso não vai acontecer.

— O que eu quero já sei que não vou ter. Mas posso me contentar com uma garantia gravada de que não vou ser presa por te responder e que vou sair desta nave livre.

Ele faz outro ruído irritado e tira um tablet de um dos bolsos. Desta vez eu sorrio. Não achei que ele fosse concordar, mas não vou reclamar. Encaro enquanto ele digita algo no aparelho – que eu sei muito bem que não é um tablet, mas esse é o único termo que tenho para o aparelho. Computador portátil seria algo mais próximo, mas isso só me faz pensar em um notebook.

— Aqui. — Ithori estica o tablet para mim.

Pego e leio o documento que está na tela. É bem simples e direto, e está marcado com o identificador de Ithori, o que é tão bom quanto uma assinatura, aqui. Ele se compromete a não usar nada que for falado nesta nave contra mim, nem usar qualquer tipo de conhecimento prévio para me manter aqui contra minha vontade, e garante que vou sair da nave livre e ilesa assim que responder suas perguntas. Nada mal.

Tiro um micro-tablet do bolso e copio o documento antes de devolver o tablet para Ithori, que está me encarando com uma expressão estranha. Se ele pensou que eu não ia me garantir, está muito enganado.

— E então...? — ele pergunta.

— Estou com as pedras.

— Ótimo. Preciso delas.

Estreito os olhos quando ele estende a mão. Ithori não está pensando que vou entregar tudo assim, não é?

— É mesmo?

Se ele faz tanta questão delas, que tivesse chegado lá e feito o trabalho duro por conta própria, em vez de me manipular para correr todos os riscos.

— Suelen, nós precisamos das informações que estão nessas pedras.

— Se a terráquea... Gabriela, não é? Se ela consegue me rastrear, com certeza consegue roubar estas informações. Peça para ela. — cruço os braços.

Nossa, estou parecendo uma criança birrenta. Ou uma adolescente com ciúmes. Mas tenho todo direito de não entregar nada para Ithori. Especialmente se ele quer continuar agindo assim, como se tivesse qualquer direito de me dar ordens.

— Suelen, você sabe tão bem quanto eu o que essas informações significam.

— Claro que sei. Por que acha que não quero te entregar?

Ele dá um passo na minha direção e eu levanto a mão. Ithori queria que eu respondesse suas perguntas? Já respondi.

— Vou ser bem clara: não confio em você. — e sou uma péssima pessoa por ficar satisfeita quando ele recua de novo. Não que me importe com isso. — Não vou entregar as pedras e as informações.

— E o que acha que vai conseguir fazer com elas, sozinha?

— Não sei. Mas vou fazer alguma coisa, e não estou necessariamente sozinha. É melhor que confiar que o Corpo Militar vai fazer o que é certo. — dou de ombros. — Não tive esse trabalho todo para ficar sem as informações e vocês não fazerem nada com elas.

E, levando em conta que, sozinha, eu quase consegui resgatar as mulheres que estavam na propriedade do homem, não duvido que consiga aproveitar bem essas informações. Se for o caso posso vazar alguma coisa para Ithori. Se ele acha que é o único que pode fazer isso, está muito enganado.

Ithori me encara por um instante, impassível, antes de assentir de forma dura.

— Você não vai sair daqui com as pedras. — ele fala.

Levanto as sobancelhas e gesticulo na direção do tablet que está no meu bolso.

— Eu prometi deixar você sair livre e ilesa. Não falei nada sobre manter seus pertences. E, tecnicamente, as pedras nem mesmo são suas.

Respiro fundo. Então este é o Ithori de verdade. Como é que algum dia consegui confiar nele? Como foi que ele conseguiu me convencer de que era alguém como eu e como foi que tive coragem de ser amante dele? Minha raiva ferve de novo, e nem tento controlá-la.

— Tente tirar alguma coisa de mim.

Ele perdeu sua chance quando seus homens não me revistaram logo que me encontraram. Se tivesse tirado minhas ferramentas, ele até conseguiria tomar as pedras de mim. Mas não sobrevivi sozinha no Acordo por dois anos sem aprender a me virar.

Ithori estreita os olhos. Flexiono os joelhos, só o suficiente para facilitar meus movimentos se ele avançar, e levanto o queixo. Quer as pedras? Boa sorte.

— Suelen... — ele começa.

Balanço a cabeça. Não adianta insistir.

Se eu não estivesse esperando por algo assim, mal ia ter notado seu movimento. Desvio, enfiando a mão em um dos bolsos para puxar meu taser alien, mas Ithori é mais rápido e segura meu braço. Giro o corpo depressa, ao mesmo tempo em que me aproximo mais dele. É mais fácil escapar quando vai na direção que a pessoa que está te segurando não espera, e esse truque nunca me falhou até agora. Giro de novo, levantando o taser entre nossos corpos e apontando para ele, ao mesmo tempo em que Ithori me empurra na direção da parede. Tento escapar, mas ele calculou bem seu movimento. Uma das suas mãos está ao redor da minha cintura, prendendo meu braço esquerdo junto ao corpo e me mantendo no lugar, e a outra segura meu braço direito, me focando a apontar o taser para o chão.

— Um taser? Você ia usar um taser em mim?

Não, estou segurando um taser porque achei bonitinho, só isso.

Seu corpo está bem posicionado, sem chances de eu conseguir desequilibrá-lo. Mas... Jogo a cabeça para trás com força. Ithori resmunga alguma coisa que não entendo, mas não consigo acertá-lo. Droga. Tensiono o corpo, mas ele me gira depressa, me colocando de costas para a parede, sem me dar uma chance de levantar a arma, e não consigo nem mesmo um ângulo para acertá-lo de raspão. Ele não era tão rápido assim quando estávamos entre os piratas.

Ithori vai pagar por isso.

— Um taser, Suelen? Sério?

Não respondo. O que ele esperava? Que eu fosse ficar parada e deixar ele fazer o que

quisesse?

Ithori balança a cabeça e olha para o taser na minha mão de novo antes de me encarar. Engulo em seco quando seu olhar prende o meu. Conheço essa expressão. Conheço bem demais. Só não... Não esperava ver ela agora. Ele aperta seu corpo contra o meu e sinto sua ereção. Minha respiração falha e preciso fazer um esforço para não gemer. Ithori sabe exatamente o que eu gosto e como eu gosto, e não tenho como negar que senti falta dele, do corpo dele apertado no meu.

Noto quando a respiração dele também falha e nos encaramos, sem dizer nada. Tenho quase certeza que ele está se lembrando das mesmas coisas que eu. Nós tivemos uma coisa boa, não tem como negar. Boa demais. E continua sendo excelente, só pela sensação de ter ele apertando seu pau duro contra mim, e...

E menos de um minuto atrás, ele estava me ameaçando.

Me lembrar disso é o balde de água fria que eu precisava.

— Me solta. — minha voz sai grave e baixa, e quase não a reconheço.

Ithori se afasta como se eu fosse ácido.

Respiro fundo, brigando contra o meu corpo. Ithori pode ser bom de cama e saber exatamente o que eu gosto, mas isso não muda o fato de que ele *me enganou* por anos e ainda está agindo como se isso não fosse nada demais. E muito menos muda o fato de que ele acabou de me ameaçar. Como se eu já não tivesse motivos o suficiente para querer apagar ele de vez da minha vida.

— Tenho uma proposta para você. — Ithori fala, em voz baixa.

Me viro para ele. Uma proposta? Depois de ter *me ameaçado*? Essa é boa.

— Só me escute antes de sair. — ele continua, balançando a cabeça.

Certo. O que tenho a perder? Não tenho como sair dessa nave pelas próximas duas horas, de qualquer forma. Isso partindo do princípio de que estão mantendo a rota que foi registrada com o controle de tráfego em Ek'ho.

Cruzo os braços e espero.

QUATRO

Ithori encara o taser que ainda está na minha mão, mas não fala nada. Ótimo. E eu sei por que ele está surpreso assim. Meu taser é um dos modelos do mercado negro, menor que os modelos “civis”, com bem mais potência e uma área de alcance maior, sem precisar de eletrodos que seriam atirados e depois trocados. Ele realmente pode ser considerado uma arma ofensiva, e foi justamente por isso que dei meu jeito de conseguir um. Uma mulher terráquea sozinha no Acordo? Estar armada é questão de sobrevivência. Somos mercadoria aqui. Sem direito a cidadania e consequentemente sem direito a nada.

— Estou esperando. — falo.

Ele suspira e dá alguns passos de um lado para o outro na sala vazia, sem se aproximar de mim. Melhor assim.

— Existe uma força-tarefa trabalhando contra o tráfico de mulheres terráqueas. Não é uma operação do Corpo Militar, mesmo que alguns de nós estejam envolvidos. Gabi começou a organizar tudo e Kernos jogou a influência dele por trás, entrando com os contatos e poder de fogo que Gabi não consegue levantar sozinha.

— Por isso você tinha as informações sobre o cara... — murmuro.

Ithori assente.

— Temos motivos para acreditar que Yhar Enu está encaminhando as mulheres terráqueas que ainda estavam nos mercados ou em coleções privadas para uma localização segura.

— Se me rastrearam...

— Gabi não consegue rastrear essas mulheres. Ela perde o sinal assim que passam para as mãos de Enu.

Suspiro. É claro que não vai ser fácil assim. Mas, por mais interessante que isso tudo seja...

— E o que isso tem a ver comigo?

— Você está ficando um tanto quanto conhecida em certos círculos. Quase conhecida o bastante para ser colocada na lista de pessoas procuradas pelo Corpo Militar.

Estreito os olhos.

— Isso é uma ameaça?

Ithori balança a cabeça e se vira para me encarar.

— É um fato. E isso nos leva à proposta. Você trabalha conosco, na força-tarefa, ou vai ser colocada em prisão domiciliar.

Levanto as sobrancelhas e olho para o taser na minha mão, antes de encarar Ithori de novo.

— “Nos ajude ou seja presa”? Ótima proposta. Pelo que estou entendendo, vou estar presa de qualquer forma.

— Você vai estar trabalhando para derrubar o tráfico de mulheres terráqueas. Não é isso que sempre quis fazer? — ele estreita os olhos. — E acredite, a prisão domiciliar é uma opção muito melhor que mandar uma *terráquea* para as prisões comuns.

Nesse ponto, ele está certo.

— Isso só quer dizer que preciso tomar cuidado o bastante para não ser pega.

— E por quanto tempo vai conseguir continuar fazendo isso? — Ithori dá alguns passos na minha direção e para. — O que vai acontecer quando não for mais útil para os seus contatos no

submundo? Acha que não vão ser os primeiros a te vender?

— Até lá, vou ter dado um jeito. — cruza os braços de novo. Ele está certo, de novo, mas eu sei exatamente o risco que estou correndo. Sei melhor que ele, aliás, porque é a minha vida em jogo.

— É mesmo? E vai fazer o quê? Pedir cidadania do Acordo? — ele volta a andar de um lado para o outro. — Tentar conseguir algum tipo de trabalho? Ou juntar dinheiro o suficiente para tentar desaparecer ou quem sabe voltar para a Terra?

Puxo o ar com força. Filho da mãe. Ithori sabe exatamente o que está fazendo. Mesmo que o Acordo passe a reconhecer terráqueos, não tem a menor chance de eu conseguir cidadania, depois de anos entre piratas e mercenários e agora trabalhando diretamente com o submundo. Ou seja, nenhum tipo de trabalho legal. E qualquer um no submundo que tenha dinheiro o suficiente para desaparecer do mapa normalmente acaba sendo caçado por bandos de piratas e caçadores de recompensas.

Na verdade, eu não faço a menor ideia do que vou fazer com a minha vida. Já pensei seriamente em pegar carona em alguma nave indo para a Terra, mas o que vou fazer quando chegar lá? Depois de pelo menos cinco anos – é difícil calcular o tempo terráqueo aqui – desaparecida?

Mas isso não muda o fato de que Ithori só está falando tudo isso para conseguir o que quer. Foi a mesma coisa que ele fez quando estávamos juntos – falou o suficiente para me fazer confiar. E a mesma coisa quando me convenceu a roubar os dados de Drek. Ele falou o que precisava para que eu agisse como queria, sem se importar com as consequências para mim.

— Já caí na sua conversa de “ajudar a parar o tráfico de mulheres” uma vez. E é justamente por isso que estou aqui. Não vou ser idiota a ponto de fazer isso de novo.

Ithori para de andar de um lado para o outro e me encara.

— E é por isso que nós dois estamos aqui, porque foi por causa daqueles dados que conseguimos prender Arcen. — Ithori suspira. — Se está preocupada com Drek achar que é uma traidora, não precisa ficar. Ele sabe exatamente por que você roubou as informações e entende a escolha que fez.

Inclino a cabeça. Como ele sabe disso? Os piratas *nunca* iriam lidar com alguém do Corpo Militar. Provavelmente é mais uma mentira, ele só está falando o que precisa para me convencer.

— Drek está trabalhando para Gabi também. Ele e o bando todo sabem que sou do Corpo Militar e que estava infiltrado entre os piratas. Já nos entendemos sobre esse assunto.

Estou ficando curiosa sobre essa Gabi. Drek está trabalhando *para ela*? Nunca pensei que ele fosse aceitar algo assim, ainda mais levando em conta que ela é companheira do Alto Comandante do Corpo Militar.

E mesmo não tendo certeza de que posso acreditar em Ithori, quero que isso seja verdade. O bando de Drek foi quase uma família enquanto estive com eles. Ainda estaria lá, se Ithori não tivesse me feito roubar os dados para ele. No fim das contas, é isto que importa.

— Alguma vez na vida você já pensou nas consequências para as pessoas que manipula? — pergunto.

Ithori se endireita.

— Eu não manipulo as pessoas.

— Engraçado, porque foi exatamente o que fez comigo.

— Eu só te ofereci oportunidades.

— Você usou o que conhece sobre mim para me fazer agir como queria, sem se preocupar com o que aconteceria depois, desde que tivesse o resultado desejado. Manipulação.

E ele nem precisou fazer esforço. Apenas enviou uma mensagem para mim, quando estava com o bando de Drek, me falando que podia ajudar a parar o tráfico de mulheres se conseguisse as informações que ele precisava. E eu, como uma idiota, roubei as informações, porque sempre quis fazer algo contra o tráfico e nunca consegui. Nem pensei no que viria depois, que estaria sozinha. Ou melhor, pensei. Imaginei que Ithori fosse se encontrar comigo para pegar os dados, que tinha um plano. Confiei nele. Em vez disso, fui parar numa fortaleza do Corpo Militar. Eu poderia estar presa agora, ou até mesmo morta, por causa disso.

— Eu fiz o que precisava fazer. — ele fala, entredentes. Alguém não gostou do que ouviu.

Levanto as sobrancelhas e apoio o peso do corpo na perna direita.

— Fez o que precisava fazer sem se importar se estava colocando minha vida em risco com isso. E fez a mesma coisa de novo: planejou tudo para que eu roubasse as pedras. Acha que vai me convencer que em algum momento pensou em mim ou qualquer outra pessoa como alguma coisa que não fosse uma ferramenta para conseguir o que quer?

Ithori não responde imediatamente, só me encara. Sua pele fica mais laranja de novo e eu não faço ideia do que sua expressão significa. Continuo onde estou, mas aperto meu taser e miro discretamente. Se ele der meio sinal de que vai avançar, vou atirar antes que chegue perto demais, mesmo que o tiro pegue só de raspão.

— Eu não coloquei sua vida em risco. — ele fala.

Pisco. De tudo o que falei, é nisso que ele vai focar? Não sei se considero um elogio ou um sinal de como ele é um babaca. Pelo visto, Ithori nem *pensou* no que podia acontecer.

— Não? E me fazer abandonar o bando não foi colocar a minha vida em risco? Me colocar nas mãos do Corpo Militar?

Ele balança a cabeça, ainda com aquela expressão estranha.

— Darius não ia te deixar presa. Estávamos esperando que escapasse de uma forma ou outra. E você não estava correndo risco. Esqueceu que te conheço? Sabia que ia dar um jeito. É isso que você faz.

Não vou considerar isso um elogio. Não vou. É inocência demais dele pensar assim. Inocência ou pura idiotice.

— E eu sei o que fiz. — ele continua, ainda parado no mesmo lugar. — Por isso que concordei em trazer essa proposta. É sua chance de fazer o que sempre quis e ter alguma estabilidade, ao mesmo tempo. Nós estamos fechando o cerco, mas ainda não temos todas as informações.

— E para conseguir essas informações você vai colocar minha vida em risco, de novo.

— Vai ser um risco menor que se continuar tentando fazer alguma coisa sozinha. E, se nossa força-tarefa estiver envolvida no resgate das terráqueas, elas vão ter mais opções do que se você as tirar de onde quer que estejam sozinha.

Quero odiar Ithori por fazer tanto sentido. E por saber exatamente o que dizer, mesmo que eu saiba que nada é mentira. Posso tentar resgatar as mulheres sozinha, mas o que vai acontecer com elas depois? Se essa força-tarefa estiver envolvida, as chances delas são melhores.

— O que vão fazer com elas?

Ithori não sorri, pelo menos, mesmo que eu tenha certeza de que ele sabe o que minha

pergunta quer dizer.

— A escolha vai ser delas. Estamos preparados para levá-las de volta para a Terra ou encontrar um lugar para elas aqui. — ele sorri. — É impressionante como Gabi consegue arrumar emprego para todo mundo em alguma das suas propriedades.

Preciso de alguns segundos para entender o que ele quer dizer, e então me lembro. Isso foi comentado por toda parte, na época: quando Arcen foi preso, boa parte das suas propriedades passou a ser da terráquea que ajudou Kernos re'Dyraiv. E Arcen era *rico*.

Eu não preciso aceitar. Ithori já me deu outra opção: posso ir atrás de Drek. Se ele não me considera uma traidora, talvez eu consiga um lugar no bando, de novo. Mesmo que o bando seja parte dessa força tarefa, é melhor que aceitar uma proposta dessas.

Às vezes eu odeio minha consciência.

Solto um suspiro resignado e balanço a cabeça. Vou atrás dessas mulheres de qualquer forma, e vou continuar acompanhando qualquer informação sobre o tráfico de terráqueas. Entre fazer isso sozinha e fazer isso com uma equipe decente...

— Quem é o responsável por essa operação?

A expressão de Ithori quando o seu olhar encontra o meu já me dá a resposta.

— Eu.

Ótimo. Excelente. Vou aceitar essa proposta e, para melhorar tudo trabalhar sob ordens da pessoa que eu queria esquecer que existe. Perfeito. Tem como ficar melhor?

— Quero essa proposta em um contrato escrito. E todos os termos da operação.

Ithori assente, sério. Penso melhor no que estou fazendo.

— Vou entrar nisso como uma consultora independente. Quero isso registrado, também. Nem sonhe que vou aceitar ordens suas cegamente.

Um apito suave me conta que tem alguém na porta da minha cabine. *Minha cabine*. Faz muito tempo que não posso dizer isso. Normalmente sou uma passageira clandestina ou então estou negociando trabalho em troca de passagem. Sorrio enquanto rolo na cama estreita e me viro para encarar o terminal ao lado da porta. Não preciso fazer esforço para pensar em quem está ali.

— Suelen? Vai passar a viagem toda aí?

Deixa eu pensar...Vou! Tenho uma cabine de luxo só para mim, com uma cama larga o bastante para poder *rolar* nela sem cair, com um colchão que me faz lembrar de uma vez, quando eu tinha uns dezesseis anos, quando juntamos alguns amigos e fomos “experimental” colchões em uma loja especializada. E se eu ficar nas áreas comuns da nave *Ithori* vai querer discutir estratégias e possibilidades. Isso pode até ser útil, mas não vai adiantar muito enquanto não temos uma ideia de para onde vamos. E a nave onde estamos não tem equipamento para descriptar os dados nas pedras preciosas. Ou seja: não vou passar tempo desnecessário perto dele. Não mesmo.

— Vou! — respondo quando escuto o apito de novo.

Ele resmunga alguma coisa que não consigo entender, mas o sensor no terminal diz que está se afastando. Ótimo. Não preciso ficar perto de *Ithori*. Aquele momento na sala, quando ele me jogou na parede, já é mais que o suficiente. Ele me enganou por anos, me usou, me ameaçou e teria tirado as pedras de mim à força. Não tenho nada que ficar me lembrando de quando ainda estávamos trabalhando juntos no bando de *Drek*, quando ele era meu amante. Não vale a pena. Foi bom enquanto durou. Agora eu já vi quem *Ithori* é de verdade, e preciso parar de pensar no passado. Acabou. Não volta mais. Não vai voltar, porque não vou aceitar isso.

Só falta meu corpo perceber isso, porque tenho a impressão de que, se fizer meio esforço, consigo sentir *Ithori* se apertando contra mim. E não quero isso. Não quero pensar em como o corpo dele continua encaixando perfeitamente no meu. Nem em como seu rosto não mudou, com aquele mesmo toque de algo perigoso que chamou minha atenção desde o começo e me fez perceber que ele não era humano.

Respiro fundo e rolo na cama de novo. Preciso parar de pensar nisso. Não sou uma adolescente deslumbrada para ficar suspirando por ninguém – muito menos por alguém com o currículo de *Ithori*.

Já faz algumas horas desde que ele me entregou o contrato, com todos os detalhes bem explicados. Pouco depois, saímos do cargueiro para uma nave menor, que aparentemente já estava à espera. O restante dos homens do Corpo Militar não nos acompanhou e eu não cheguei a ver a tripulação desta nave antes de *Ithori* me mostrar minha cabine e dizer que chegaríamos à sua base em seis horas, sem esconder sua irritação.

Eu sei exatamente o motivo daquilo. Não me importo que *Ithori* tenha ficado ofendido com minha exigência de um contrato escrito – e especialmente com minha condição de não estar sob ordens dele. Não sou idiota ou orgulhosa o suficiente para ignorar tudo o que ele falar. Ele é bom no que faz, muito bom, senão não seria um capitão. E, mais que isso, aprendi muito com ele quando ainda estávamos com os piratas. Apenas quero ter certeza de que não sou ser *obrigada* a seguir suas ordens. Posso ter aprendido com ele, ele pode ser do Corpo Militar, mas passei dois anos me virando sozinha no submundo do Acordo. Dependendo do que formos fazer, vou estar mais

preparada que ele, como o fato de eu ter roubado as pedras já provou.

E nem tenho que me importar com os sentimentos de Ithori. Ele nunca se importou com os meus.

Mas não demora muito para eu cansar de rolar de um lado para o outro na cama. Não estou mais acostumada a ficar muito tempo parada assim. Camas são para dormir, ficar parada é para quando estou vigiando algum alvo. Me levanto e olho para o relógio no painel ao lado da porta. Na verdade, até demorou bastante para o tédio me fazer levantar. A essa altura, provavelmente já estamos chegando na tal base que Ithori mencionou.

Saio da cabine e sigo pelo corredor, passando a mão de leve pelas barras que correm pelas paredes claras. Ithori apontou onde ficava a sala de recreação quando entramos na nave, e é para lá que vou, mesmo que isso queira dizer me encontrar com ele. Se vamos trabalhar juntos, não adianta continuar fugindo. Preciso é ignorar qualquer coisa que ele me faça sentir, isso sim.

Mais fácil falar que fazer.

A sala de recreação é mais simples do que eu esperava, levando em conta a minha cabine: dois sofás de três lugares, uma mesa de centro, uma unidade de entretenimento encostada em uma das paredes e uma geladeira em outra. Ithori está sentado em um dos sofás, encarando algo no seu tablet.

— Pensei que tivesse desmaiado na cabine. — ele comenta, sem levantar a cabeça.

Ainda está irritado. Nem me dou ao trabalho de responder, só me sento no outro sofá.

— Como me localizou no cargueiro? — pergunto.

Ithori me encara e dou de ombros. Tive algumas horas para pensar e não entendo como ele fez aquilo. Se ele planejou tudo, não seria difícil deduzir que eu estava entrando por uma escotilha. Agora, me localizar dentro da nave? Não era tão simples assim. E se os homens do Corpo Militar tivessem feito uma busca eu teria acordado antes.

Ele sorri. Estreito os olhos, feliz por ter conseguido controlar minha respiração, mesmo que meu coração esteja disparando. É esse sorrisinho que sempre me tira do sério: como se ele estivesse vendo a coisa mais importante do mundo. Eu já o vi sorrir assim tanto no meio de uma luta, logo antes de matar alguém, quanto quando estava em cima de mim. Ou debaixo de mim. E preciso sair dessa linha de raciocínio.

— As grandes empresas de logística estão instalando um novo sistema de segurança nas suas naves. O sistema ainda está em fase de testes, mas é bem efetivo.

É, notei. Em fase de testes. Isso explica porque eu não estou sabendo de nada. Meus contatos são bons, mas mesmo assim demora um pouco até as informações chegarem neles e então em mim.

Abro os braços no encosto do sofá e inclino a cabeça para trás. Hmm. Quero um desses para mim.

— Se a força-tarefa sabia que Enu está transportando as mulheres, porque não o prenderam? Faz mais sentido do que dar essa volta toda para conseguir informações. — e isso é outra coisa que está me incomodando. Pelo que conheço do Corpo Militar, eles não esperam para agir. Se têm provas, teriam prendido o homem no mesmo instante.

Ithori suspira e fica sério no mesmo instante. Não falo nada enquanto ele coloca o tablet na mesa de centro e apoia os braços nas pernas antes de me encarar.

— Desde que a força-tarefa começou a funcionar, já prendemos várias pessoas envolvidas no esquema. Em todas as vezes, o resultado foi que perdemos a trilha que estávamos seguindo. As informações desapareceram e as pessoas presas não tinham mais o que nos dizer. Em alguns casos,

as terráqueas compradas por eles foram movidas antes de conseguirmos resgatá-las e nunca mais as localizamos.

— Por isso a movimentação das mulheres. — falo. — Os envolvidos no tráfico estão sentindo a pressão, mesmo que a força-tarefa não seja de conhecimento público.

Isso está na minha cabeça desde que Ithori mencionou que as mulheres em “coleções particulares” estavam sendo movidas, mas agora faz sentido. Provas podem ser refutadas, mas qualquer um pego com mulheres terráqueas não vai ter a menor chance de defesa.

— Exatamente. Decidimos que não vamos agir mais tão depressa. Prender os nomes menores não está dando resultados, então precisamos derrubar o esquema de uma só vez, do alto. Yhar Enu pode nos levar a mais informações sobre quem está por trás disto.

E alguma coisa ainda não está fazendo sentido. Estreito os olhos, tentando entender o que está me incomodando.

— Quem está por trás disso... Não era Arcen? — pergunto. — Pelo menos foi isso que você falou quando mandou aquela mensagem para eu roubar os dados.

Ithori assente.

— Foi o que pensamos, que Arcen era no mínimo um dos responsáveis pelo tráfico. Agora, não temos mais tanta certeza. Ele fazia experiências com terráqueas e sua organização fez de tudo para continuar seu trabalho. — ele sorri. — Você vai ver o estrago que fizeram na nossa base quando tentaram capturar uma terráquea que escapou deles. Mas a organização de pesquisa dele não existe mais, e ainda assim os mercados de terráqueas continuam.

— Então se ele fosse um dos responsáveis, era apenas um de vários. Ou talvez nem isso.

Ele assente de novo.

— Estamos começando a pensar que é um caso de “nem isso”. Que ele era só um financiador. Solto o ar pela boca, com força. Perfeito. Praticamente de volta à estaca zero.

— Ou seja, a prioridade é conseguir informações. — nem tento esconder meu desagrado. Se a prioridade é essa, quer dizer que resgatar as mulheres vai ficar em segundo plano.

— A prioridade é conseguir informações sobre quem faz parte desse esquema e quem está por trás de tudo. Depois disso, informações sobre como estão conseguindo esconder as mulheres e se esconder. Resgatar as terráqueas é nossa terceira prioridade. — Ithori assente, sustentando meu olhar. — Mas se conhecesse Gabi ia entender que não tem a menor chance de deixarmos as mulheres lá.

Menos mal, então. Se bem que eu deveria ter imaginado algo assim, já que quem está por trás da força-tarefa é uma terráquea também.

— Isso vai ser uma infiltração. — murmuro. — E vai durar alguns dias, com certeza.

Ithori assente.

Sorrio. De repente tudo faz mais sentido.

— Está explicado porque vieram atrás de mim.

Ele não responde, mas não preciso de uma resposta. Se estavam me rastreando por esses dois anos, sabem que fiz vários trabalhos de infiltração assim. Me acomodo melhor no sofá, cruzando as pernas e fechando os olhos. Isso me deixa até mais tranquila sobre ter aceitado fazer parte da força-tarefa. Não é só um caso de me manter sob controle. Eles *realmente* precisam de mim.

A base que a força-tarefa está usando na verdade é uma estação mineradora abandonada dentro do que normalmente consideram como território dos piratas. Encaro os monitores enquanto nos aproximamos, vendo o cilindro meio disforme, com vários níveis rotativos. Eu me lembro desse lugar, Drek tinha uma rota que passava por aqui. Mas não me lembro de ver a marca de explosão onde tenho certeza que ficam os hangares principais. De onde estamos, a impressão que tenho é de que dois ou três níveis se tornaram inabitáveis.

Ithori se aproxima e para ao meu lado na sala de desembarque.

— O que aconteceu aqui? — indico o monitor com a cabeça.

— Os homens de Arcen nos atacaram tentando capturar uma terráquea que escapou deles. Eu comentei que você ia ver o estrago.

E que estrago. Balanço a cabeça. Acho que em todos os meus anos no Acordo, não estive envolvida em nada com esse tipo de poder de fogo. Onde é que estou me enfiando?

— E vocês não consertaram nada?

— Não vale a pena. A estação é grande o bastante para esses níveis não fazerem tanta diferença. Temos um escudo que bloqueia qualquer tipo de leitura termoenergética. Junto com as marcas de explosão, isso faz qualquer um pensar que a estação está realmente abandonada. — ele dá de ombros.

— Por algum motivo acho que isso seria um chamariz para os bandos de piratas.

Ithori dá uma risada baixa.

— Para isso temos o outro escudo.

Assenti. Uma estação de mineração dessas, afastada das áreas mais movimentadas do Acordo, teria boas defesas antes de ser abandonada. Eu não preciso de detalhes sobre o tal escudo para entender que é do tipo que faria qualquer pirata pensar duas vezes antes de atacar — porque se a estação tem esse tipo de defesa, então tem poder de fogo para atacá-los de volta.

Continuo encarando o monitor e fazendo o possível para ignorar Ithori parado ao meu lado enquanto a nave se aproxima. Um dos níveis superiores da estação se abre e entramos. Pelo que consigo ver, é um hangar pequeno para uma estação desse tamanho. Mesmo assim, é mais que o suficiente para a nave onde estamos e mais algumas naves pequenas.

Na primeira vez que fui para uma estação espacial, achei que podia sair assim que a nave pousasse. Por sorte, Ithori me segurou — isso foi antes de irmos parar no bando de Drek. Encaro o painel ao lado da escotilha principal, que está piscando com uma luz vermelha. Primeiro o hangar tem que ser fechado e pressurizado, senão vai ser morte instantânea para qualquer um que sair da nave sem roupas especiais.

Menos de cinco minutos depois, a luz vermelha se torna azul. Ithori toca um dos botões do painel e a escotilha se abre com um ruído sibilante, ao mesmo tempo em que uma rampa se estende à nossa frente. Deixo ele sair primeiro, por via das dúvidas, e desço logo atrás.

O espaçoporto realmente é pequeno, mas segue o modelo de construção padrão para estações espaciais. Olho ao redor. Uma nave individual que parece ser algumas décadas mais velha que eu e alguns contêineres velhos, um deles bastante enferrujado. Se alguém chegar aqui por acaso, vai realmente ter certeza de que a estação está abandonada.

Mesmo assim... Estreito os olhos e olho ao redor de novo. O procedimento normal é alguém receber os recém-chegados no hangar. Essa estação obviamente não está trabalhando assim, mas com certeza vai ter algum tipo de defesa aqui. É um chute, mas eu conheço os protocolos de segurança do bando de Drek e as localizações que têm prioridade para esconder alguém. Agora que estou procurando por isso, não preciso fazer muito esforço para ver o movimento discreto no alto de um dos contêineres. Duvido que alguém que não esteja acostumado com as medidas de segurança do bando consiga notar isso. E duvido ainda mais que alguém consiga reconhecer aquele posicionamento específico.

— Ei, Vhorr! — chamo.

Ele levanta a cabeça e sorri para mim. Sorrio de volta, mais satisfeita do que imaginei que ficaria ao ver a pele verde, cabelo azul e dentes afiados de um dos piratas de Drek.

— Então eles realmente te arrastaram de volta para onde as coisas estão acontecendo! — ele gesticula com o rifle que estava apoiado no contêiner.

— Acontecendo? Aqui? — rio. — Acho que vim parar justamente onde nada vai acontecer.

Vhorr ri e gesticula me mandando entrar, antes de apertar alguma coisa no seu comunicador e se abaixar de novo. Provavelmente está confirmando quem pousou no hangar. Me viro para Ithori, que está parado me encarando com uma sobrancelha erguida. Dou de ombros e começo a andar na direção da saída do hangar.

Ver Vhorr ali me confirmou duas coisas que Ithori contou. Primeiro, o bando realmente está trabalhando para Gabriela e é parte da força-tarefa. Segundo, eles realmente não me consideram uma traidora. Ia ter sido bom saber disso dois anos atrás. Eu não teria ido me virar sozinha. Teria voltado para o bando. Se bem que, por outro lado, estes dois anos valeram a pena.

E é bom ter uma confirmação de que Ithori não mentiu. Não quero pensar o pior dele, apenas não consigo evitar, depois disso tudo.

Ithori passa por mim e abre a porta. Saímos em uma sala de espera, com alguns sofás e monitores embutidos nas paredes. Na outra ponta estão os elevadores – três. Se bem que um deles parece estar com a porta emperrada.

— Conferir os dados primeiro? — Ithori pergunta, entrando em um dos elevadores.

Assinto. Quero tomar um banho, mas isso pode esperar. Quanto antes começarmos, mais rápido vamos poder fazer planos concretos. E mais rápido eu vou poder apagar Ithori da minha vida.

Travo os dentes enquanto subimos, de novo brigando comigo mesma. Não tenho nada que ficar me lembrando de tudo que já fizemos dentro de elevadores e outros espaços pequenos. Nunca tive esse problema com nenhum outro cara, então por que é que não consigo tirar justamente *Ithori* da minha cabeça?

Saímos alguns níveis abaixo do espaçoporto – não prestei atenção em quantos. Um olhar ao redor me mostra painéis e terminais espaçados na parede do corredor, e a temperatura aqui parece ser alguns graus mais baixa. Pelos terminais, é fácil deduzir que este é o nível de controle, onde as funções vitais da estação estão.

Ithori segue em frente, sem olhar para os lados. O acompanho, notando que a maior parte das salas que passamos está vazia. Escuto vozes vindas de algum lugar mais à frente e sorrio. Mais piratas que eu conheço. Se bem que acho que não posso mais chamar eles de piratas, já que estão trabalhando sob contrato. E Drek odeia o termo “mercenários”. Como é mesmo que chamavam os piratas sancionados pela monarquia? Corsários, isso.

Mas Ithori não me deixa parar nem para dizer “oi” direito quando passamos pela sala de controle. Ele definitivamente está irritado. Bem que eu queria saber o motivo. Aceno para os piratas que estão na sala de controle, escuto alguns cumprimentos meio gritados em resposta, e acelero o passo para acompanhar Ithori.

Entramos em uma sala com as paredes cobertas de terminais e monitores. Acho que é uma sala de comunicação, e se está vazia não é o sistema principal.

Ithori aponta para uma das cadeiras de frente para os terminais.

— Só precisamos separar os dados que podem ser úteis. Gabi vai conferir os detalhes depois.

Assinto e me sento na cadeira que ele apontou, ligando o terminal. Nem tento conter meu sorriso. Essa estação pode ser velha e ter passado anos abandonada, mas é óbvio que atualizaram todo o equipamento aqui. Eu teria que pagar bem caro para conseguir acesso a algum leitor desse tipo, especialmente um com rotinas de descriptação avançadas instaladas. Suspiro. Tantos trabalhos teriam sido muito mais fáceis se eu tivesse acesso a algo assim...

Ithori se senta ao meu lado e liga o outro terminal. Respiro fundo. Não quero ele perto de mim. Não quero. Mas não posso falar nada. Argh. Tiro algumas pedras preciosas de um bolso e ignoro sua mão estendida, antes de colocar a primeira delas na placa de vidro que é o leitor.

Antes de ir parar em um bando de piratas, eu nunca imaginaria que gravar informações em uma pedra preciosa, como se fosse um pen drive, fosse possível. Me lembro vagamente de ouvir alguma coisa sobre cristais e informações quando ainda estava na Terra, mas não consigo me lembrar de nenhum detalhe, nem levei muito a sério quando ouvi. Mas, entre os mais ricos no Acordo, e especialmente entre quem quer esconder suas informações, usar as pedras é o mais comum. Elas precisam de equipamento especial – caro e de acesso complicado – para serem lidas, além de terem uma capacidade de armazenamento de dados superior e mais uns tantos detalhes técnicos. As pedras que estão comigo vão desde cerca de um centímetro de diâmetro, pequenas o bastante para serem colocadas em anéis, até uma monstruosidade retangular de quase dez centímetros de comprimento.

O monitor pisca com um aviso de que a mídia está vazia. Sem nada aqui, então. Enfio a pedra em outro bolso e coloco a seguinte, uma que parece ser uma esmeralda. Não sei os nomes que as pedras preciosas têm aqui, mas sei seu valor. É o que me importa. Ela também está vazia. A coloco no mesmo bolso.

— Se dividir as pedras, vamos andar mais depressa. — Ithori fala.

E eu vou amar se ele não me lembrar que está sentado ao meu lado, a centímetros de distância. Como nos velhos tempos.

— Não se preocupe, vou te passar as que tiverem informações. Mas as outras são minhas.

A cadeira de Ithori range quando ele muda de posição, mas não me viro. Coloco outra pedra no leitor, já esperando a mensagem de mídia vazia.

Ithori segura meu pulso. Encaro sua mão antes de me virar para ele, me forçando a ficar impassível. Qual a dificuldade dele em manter distância?

— O que pretende fazer com essas pedras?

Perto demais. Ele está perto demais. Respiro fundo. Não é justo que eu fiquei desse jeito justamente por causa do homem que *me enganou* e *me ameaçou*. Solto o pulso com um gesto brusco e guardo a pedra vazia no bolso.

— O que acha? — resmungo. Ele continua perto demais. E eu me recuso a afastar minha

cadeira.

— Você não precisa disso para conseguir dinheiro. A força-tarefa vai te pagar um salário.

É, me lembro desse detalhe. Mas eu corri todos os riscos para conseguir essas pedras, acho mais que justo ficar com as que estão vazias. E não só por isso.

— E você acha que alguém no submundo vai aceitar o seu tipo de dinheiro quando formos atrás de equipamento?

Ithori estreita os olhos.

— Dinheiro é dinheiro. E qualquer equipamento que precisarmos, posso conseguir.

Solto uma risada. É estranho perceber que, nesse ponto, eu sei muito mais que Ithori. Os melhores mercadores do submundo não aceitam a moeda do Acordo. Eles trabalham com trocas. E se vamos infiltrar algum tipo de complexo para roubar informações, é óbvio que vamos precisar de equipamento que o Corpo Militar não vai conseguir nos fornecer.

Dou dois tapinhas no seu ombro.

— Às vezes você é tão inocente.

Eu não devia ter feito isso. Paro com a mão no ombro de Ithori, sem conseguir desviar o olhar do seu rosto. Ele coloca uma mão sobre a minha, sem realmente tentar me segurar ali, mas não consigo me afastar. Acho que não sou a única que está se lembrando de quantas horas passamos sentados em salas não muito diferentes dessa, e de como isso sempre terminava. Os olhos de Ithori quase me queimam e preciso morder o lábio para conter um gemido. Isso é novo. Mesmo quando estávamos juntos, nunca vi essa intensidade toda no seu olhar.

A mão de Ithori sobe pelo meu braço. Quantas vezes não paramos uma análise dessa mesma forma? Com ele subindo a mão pelo meu braço, me puxando para o seu colo...

Enfio a mão no seu cabelo enquanto ele passa os braços ao redor da minha cintura e me puxa para mais perto. Quando foi que saí da minha cadeira e fui para o seu colo? Não que isso importe. Me aperto contra ele.

Um beijo. Só um beijo. E aí vou parar de pensar nisso, porque já vou ter matado a vontade.

Puxo a cabeça de Ithori para junto da minha.

Não sei se tem algo de diferente ou se é só culpa dos anos afastados, mas o beijo de Ithori é elétrico. É a única forma que consigo definir. Me aperto contra ele enquanto sinto seus lábios nos meus e nossas línguas se entrelaçando. É a mesma coisa de antes, só que *mais*. Mais intenso, mais forte, mais...

Solto um gemido baixo quando ele enfia as mãos por baixo da minha blusa e passa as unhas pela minha pele. *Mais*. Só mais. Mordo seu lábio inferior, sentindo o calor do seu corpo, seu cheiro — algo que eu nunca consegui definir mas que sempre me atraiu tanto quanto seu rosto.

— Suelen... — ele geme.

Me aperto ainda mais contra o seu corpo, sentindo como ele já está duro. Por que demorei tanto a fazer isso? Puxo o cabelo de Ithori, fazendo ele levantar a cabeça, e me inclino para morder seu pescoço. *Isso*.

Preciso de um instante para entender o que é o apito que estou ouvindo. O leitor de dados, as pedras preciosas que roubei. Olho para o monitor. Essa tem dados.

E eu estou sentada no colo de Ithori, me agarrando com ele como se não houvesse amanhã. O mesmo Ithori que me enganou e me deixou pensar que estava morto por quase um ano, isso antes de me usar sem pensar nas consequências para mim.

Solto seu cabelo e volto para a minha cadeira.

— Suelen... — ele começa.

— Não. — pego a pedra azulada no leitor e a jogo para ele. — Se concentre no seu trabalho.

SETE

Encaro a tela com as quatro localizações que conseguimos tirar das pedras. Duas são do homem que roubei, Yhar Enu. As outras duas, não conseguimos descobrir nada a respeito. É óbvio que vamos ter que ir para uma delas. Reviro os olhos e me inclino para trás na cadeira, concentrada em ignorar Ithori. Não que isso vá adiantar por muito tempo. Já tenho uma boa ideia do que vamos precisar fazer.

— E agora? — pergunto.

— Agora eu mando esses dados para Gabi.

Claro. Vai ser fácil assim. Com certeza.

Suspiro.

— Se ela não está conseguindo rastrear as terráqueas, o que garante que vai conseguir alguma informação sobre essas localizações?

Escuto a cadeira rangendo quando Ithori se vira para mim. Continuo encarando o monitor.

— Tem alguma ideia melhor?

— Além de ir até as coordenadas sem saber onde vamos parar? — sorrio. — Tenho.

Ithori não fala nada. Respiro fundo e me viro para ele. Nem me surpreendo quando vejo que ele está me encarando.

Aquele beijo foi um erro. Um *grande* erro.

— Fazemos isso do meu jeito, enquanto Gabi não te dá um retorno. Conheço uma pessoa que negocia informações.

Ele inclina a cabeça, sem desviar o olhar.

— Onde?

— Nassi.

Ithori levanta a cabeça e estreita os olhos. Dou de ombros. Onde mais ele acha que alguém especializado em conseguir informações sigilosas e vendê-las vai estar?

Nassi é um entreposto no limite da área do Acordo. Se existe uma capital do submundo, é ele. Feito de várias áreas separadas, ele só existe até hoje por causa da sua construção: Nassi são vários asteroides escavados em um cinturão de asteroides. É quase impossível para quem não tem contatos ali achar um dos asteroides habitados, isso se conseguir achar uma rota segura para se aproximar. Nem mesmo Drek tinha contatos lá. Pelo menos, não na época que eu ainda estava com o bando.

— Como você foi parar em Nassi? — Ithori pergunta.

Dou de ombros. É uma longa história e foi mais sorte que qualquer outra coisa. Quando escapei do complexo Dyraiv levei alguns enfeites que vi nos corredores. Não demorei a descobrir que o material deles era bastante procurado e isso acabou me levando para Nassi.

— O importante é que tenho contatos que podem conseguir essas informações para mim. Se Gabi achar alguma coisa, comparamos dados. Se não... — dou de ombros de novo. — Já vamos ter o que precisamos. E posso conseguir equipamento enquanto estiver lá.

Ithori continua me encarando. O que ele esperava? Que eu perdesse a oportunidade de ter contatos em Nassi só porque é um lugar perigoso? Ou que eu nunca fosse precisar ir lá? Ele devia ter pensado nisso antes de me usar.

— Vou com você.

Abro a boca e fecho de novo. O quê?

— Não...

— A menos que você tenha aprendido a pilotar nesses dois anos, alguém vai ter que te levar.

Considerando seu hábito de pegar caronas em outras naves, não acho que seja o caso. Então eu vou.

Respiro fundo. Isso é uma péssima ideia. E não só porque quero distância. Ithori é do Corpo Militar. Se ele fizer qualquer coisa em Nassi depois que eu o levar até lá, vou ser responsabilizada. E não quero os chefões de Nassi atrás de mim.

— Prefiro que um dos piratas me leve. — falo. — Ou então pode me deixar em um dos planetas da orla que consigo uma carona.

Ithori pisca e balança a cabeça. Levanto as sobrancelhas. Algum problema nisso?

— Pegar carona saindo da orla... Por favor, pelo menos me diga que está falando de carona de verdade, não entrar como clandestina em alguma nave indo para Nassi.

Dou de ombros. Não vou negar que já fiz isso. Não foi a melhor ideia que já tive, mas não tive outra opção. E com as pedras preciosas nos meus bolsos posso até negociar passagem, então isso não vai ser um problema.

Ithori suspira.

— Nenhum dos piratas pode sair da base. Estamos funcionando com tripulação mínima. E não vou arriscar você pegar uma dessas caronas.

Estreito os olhos e cruzo os braços, empurrando minha cadeira para mais longe.

— Está querendo dizer que vou fugir com as informações?

Ele sorri.

— Só queria dizer que uma das suas caronas pode demorar tempo demais. Mas é interessante que essa tenha sido sua primeira interpretação.

Filho da mãe. Não foi isso que ele quis dizer, tenho certeza. Só sei que Ithori falou aquilo querendo uma reação minha, e não faço ideia do motivo. Tinha esquecido de como o raciocínio dele dá voltas estranhas, às vezes.

— Ou seja, eu vou te levar. — ele continua, se levantando. — Passei mais tempo que você entre piratas e mercenários. Acha que não vou saber me misturar em Nassi?

Não vou conseguir escapar disso. Insistir em ir sozinha vai ser uma perda de tempo. Conheço essa expressão. Ithori não vai ceder. Posso até usar a cláusula sobre eu não precisar aceitar suas ordens, mas preciso admitir que ele tem razão. Vai ser mais rápido se ele me levar e Ithori sabe se misturar entre mercenários e piratas.

Assinto, me levantando também.

— Qualquer coisa que fizer em Nassi vai ser minha responsabilidade, já que eu estou te levando. Então esqueça que é do Corpo Militar. E nem pense em voltar lá para prender alguém ou coisa do tipo depois.

— Então posso voltar para fazer negócios?

Estreito os olhos e não respondo. Se ele acha que isso é brincadeira, vai ter uma bela surpresa. Prefiro caçá-lo eu mesma do que esperar os chefões de Nassi virem atrás de mim.

Passo por Ithori e paro na porta.

— Onde é o refeitório? — pergunto sem me virar.

— Quatro níveis abaixo. Saímos em duas horas.

Saio sem falar mais nada. Levar Ithori em Nassi. Isso é uma *péssima* ideia. Provavelmente pior que minha ideia idiota de um beijo só... E por que é que estou pensando nisso? Deixo um ruído irritado escapar e bato no botão para chamar o elevador. Distância. Comida. Isso. Comida vai me fazer tirar Ithori da cabeça.

E eu não vou pensar besteira.

Estou chegando à conclusão de que nos três anos desde que saiu do bando de Drek, Ithori virou um velho rabugento. É a única explicação para como ele está irritado o tempo todo e por qualquer coisa. Eu realmente queria entender o motivo – de novo. Acho que nunca fiz uma viagem num silêncio tão incômodo quanto esta, mesmo contando algumas das minhas “caronas”.

Encaro os monitores à minha frente. Já estamos chegando em Nassi e Ithori não falou nada desde que saímos da estação, a não ser para me pedir as coordenadas e a trajetória. Suspiro. Preciso me lembrar de apagar os dados de navegação quando voltarmos para a estação. E eu espero muito não precisar fazer outra viagem com este silêncio irritante. Ou, pelo menos, que se isso acontecer não seja em uma nave individual, das que só tem lugar para um piloto e copiloto. Se essa nave tivesse uma cabine que fosse, já teria ido para lá. Da forma como está, fico tentada a ir para a cozinha minúscula ou me trancar no banheiro.

Ithori manobra a nave, contornando um asteroide, e nosso destino aparece na tela. Quatro meses sem vir aqui, mas tudo está igual, pelo menos visto de fora. Em Nassi, isso é um bom sinal.

— Qual o código para eu entrar em contato com a torre?

Até mesmo a voz de Ithori está soando rabugenta. Reviro os olhos.

— Você não entra em contato. Se alguém estiver trabalhando, vão nos chamar assim que estivermos dentro da área que é considerada como sendo deste asteroide. Se ninguém chamar, é por nossa conta procurar uma área de pouso vazia.

Ele resmunga alguma coisa em voz baixa. Nem tento entender, é bem fácil imaginar o que é. Esse sistema é bagunçado, sim. Mas funciona, de alguma forma. Continuamos em silêncio. Encaro os números em um dos monitores, mostrando nossa aproximação. Não vai demorar para estarmos dentro da área.

O comunicador pisca e Ithori aceita o contato.

— Bom dia, nave desconhecida. Ou seja lá que hora do ciclo diário é para vocês. Vão ter que esperar um pouco se quiserem visitar nossos mercados, estamos lotados no momento. O tempo de espera é de aproximadamente duas horas padrão.

Sorrio. Eu conheço essa voz. Não tem como confundir a empolgação falsa que sempre me faz pensar em algum tipo de anunciante.

Ithori se vira para mim.

— Duas horas?

Suspiro e me inclino na direção do comunicador, apertando o botão que vai abrir a comunicação do nosso lado também. Por que o universo está conspirando para me fazer ficar mais perto do Sr. Rabugento? Murphy *realmente* me ama.

— Ei, Mal, se me arrumar uma área de pouso depressa pode ser que eu tenha um presentinho para você.

Escuto o barulho de alguma coisa batendo em uma superfície de metal. Provavelmente uma caneca, levando em conta que estou falando com Mal. Posso ter passado algum tempo sem vir aqui, mas sei que não preciso falar meu nome.

— Su! Devia ter falado logo! Vou ter uma vaga em... Dois minutos, estão decolando. Andem depressa.

Sorrio. Não é sempre que dou sorte de ter algum conhecido operando as torres de controle. Isso realmente vai simplificar minha vida. Olho para o painel acima do comunicador e vejo as indicações da área de pouso aparecerem ali.

— Obrigada.

Ithori começa a manobrar.

— Não precisa agradecer. — pelo menos a falsa empolgação desapareceu da voz de Mal.

— Ei, Su, vai passar uns dias aqui?

— Não sei. Pryinala ainda está no mesmo lugar?

Ithori se vira para mim, estreitando os olhos. Dou de ombros. Não sei se ele reconheceu o nome ou se está irritado por algum outro motivo.

— O mesmo lugar de sempre, a senha daquele dia. — Mal responde.

— Ótimo.

— Te vejo mais tarde, então?

— Só não demore demais.

Mal ri e encerra a comunicação. Encerro do nosso lado também e me acomodo na cadeira, enquanto Ithori começa a manobrar para pousar.

— Contatos. — ele resmunga.

Não respondo. Nem sei o que ele quer dizer com isso, na verdade. É óbvio que Mal é um contato. Eu falei que conhecia pessoas aqui, não falei?

Ithori não fala mais nada enquanto espera a outra nave sair do nosso caminho para poder pousar. Pelo menos eu já tenho todas as informações que preciso para saber o que vamos fazer aqui.

Pryinala é paranoica e raramente fica no mesmo lugar por mais de uma semana. Ela passa uma lista de rotação de localizações para seus clientes mais fiéis, mas depois de quatro meses longe de Nassi não seria estranho se ela tivesse mudado a lista. Mal confirmou que ela ainda está usando as localizações que tenho e me passou a senha — eu sei exatamente o que ele quer dizer com “aquele dia”. Ele também já sabe que vou ficar aqui até Pryinala conseguir as informações que preciso ou confirmar que não tem acesso a elas, algo que é raro. E como lá é o primeiro lugar onde vamos passar, Mal vai nos encontrar assim que seu turno acabar, o que não deve demorar, para eu pagar pela área de pouso. Eu sabia que essas pedras preciosas iam ser úteis.

Ithori pousa depressa e alguns minutos depois saímos da nave. A área de pouso é um espaço retangular e de paredes escuras, com um terminal a um canto que pode ser usado para programar o reabastecimento da nave. Já ouvi umas tantas histórias sobre o que aconteceu com pessoas desavisadas que abasteceram em Nassi, fora dos hangares particulares dos mercadores e moradores. É melhor correr o risco de ficar sem combustível. Sorrio quando vejo que Mal nos colocou em um dos espaços que não são cobrados — a maior parte das vagas tem um sistema de cobrança por hora, como uma garagem. Preciso me lembrar de agradecer. Ithori olha ao redor e balança a cabeça. O que foi agora? Nem vou perguntar.

Abro a porta, espero Ithori sair, e fecho com o código que Pryinala me passou numa das primeiras vezes que fizemos negócios. O código funciona melhor que qualquer sistema de segurança e lacra nosso espaço até ser digitado de novo pela mesma pessoa. Não custa nada me prevenir.

— Você tem códigos de segurança.

Me viro para Ithori. Ele está me encarando. Pensei que a essa altura já ia estar analisando o que é visível da cidade-mercado.

Dou de ombros.

— Quantas vezes já veio aqui? — ele pergunta.

Ah, então é por isso que ele está encarando. Pelo visto Ithori sabe que só regulares conseguem códigos.

— Perdi as contas. Depois da primeira vez, passei a fazer negócios quase exclusivamente com os mercadores daqui.

Começo a andar na direção da parede de vidro que separa o espaçoporto da cidade propriamente dita. O lugar onde estamos é um corredor de saída, com portas para todas as áreas de pouso nesse nível. As paredes são de um material sintético escuro, que imita a cor do asteroide. Do outro lado do vidro, mesmo perto do espaçoporto, posso ver as luzes coloridas e o movimento constante de Nassi, contrastando com as paredes escuras de todas as construções.

— Você não... — Ithori começa.

E minha paciência tem limites. Me viro para ele.

— Eu não o quê? Não devia ter vindo? Não devia ter continuado a fazer negócios e aceitar trabalhos do pessoal aqui?

Ithori trava o maxilar e não fala nada.

— Não foi você que falou que sabia que eu ia dar um jeito, porque era isso que eu fazia? Pois então. Eu dei. E a pessoa que me usou e me colocou nessa posição não tem o menor direito de falar nada a respeito de como escolhi ganhar a vida.

Ele assente de forma seca. Melhor que nada. Me viro de volta para a porta, que se abre assim que me aproximo. Entro no elevador, que tem o mesmo piso escuro do corredor e paredes de vidro. Ithori me segue e começamos a descer.

Os mercados de Nassi são maiores do que parecem, porque são construídos em níveis. Lojas, casas, bares e áreas de treinamento se espalham sem uma lógica aparente, com edifícios que vão até o teto do seu nível, e as ruas são um verdadeiro labirinto. Além disso, alguns níveis são proibidos para seres humanoides, outros exigem roupas especiais para se entrar. Nassi é um dos poucos lugares onde todas as espécies se misturam, sem preocupação com essas coisas básicas como atmosfera e gravidade diferentes. Na primeira vez que vim aqui, estava quase tão assustada quanto quando percebi que tinha sido abduzida. Quatro anos com bandos de piratas e mercenários não tinham me preparado para o quanto o mercado é alien. Hoje, já me acostumei.

Paramos em um dos níveis humanos e a porta do elevador se abre. Olho para Ithori rapidamente antes de sair. Ele está vestido como quando ainda estávamos no bando de Drek: calças justas por dentro de botas reforçadas, uma blusa de mangas compridas feita de algum tecido especial que funciona como uma armadura leve e uma jaqueta quase grande o bastante para ser chamada de sobretudo, tudo em tons escuros. Consigo ver uma faca longa em uma bainha presa na sua cintura e tenho certeza que ele está carregando mais armas que eu.

Muito prazer, sou um pirata. Não tem nada do Corpo Militar aqui. Huh. Admito que não pensei que ele fosse conseguir se misturar tão bem. Implicância minha, eu sei, porque nem Drek nunca suspeitou que ele fosse do Corpo Militar.

Balanço a cabeça e saio para a rua, antes de começar a prestar atenção demais em como a blusa marca os músculos do seu torso. Qual a dificuldade em ignorar esse homem? Argh.

Não preciso falar para Ithori não sair de perto de mim. Nassi pode não ser muito movimentado, especialmente se eu for comparar com outros mercados e até mesmo com algumas cidades conhecidas como áreas de mercenários, mas tem um movimento constante. Alguns tipos de produtos e serviços só são encontrados aqui e o Acordo é grande. Na verdade, tenho minhas suspeitas de que algumas espécies que já vi aqui nem mesmo são parte do Acordo.

E preciso parar de divagar e prestar atenção em para onde estamos indo. Acelero o passo, me desviando de um homem de pele magenta e com duas articulações nas pernas e braços. Pryinala não costuma ficar em lugares de fácil acesso. Pelo menos dessa vez não vou ter que ir atrás dela nos níveis com outras composições atmosféricas.

NOVE

Desta vez Pryinala está em um bar. É um dos mais exclusivos, ainda por cima. Muito melhor do que alguns lugares que já entrei procurando por ela. Nojento é uma boa forma de definir a maioria deles. Dou a senha para o alien enorme que abre a porta. Pryinala gosta de usar sequências numéricas que têm algum significado para ela. Seria muito mais simples se tivesse que gravar algumas palavras, mas não, são números. Por sorte, quando cheguei aqui a primeira vez já tinha ficado boa em memorização, por pura necessidade.

A parede de músculos na minha frente indica Ithori com a cabeça.

— Está comigo. — falo.

— Sua responsabilidade.

Não respondo enquanto ele se afasta para nos deixar passar. Sei perfeitamente bem que a presença de Ithori aqui é minha responsabilidade. Ninguém precisa repetir.

— Atravessando o salão, segunda porta à esquerda, desça a escada. — o homem completa.

Assinto e sigo em frente, sem precisar me virar para saber que Ithori está logo atrás de mim. Ele não se afastou em nenhum instante. Sei que é melhor assim – sabe-se lá o que pode acontecer com um novato sozinho em Nassi, mesmo que esse novato seja do Corpo Militar – mas estou cada vez mais arrependida de ter deixado ele vir. Devia ter achado alguma desculpa para mantê-lo na nave. Ithori não conhece Nassi, não seria difícil inventar alguma regra. Mas não, só pensei nisso quando já estávamos dentro do mercado. Agora tenho que aguentar ele tão perto de mim que quase consigo sentir o calor do seu corpo.

E eu realmente preciso parar de pensar bobagem. Vamos lá: Ithori me usou, me enganou e me ameaçou. Não quero mais encostar um dedo nele.

Se eu repetir isso vezes o suficiente, talvez meu corpo traidor aprenda.

Solto o ar com força quando percebo que me esqueci de um detalhe importante. Pryinala trabalha com informações. Ela sempre tem todas as informações sobre qualquer um que venha vê-la. Até chegarmos na sala onde ela está, já vai ter puxado todos os dados possíveis sobre Ithori. Merda. Preciso criar uma boa história para ele estar aqui e comigo.

— Se eu perguntar quantas vezes já veio aqui, vou ouvir um “perdi a conta”? — Ithori fala em voz baixa o suficiente para ninguém ouvir, enquanto saímos em um salão de paredes claras, com mesas e cadeiras confortáveis espalhados. Bar exclusivo, com certeza. Na verdade, isso quase me parece um clube exclusivo. Aquele tipo de coisa de nobres e ricos da Terra um bom tempo atrás.

— Aqui, especificamente, é a primeira vez. — respondo no mesmo tom.

— Estou falando de Pryinala.

É, ele reconheceu o nome. Não que seja uma surpresa, o nome dela é conhecido *demais* quando o assunto é conseguir informações.

Dou de ombros, desviando de uma mesa vazia e procurando a porta que o segurança indicou.

— Umas quinze... Eu acho.

Ithori não responde e não me viro para ver sua expressão. Sei que ele não esperava um número desses. Pryinala não é a pessoa mais fácil de se encontrar, muito menos de se fazer negócios. Mas nós temos um acordo.

Subo os dois degraus que levam para fora do salão. A parte elevada onde estamos é estreita e umas poucas portas estão espaçadas na parede. Segunda porta à esquerda, certo. Abro a porta e dou de cara com um corredor mal iluminado. Clichê, mas Pryinala gosta disso. O corredor segue em frente, para o que parece ser uma sala, e a escada que o segurança mencionou está logo antes da porta. É óbvio que ela também está mal iluminada.

— Tem certeza que é o lugar certo? — lthori pergunta.

Reviro os olhos e começo a descer. Novatos. E é estranho pensar em lthori como sendo “novato” em alguma coisa.

— Tenho.

A escada termina e em outro corredor, esse bem mais curto e com uma porta na outra ponta. Duas sombras estão paradas perto dela. Estranho. Normalmente eu nem as vejo.

— Tire as mãos das suas armas. — falo para lthori.

E espero que ele me obedeça.

Uma das sombras inclina a cabeça – ou o que seria sua cabeça.

— Assumo a responsabilidade por ele.

As sombras me encaram por um instante antes de desaparecerem.

— O que... — lthori começa.

— Os guarda-costas de Pryinala. Nem sonhe em sacar uma arma aqui. Nem mesmo para se defender. Deixe que eu resolvo as coisas. — aviso. Pensei que isso seria óbvio, mas é melhor falar.

— O que eles são?

— Não faço a menor ideia.

Ou são de alguma espécie que não é parte do Acordo, ou usam um sistema de camuflagem que nunca ouvi falar antes. E Pryinala não responde nada sobre seus guarda-costas.

Entro na sala, que está tão escura quanto o corredor, e escuto a porta se fechar atrás de lthori.

— Faltou colocar tochas na escada, Pryinala. — falo.

A risada parece vir de todo o espaço ao nosso redor, mas a sala começa a clarear.

— Ficaria exagerado. Recursos demais tiram o efeito, Suli, você sabe disso. Tochas ali seriam caricatas.

E ela está de bom humor, se me chamou de Suli.

Pryinala está sentada – acho que jogada descreve melhor – em um pufe gigante. Ela não é um dos aliens mais estranhos que já vi. Na verdade, acho que posso até dizer que é uma das que poderia se passar por humana sem tanto esforço. Com pele lilás e cabelos brancos e compridos presos em várias tranças, ela está sempre usando vestidos pretos com saias longas. Mas seus dentes me fazem lembrar de documentários sobre tubarões e eu tenho minhas dúvidas de que ela seja bípede – ou que tenha alguma coisa que eu entenda como “pernas” debaixo da saia volumosa. Já fiquei tentada a falar para ela assistir A Pequena Sereia mais de uma vez – não consigo deixar de lembrar da Úrsula sempre que a vejo.

— E desde quando você se incomoda em ser caricata?

Ela ri de novo e gesticula indicando um dos lados da sala. Só então olho ao redor. Tapetes grossos, almofadas de todos os tamanhos e vários puffes, todos em cores vivas que não deveriam combinar, mas que de alguma forma parecem certas aqui. Nada fora do normal para Pryinala. Sei

que o gesto é um convite para me sentar, mas não vou me demorar e não gosto dos pufes.

— Você passou tempo demais longe, Suli. — ela sorri sem mostrar os dentes. — Conseguiu o que estava procurando?

Resisto à vontade de revirar os olhos. Ela sabe perfeitamente que não.

— As mulheres foram movidas. Tenho duas localizações possíveis para onde estão, mas não conseguimos nada sobre elas nos canais normais.

— Propriedades de Yhar Enu? Imagino que não, ou já teria pegado seu pirata e ido até lá.

Meu pirata? Faço um esforço para não reagir. Ela não sabe que Ithori é do Corpo Militar. Mas como? Isso tem que estar em algum tipo de registro. Ou então ela sabe e não falou nada para usar a informação em alguma negociação futura comigo. Ou com outra pessoa.

E não adianta ficar pensando nisso agora. Vou só considerar como sendo meu dia de sorte.

— Não conseguimos nenhuma informação sobre o que existe nessas localizações. — conto.

Pryinala arregala os olhos.

— Nenhuma informação?

— Nenhuma.

— Seu pirata não fala nada?

— Eu avisei que era para me deixar falar.

Ela ri e levanta o braço direito. Sua pele brilha um pouco, como se tivesse uma camada fina de escamas. Um monitor aparece na minha frente, flutuando no ar. Vejo com o canto dos olhos quando Ithori coloca a mão na sua faca e faz um esforço para soltá-la. Alguém não gosta de surpresas. Não que eu o julgue por isso. Surpresas em Nassi nunca são boa coisa.

Digito as duas localizações e o monitor flutua até Pryinala. Espero, parada no mesmo lugar, enquanto ela toca na tela, provavelmente carregando suas informações. Ithori me encara e dou de ombros sem me virar. Uma das primeiras coisas que aprendi quando comecei a negociar com Pryinala foi a não falar nada além do estritamente necessário. Brincar com ela está okay, mas qualquer outro comentário? Não. Nunca se sabe que fala inocente vai acabar revelando mais do que esperamos. E não se dá informações de graça para alguém que cobra caro por isso.

— Interessante. Muito interessante. — ela fala.

O monitor flutua para o lado e consigo ver o rosto de Pryinala de novo. Ótimo. Conseguimos duas localizações que nem mesmo ela tem informações a respeito. Por que as coisas não podem ser simples?

— Vou buscar estas informações para você. Nosso preço normal.

— Se conseguir as informações. — específico. Não vou pagar se minha resposta for um “não consegui nada”.

Pryinala mostra os dentes. Olá, tubarão. Sustento seu olhar. Não vou fazer nenhum acordo sem garantias de resultado.

— Certo, certo. — ela balança uma mão e o monitor desaparece. — Qual seu prazo?

— Não quero ficar aqui mais de um dia.

— Entendido. Entrarei em contato.

E como ela é Pryinala, não precisa saber onde eu vou estar. Assinto antes de me virar para sair, com Ithori me acompanhando. Agora é pensar no que fazer enquanto espero retorno.

— Então este é o seu mundo. — Ithori fala assim que saímos do bar. — Vindo em Nassi como

se fosse um mercado comum, negociando com a comerciante de informações mais exclusiva da galáxia...

Ah, não. Ele não está usando esse tom de voz comigo. Paro e me viro para encará-lo. Ithori inclina a cabeça e levanta uma sobrancelha.

— Sim, este é o meu mundo. Não por escolha, mas é. Sabe, acontece que uma pessoa me usou sem pensar nas consequências e ainda acha que não fez nada demais. Eu ainda acho que ele colocou minha vida em risco, mas quem sou eu para saber do que estou falando, não é? Mas, sim, bem-vindo ao meu mundo.

Ithori desvia o olhar. Pelo menos isso. Se vai questionar o que eu fiz e o que eu faço, é melhor ele se lembrar que só estou aqui *por causa dele*.

— Assim, posso voltar mais tarde se estiver interrompendo alguma coisa...

Acho que nunca fiquei tão feliz por ouvir a voz de Mal. Me viro para ele, forçando um sorriso. Mal é um khanerri, com pele cinza coberta por pelos tão curtos e finos que só são perceptíveis quando alguém o toca. Seu rosto é um pouco largo demais para ser humano, com olhos violeta grandes e afastados. Ele é alguns centímetros mais baixo que eu e tem o mesmo tipo de musculatura definida e discreta de Ithori.

— Não está interrompendo nada.

— Tem certeza? — ele sorri em resposta. — Por que com certeza estava parecendo uma briga de casal. Ei, colega, não precisa tirar essa arma aí para mim não.

Me viro para Ithori, que parou do meu lado e está com uma arma na mão. Levanto as sobrancelhas. Uma pistola híbrida de atordoador. E pensar que ele fez toda aquela cena por causa do meu taser...

— Ithori, Mal é um amigo. É melhor você não atirar. — aviso antes de encarar Mal de novo. — E não era uma briga de casal. Está mais para uma briga de ex.

Mal ri.

— Ah, disso eu entendo. E vamos sair daqui. — ele se vira e começa a seguir pela rua.

Sorrio e me viro para Ithori. Ele está me encarando com uma expressão que não sei ler. Nem quero, na verdade. Indico Mal com um movimento de cabeça.

— Briga de ex? — Ithori pergunta, seco.

Não respondo, apenas me viro para acompanhar Mal. De uma forma ou outra, é só isso que Ithori é. Um ex irritante que não consigo tirar da cabeça.

Mal volta para a mesa onde estamos com três canecas do equivalente local a cerveja. É diferente do que eu bebia quando estava com os piratas, mas é a única coisa alcoólica que bebo aqui. Todo o restante é forte demais e prefiro não correr riscos. Puxo minha caneca enquanto ele se senta à minha esquerda. Do outro lado, Ithori continua com a expressão fechada. E eu estou presa entre os dois. Odeio isso, mas é melhor que deixar Mal perto de Ithori – não preciso fazer esforço para perceber que isso não daria certo.

Mal – Mal-lakri-irra, na verdade, mas eu nunca tive paciência para falar seu nome completo – é uma das poucas pessoas de Nassi em que confio, pelo menos em parte. Nos conhecemos na segunda vez que vim aqui e nós dois queríamos comprar o último abre-tudo de um fornecedor. No fim das contas, ele conseguiu o que queria e me ofereceu uma bebida como consolação. Eu não tinha nada melhor para fazer – não ia conseguir fazer o trabalho que tinha planejado sem um abre-tudo – e estava me sentindo um tanto quanto disposta a arriscar.

— Vai me contar que história é essa de estar fazendo trabalho honesto, Mal? — pergunto, tomando um gole da bebida. Amarga, encorpada, e com um gosto um pouco frutado no final. Admito que gosto disso.

Mal faz uma careta e bate a caneca na mesa.

— Perdi uma aposta. Tenho mais oito dias de trabalho lá antes de poder sumir.

Rio, sem me preocupar em ser discreta. Nesse bar, minha risada nem chama atenção. Especialmente levando em conta que acho que tem uma briga começando do outro lado do salão.

Ithori encara sua caneca como se fosse veneno. Levanto as sobrancelhas. Se ele for recusar a bebida, vou pegar para mim, porque Mal não vai pagar uma segunda rodada. E falando em pagar...

Confiro se os dois estão me escondendo das vistas do restante do salão e tiro uma das pedras espalhadas pelos meus bolsos. Esta é vermelha, com um centro quase dourado e uns bons três ou quatro centímetros de diâmetro. Sem dizer nada, puxo a mão de Mal por baixo da mesa e a coloco nela. Ele olha para baixo rapidamente e então a pedra desaparece nos seus bolsos.

— Eu ia reclamar de não receber outro tipo de presentinho, mas você sabe me fazer calar a boca. Ah, se eu soubesse que essa coisa de resgatar terráqueas ia ser tão lucrativa, tinha me oferecido para te ajudar antes que arrastasse o ex aí.

Rio, balançando a cabeça.

— Como se você fosse parar de ser um intermediário nas vendas que passam aqui. — Levanto minha caneca. — Te conheço, Mal. Você não vai trocar lucro certo pela possibilidade de lucro.

Ele sorri em resposta e toma um grande gole de bebida, sem confirmar nem negar. Mas ele não precisa falar nada. Mal tem ganhado bastante recebendo as terráqueas que chegam em Nassi e as revendendo. Por isso nunca pedi ajuda para ele, mesmo que fosse ser um bom parceiro de trabalho. Ele vê as terráqueas presas como uma fonte de lucro, apenas. Pelo menos ele é um dos que escolhe seus clientes a dedo, então sei que as terráqueas que passam pelas mãos dele vão sobreviver. E também sei que ele não faz parte do esquema dos mercados: as mulheres que chegam em Nassi são as que foram “roubadas” e vendidas pelos piratas e mercenários que atacam os mercados.

— E falando nisso, lembra que me pediu para ficar de olho sobre algumas terráqueas? — Mal pergunta.

Assinto. Pouco depois que nos conhecemos e comecei a ouvir as histórias sobre Kernos re'Dyraiv e uma terráquea, pedi para ele prestar atenção se alguma das outras mulheres que estava naquela cela comigo aparecesse por aqui. Nem eu sei exatamente o motivo, talvez consciência pesada ou apenas curiosidade, mas quero saber o que aconteceu com as outras duas.

— Uma delas passou por aqui. A do cabelo de duas cores.

Cabelo de duas cores? Faço um esforço para me lembrar. Ah, a garota com o cabelo meio descolorido.

— Drek a vendeu para os mercenários de J'Mharhi quando eu ainda estava no bando — conto.

Mal assente.

— Ele ainda estava com ela. Passou aqui não faz uma semana, querendo achar alguém que conseguisse lidar com ela.

Franzo a testa. J'Mharhi procurando alguém que conseguisse lidar com uma terráquea? Ele costumava fazer bastante dinheiro ensinando sobre o Acordo para as mulheres e as treinando para viver aqui, especialmente nos bandos de mercenários e piratas. A maioria das terráqueas que estão livres no Acordo — e elas são um bom número, na verdade — passaram pelo bando dele.

— Ele ficou com ela por dois anos... — começo.

— Dois anos, e desistiu. — Mal assente. — Dravos ficou com ela.

— Dravos? O Dravos?

Ele assente.

Dravos é uma daquelas pessoas que qualquer um que faça negócios em Nassi conhece, pelo menos de nome. Ele é um mercenário, e dizem que faz qualquer tipo de trabalho, se o pagamento for bom. Quase todos que conheço fazem questão de manter distância dele, mas nunca soube exatamente o motivo. Mal é uma das poucas exceções. E Dravos também é irmão de criação de Pryinala, pelo que sei, mesmo que não sejam da mesma espécie. Dizem que ele é o responsável por boa parte das suas informações. Aliás, é interessante que Pryinala não tenha mencionado isso. Ela sabe que estou atrás de notícias dessas terráqueas.

— E você acha que isso vai dar certo?

Mal dá de ombros.

— Se Dravos não conseguir se entender com ela, ninguém consegue. Aí vai ser trabalho para você.

Levanto as sobrancelhas. Mal realmente está dando a entender que se a terráquea não se adaptar vai me passar as informações para ir atrás dela? Ele assente. Sorrio. É por isso que confio nele, *mesmo* que esteja lucrando com a venda de terráqueas.

Ithori não fala nada, mas sinto seu olhar quase me queimando. Acho que alguém não está gostando do assunto. Respiro fundo e solto o ar com força antes de tomar mais um gole da minha bebida. Não devo satisfações para ele. E se ele quer me julgar, que fique à vontade. A opinião dele não importa mais.

— Vamos esperar, então. — assinto.

Continuamos bebendo em silêncio. Assisto a briga que está vindo na nossa direção. Tem tentáculos e braços no meio da massa de pessoas. Alguns braços têm pele, outros pelos... Estreito os

olhos. Acho que estou vendo um tentáculo com penas. Por favor, espero estar enganada. Tem misturas que não dão certo.

Balanço a cabeça e me viro para Mal.

— Ñiró ainda está no mesmo lugar?

Ele estreita os olhos, ainda encarando a briga.

— No mesmo lugar e se não me engano recebeu um carregamento ontem.

Sorrio. Perfeito. As melhores peças sempre desaparecem depressa, assim tem mais chances de eu conseguir tudo que quero para essa operação.

— Você sabe como ele fica quando tem carregamento novo. — Mal avisa.

— Jogando todos os preços nas alturas para ver se alguém é louco o bastante para pagar, na empolgação de achar tudo o que quer. — dou de ombros. — Boa sorte para ele.

Mas duvido que Ñiró vá fazer isso comigo, desta vez. Minha lista de compras está bem grande e ainda tenho várias pedras preciosas. Se ele começar a jogar o preço para cima, só preciso falar que posso esperar outro mercador ter os produtos que quero. Não que normalmente seja tão fácil assim – ele trabalha com alguns produtos exclusivos. Mas levando em conta tudo o que quero comprar e o que tenho para pagar, não acho que ele vai arriscar.

— Confiante, é? — Mal se vira para mim.

Não falo nada, apenas sorrio. Ele balança a cabeça.

— Desse jeito até queria ter algo para te vender. Ainda interessada num abre-tudo?

Ele sorri enquanto estreito os olhos.

— Depende. Tem um abre-tudo zerado? Sem nenhum uso?

Mal levanta as mãos.

— Ei, eu estou tentando fazer um negócio aqui, não precisa me derrubar sem nem uma oferta.

Como se ele achasse que eu fosse levar aquela oferta a sério. A história do abre-tudo já virou piada entre nós faz tempo.

— E eu acho que você já se divertiu o suficiente, Suelen. — Ithori fala, sem nem tentar esconder sua irritação. — Ou esqueceu que estamos aqui a trabalho?

Bem que o Sr. Rabugento passou muito tempo calado. Se ele continuar assim, vou precisar pensar em um apelido melhor para ele.

— Não esqueci. Nem te obriguei a vir comigo.

Ithori não responde. Me viro de volta para Mal.

— Qual que era o assunto mesmo?

Ele levanta uma sobrancelha e olha para Ithori rapidamente, antes de me encarar.

— Ex?

— Ex. — respondo, seca.

— Sabe, a gente podia deixar seu ex aqui e ir para o meu alojamento. É uma forma muito melhor de passar o tempo.

Ithori grunhe alguma coisa que nem tento entender.

— Ou podemos convidá-lo, se estiver querendo relembrar os velhos tempos. — Mal completa.

E eu odeio Mal por colocar essa imagem mental na minha cabeça. Não, obrigada, não preciso me lembrar dos velhos tempos. Nem me imaginar entre Ithori e Mal – porque sei que Ithori já dividiu mulheres antes, com um amigo.

Se Ithori não tivesse grunhido aquela resposta, eu ia recusar imediatamente. Mal sabe que estou aqui só para comprar informações e ferramentas, não para me divertir ou passar um tempo entre trabalhos. Mas depois daquele grunhido irritado...

Me inclino para trás no assento e encaro Mal da cabeça aos pés. Ele é interessante, verdade, mas falta aquele fator “perigo” que Ithori tem. Mesmo que eles tenham um tipo físico parecido, não consigo deixar de pensar que falta alguma coisa...

E por que eu estou comparando ele com Ithori? Argh, isso tem que parar.

Admito que penso em aceitar o convite de Mal. Só *com Mal*. Sem chamar Ithori. Tenho que esperar a resposta de Pryinala, de qualquer forma. Mas também tenho que fazer compras. E a presença de Ithori aqui é minha responsabilidade.

Suspiro.

— Vou terminar de passar meu tempo fazendo compras.

— Fica para a próxima? — Mal sorri.

Por que não? Sorrio em resposta, antes de assentir.

Ithori bate a caneca de bebida na mesa.

— Se não quiser beber, me avisa que eu quero. Mas não quebre a caneca. — falo.

Mal não vem conosco fazer compras. Fiquei tentada a insistir que ele viesse, só para me poupar da irritação de Ithori, mas acho que minha paciência ia acabar muito mais depressa se ele estivesse aqui. Realmente não entendo qual é o problema de Ithori com ele. Mal é uma das pessoas mais tranquilas que conheci nesses anos todos.

Olho para Ithori de relance quando viro uma esquina. Ele está em silêncio desde que saímos do bar e não consigo nem tentar adivinhar o que está se passando pela sua cabeça, porque ele resolveu ficar impassível. Odeio quando faz isso. E estou odiando esse silêncio também.

— Se existe uma tal divisão de operações sigilosas no Corpo Militar... — começo, medindo minhas palavras. Não posso nem sonhar em dar a entender que Ithori é do Corpo Militar onde podemos ser ouvidos. — Seria bem simples comprar informações a respeito dela.

Pryinala não é a única pessoa que vende informações. Ela só é a melhor e mais exclusiva. Existem vários mercadores, tanto em Nassi quanto em praticamente qualquer área frequentada por mercenários, piratas e caçadores de recompensa. Não consigo entender como ninguém descobriu o que Ithori é antes.

— Você tem ideia do tanto que é difícil conseguir qualquer informação concreta sobre essa tal divisão? — ele balança a cabeça. — Só tenho certeza que ela existe porque qualquer organização do tipo sempre tem uma divisão focada em espionagem e coisas assim. Aposto que têm protocolos diferentes para os membros dela.

Meio óbvio, agora que ele falou. Agora, saber que o Corpo Militar tem algum protocolo de segurança capaz de manter até Pryinala de fora é uma surpresa. Realmente pensei que eles nunca conseguiriam fazer isso.

— Mas se têm esse tipo de tecnologia, por que não protegem todas as informações?

Ithori dá de ombros.

— Pelo que sei, era mais uma questão de mudar os protocolos de segurança de forma aleatória com frequência. Não era impossível invadir o sistema, só muito difícil, mesmo que jurem que seja impossível invadir a rede. — ele sorri e assente para mim. Conversamos sobre isso anos atrás, na primeira vez que ouvi alguém falando que a rede, a versão do Acordo da internet, era invulnerável. Ithori me explicou que isso era o que as autoridades queriam que todos pensassem, não necessariamente a verdade. — As últimas informações que tive foi que agora eles colocaram alguns protocolos de segurança novos em todos os dados que deveriam ser confidenciais e que ninguém está conseguindo mais nada.

Assinto. Esse “agora” tem a ver com Gabriela, aposto. Se ela consegue me rastrear, de alguma forma, e consegue informações da forma como Ithori mencionou, provavelmente sabe o suficiente sobre segurança para fazer algo assim. Só é estranho pensar que uma *terráquea* está trabalhando para o mesmo Conselho que deixa os mercados de mulheres continuarem. Se bem que eu posso estar sendo um pouco injusta. Quanto tiveram provas sobre Arcen, eles agiram até bem depressa.

Ithori volta ao mesmo silêncio de antes. Faço um ruído irritado enquanto descemos dois níveis abaixo de onde Pryinala está. Em todos os anos que trabalhamos juntos, desde antes do bando de Drek, nunca tivemos esses silêncios incômodos entre nós, nem mesmo quando nos conhecemos. Eu provavelmente não ia me incomodar se pelo menos soubesse o motivo deles.

Acelero o passo enquanto começamos a andar pelas ruas mais vazias desse nível. Não gosto daqui. As luzes são as mesmas dos níveis de cima, os prédios construídos do mesmo material, mas sempre tenho a impressão de um lugar mais sombrio. Isso é culpa das pessoas que costumam estar por aqui, na verdade. Ninguém olha nos olhos de ninguém. Cabeças baixas são a regra e capuzes e outras formas de esconder o rosto são bem comuns, também. Esta é a forma mais fácil de diferenciar os regulares de quem só vem aqui atrás de algo específico.

Olho de relance para Ithori e ele assente. Ele está mais perto de mim, também. Silêncio incômodo à parte, pelo menos sei que ele entendeu exatamente o tipo de lugar onde estamos agora. Infelizmente, as melhores ferramentas só estão à venda nesse buraco e, se vamos fazer uma infiltração do tipo que estou imaginando, vou precisar de tudo que puder conseguir.

Duas ruas depois, tenho certeza de que estamos sendo seguidos. Não sei que espécie de alien é, porque a pessoa está usando uma capa que cobre todo o seu corpo, mas parece ser humanoide. Quem quer que seja, não é boa coisa. Mudo nosso trajeto, virando bruscamente e entrando em uma rua menos movimentada. É arriscado, mas só precisamos passar por dois quarteirões e então vamos estar na rua mais movimentada desse nível, perto de uma taverna. A figura continua nos acompanhando, longe o bastante para não chamar atenção. Se eu não tivesse notado sua presença bem antes, provavelmente não ia ter tanta certeza de que isso quer dizer problemas.

Ithori me olha de relance quando mais duas pessoas entram na rua, pouco atrás de quem já está nos seguindo. Suspiro. Três contra dois, em Nassi? Não arrisco. Não mesmo. Indico a rua à frente com um movimento de cabeça, sem andar mais depressa. Não quero deixar claro que sabemos que estamos sendo seguidos.

O movimento aqui não é o mesmo do nível onde Pryinala está, mesmo na rua onde quase todos os bares e lugares do tipo estão. Mas tem pessoas sentadas em mesas na rua, mais pessoas ainda de pé perto de balcões improvisados, e o cheiro de bebida forte e caseira é o suficiente para me fazer tossir. Continuo andando, só para ter certeza de que os três ainda estão nos seguindo.

— Se sua intenção é perdê-los no meio do movimento, não vai adiantar. — Ithori começa, falando em voz baixa. — Somos fáceis demais de localizar, eles só vão precisar esperar sairmos da área de mais movimento.

Olho ao redor. Tem pessoas o bastante. Perfeito.

— Qual é o seu problema? — me viro para ele, quase gritando.

— O quê?

— Não me venha com “o quê”. Você está aí, todo irritadinho por alguma coisa, e vem descontar em mim? Não sou obrigada!

Ithori respira fundo e me encara.

— Como você não quer que eu fique irritado? Você obviamente confia em um homem que negocia terráqueas, mas está com raiva de mim?

Ah, então é isso? Eu não posso ter raiva dele, que *me usou*, porque confio em Mal, que pelo menos está garantindo que nenhuma das terráqueas que passa pelas mãos dele corra risco de vida?

— Pelo menos Mal não tenta me dizer como agir!

A essa altura umas tantas pessoas já pararam de conversar para nos encarar. Paro onde

estou, encarando Ithori.

— Eu não fiz isso. — ele balança a cabeça lentamente.

— Você faz isso o tempo todo! Quando não está falando, está manipulando. Já chega!

— Eu já falei que não fiz nada disso!

Agora ele está chegando no ponto que eu quero. E temos uma plateia. Excelente.

— Você me enganou por três anos e ainda age como se não fosse nada demais! Ou está achando que não notei que não falou nem um “foi mal”? — e isso é a mais pura verdade.

— E você sabe porque eu não podia falar nada! *Eu estava trabalhando!*

Respiro fundo. Sabia que precisava falar sobre isso, mas não sabia que ia doer tanto. Ele estava trabalhando, eu sei. Mas foi só isso que eu fui, então? Um trabalho?

— E estar trabalhando é a sua justificativa para qualquer coisa, não é? Tenho que engolir tudo, por que é *trabalho*? Você é um idiota. Você nunca pensa nos outros, só no seu precioso trabalho!

Viro as costas para ele e dou um passo na direção da rua. Não quero continuar essa discussão. Sei que eu que comecei, sei que preciso, mas não quero.

Ithori segura meu pulso e faz eu me virar para ele de novo. Definitivamente temos uma plateia, e das grandes. Eles não fizeram exatamente um círculo ao nosso redor, mas falta pouco para isso.

— Eu já falei não sei quantas vezes que não é bem assim! — ele praticamente rosna. — Se eu não pensasse nos outros não estaria aqui! E não adianta repetir a história de que eu te usei! Mesmo se eu tivesse te dado todos os detalhes e riscos, você ia ter feito a mesma coisa. Porra, eu te conheço! Provavelmente ia ter *pedido* para roubar os dados!

E é verdade. O pior é que é verdade. Por mais que eu queira continuar com raiva dele por ter me usado para roubar as informações, eu teria feito aquilo mesmo se soubesse que ia passar dois anos me virando sozinha. Valeu a pena, porque Arcen foi preso. Eu fiz a diferença ali.

Mas isso não é a única coisa que ele fez que me deixa com raiva. Longe disso. Na verdade, nem é a pior.

— E precisava me deixar passar quase um ano achando que você estava morto? E morto porque *ficou para trás para me deixar escapar*? Ah, claro, você pensa nas pessoas, não é mesmo? Claro que pensa. Claro que uma coisa dessas não ia significar nada! — solto minha mão com um movimento brusco e cruzo os braços. *Isso é o que me deixa com mais raiva.* Como ele não se importou com o que eu ia pensar. Mas, se eu era só um trabalho, ele realmente não tinha por que se preocupar.

Ithori abre a boca para responder e então para. Vejo exatamente quando a energia dele desaparece de uma vez e ele deixa os ombros caírem. Ele me encara por um instante e balança a cabeça.

— Eu sou um idiota.

— Que bom que sabe.

Olho ao redor. As três pessoas sumiram. Eu estava certa, eles não queriam ser notados, e com todos prestando atenção em nós precisaram desaparecer. Seria óbvio demais se continuassem nos seguindo. Isso deve nos dar tempo o suficiente para chegar na loja de Ñiró, pelo menos.

Volto a andar depressa, ao mesmo tempo em que nossa plateia começa a se dispersar. Essa discussão pode ter dado exatamente o resultado que eu queria, por um lado. Mas, por outro, ela

foi uma péssima ideia. Não era à toa que eu não tinha explodido com Ithori antes. Algumas coisas, eu preferia não ouvir. Como fato de que tudo era *um trabalho*.

Pelo menos ele sabe que é um idiota. E é um idiota que não demora cinco segundos para me alcançar e continuar a andar ao meu lado, em silêncio.

DOZE

A loja de Ñiró engana quem não sabe exatamente o que está procurando. É uma porta pequena, escura, quase escondida entre uma loja de armas e um bordel. Ithori levanta as sobancelhas quando escuta a música alta que vem de lá, que mal abafa os gemidos vindos das janelas dos andares de cima. Ele não falou nada desde a discussão, e nem eu. Nem pretendo falar qualquer coisa que não seja necessária e relacionada ao nosso *trabalho*. Isso é tudo que importa, certo?

Empurro a porta e entro. O espaço está escuro, como sempre, mas a luz que vem dos fundos é o suficiente para eu atravessar essa primeira sala sem tropeçar ou esbarrar em nada. Ithori vem atrás de mim, sem fazer um ruído. Empurro o tecido que funciona como porta para o cômodo seguinte e saio em uma sala com iluminação decente. Ninguém aceitaria comprar de um mercador que não deixa seus clientes verem claramente seus produtos.

— Suli, quanto tempo.

Sorrio e inclino a cabeça. Ñiró está atrás de um balcão transparente com vários produtos. Nem metade do que ele tem disponível, aposto. E, como sempre, ele está coberto por tantas camadas de tecido que é impossível distinguir muita coisa do seu corpo, além das mãos esqueléticas, com dedos longos demais, com uma articulação extra e sem unhas, e dos olhos quase sem cor.

— Muito tempo, Ñiró. Mas soube que vim num bom dia.

Ele inclina a cabeça de um lado para o outro.

— Pode ser que sim, pode ser que não.

Tiro uma das pedras do meu bolso, amarelada e com veios que parecem ser prata, e a coloco em cima do balcão.

— Ahhh, Suli, você sabe como fazer um mercador feliz. Eu ouvi falar sobre isso. — ele aponta a pedra, sem se aproximar. — O que mais tem para mim?

Sorrio.

— Tenho o resultado do meu último trabalho. Se sabe de onde essa veio, consegue calcular valor. E preciso fazer estoque.

Ele para e vejo seus olhos irem da pedra para mim, como se estivesse calculando exatamente o que eu estou carregando. Não duvido que ele consiga ver através das minhas roupas de alguma forma.

— Boa garota, é por isso que gosto de fazer negócios com você. De que precisa?

Faço minha lista, ignorando Ithori cuidadosamente. Não preciso saber a reação dele. Se o que importa é só o *trabalho* ele não tem que pensar duas vezes antes de usar qualquer coisa que seja necessária, certo?

Ñiró e eu discutimos o preço por alguns minutos. Ele até tenta jogar o preço acima do valor real, mas uma ameaça de não comprar nada é o suficiente para ele me dizer o valor correto. Ele sabe que não vou pagar menos do que as ferramentas valem — dar prejuízo para o seu fornecedor é uma ótima forma de conseguir material de qualidade baixa na próxima compra — mas também não vou deixar ele arrancar tudo o que tenho. Sorrio quando ele me passa uma mochila fina, com menos de dez centímetros de espessura. Coloco parte das compras nos meus

bolsos, agora bem mais vazios, antes de enfiar o restante na mochila e a colocar nas costas, ajustando as alças e prendendo as duas correias frontais para que ela fique colada ao meu corpo.

Ithori continua sem dizer nada, apenas encarando os produtos no balcão.

— E, Suli, tome cuidado quando for entrar nessas naves por aí. Soube de um sistema de segurança novo que estão usando. — Ñiró completa, quando estou me afastando.

Faço um esforço para não olhar para Ithori.

— Eu soube. — resmungo.

Se tivesse ficado sabendo disso alguns dias atrás, provavelmente não estaria aqui. E estou começando a achar que isso seria uma ótima ideia.

Ithori ri em voz baixa e estreito os olhos, me virando para ele.

— Quase te pegaram, é? — Ñiró fala antes de eu conseguir dizer qualquer coisa sobre a risada.

— Algo assim.

Ñiró faz um ruído baixo que é sua risada. Muito engraçado. Saio sem falar mais nada, passando pela sala às escuras e parando na frente da porta.

Por alguns minutos, eu quase me esqueci das três pessoas nos seguindo. Esta rua não é uma das mais desertas, por causa do bordel ao lado. Mas não é movimentada o suficiente para conseguirmos sumir no meio das pessoas, nem para eu encenar outra briga ou coisa do tipo, o que acho que é uma péssima ideia, de qualquer forma.

Ithori para ao meu lado.

— Esteja preparado. — murmuro.

Ele assente. Respiro fundo, puxando meu taser. Não costumo andar com armas nas mãos em Nassi – é muito mais fácil começar brigas acidentais assim – mas desta vez é a melhor escolha. Com o canto dos olhos, vejo Ithori puxando sua pistola híbrida. Ótimo. Empurro a porta de uma vez e saio, olhando para os lados. Nada. Mas não vou relaxar agora.

Começo a andar depressa na direção do elevador principal. Não vou arriscar a subir pelos elevadores secundários ou pelas escadas, e quanto mais depressa conseguirmos voltar para a nave, melhor. Se for o caso, podemos continuar lá até Pryinala conseguir as informações que precisamos. É melhor que ficar pelas ruas de Nassi com pessoas desconhecidas nos seguindo.

Faço o mesmo trajeto de antes, entrando na rua dos bares. Se for o caso posso começar uma confusão. Um tiro de taser, sem ninguém ver de onde veio, e vou ter uma briga gigantesca ocupando a rua toda. Seria uma chance de escapar, mas também seria uma chance de nos pegarem no meio da confusão, então isto fica para o último caso.

Estamos passando por uma esquina quando escuto um barulho estranho, parecendo um pássaro. Paro e olho ao redor. Já ouvi isso antes.

Ithori indica a rua transversal com a cabeça. Tem alguém correndo pelas paredes, de quatro, como se fosse chão firme. Parece uma criança, mas mesmo à distância consigo ver as garras nos seus dedos, se prendendo no material da parede. Ela levanta a cabeça e repete o mesmo som que me fez parar.

— Não atire. — falo.

O alien – ou a alien, se é que essa espécie tem esses gêneros – pula da parede quando está a pouco mais de um metro de distância de nós, caindo no chão como se os quase cinco metros de

altura não fossem nada. Tem poucos aliens dessa espécie em Nassi, e os poucos que já vi trabalham para Pryinala.

— Estavam perguntando sobre vocês.

Merda.

O alien joga algo na minha direção. Pego o cristal de dados no ar e o enfio em um dos bolsos. Se Pryinala enviou um aviso, é porque a situação é séria. Olho ao redor de novo, enquanto Ithori vigia o alien, que escala a parede mais próxima e desaparece rapidamente.

Não falo nada antes de começar a andar ainda mais depressa. Só não corro porque sei que isso vai chamar atenção demais, e não do tipo que quero. Quando percebo, Ithori e eu já estamos usando o mesmo tipo de movimentação de quando estávamos com o bando de Drek e invadíamos alguma nave: lado a lado, com o corpo parcialmente virado para podermos ver ao menos um pouco do que está atrás de nós.

As pessoas saem do nosso caminho, mas isso não é surpreendente, levando em conta que estamos andando depressa, com um destino claro e com armas nas mãos. As ruas passam em um borrão: prédios e mais prédios do mesmo material, luzes nas portas abertas, mercadores e frequentadores nos encarando com desconfiança.

— Se forem fazer uma emboscada... — Ithori começa.

— As ruas logo antes do elevador são o melhor lugar. — respondo sem me virar.

De uma forma ou outra, precisamos pegar um dos elevadores para voltar para a nave. Tenho certeza que quem quer que esteja atrás de nós já sabe que não pegamos as escadas ou os elevadores secundários, então vão nos esperar ali. É o que eu faria. E, se Pryinala mandou um aviso, não estamos lidando com amadores.

— Quando avançarem, você recua. — ele continua.

É o que faríamos antes, na época do bando de Drek. Mas muita coisa mudou desde aquela época.

— Eu tenho a melhor arma aqui. Vou derrubar quantos conseguir, e aí é com você.

Ithori não responde. Ele pode achar ruim o quanto quiser, mas estou certa. Meu taser tem um raio de alcance maior que a pistola híbrida dele e tem efeito garantido em todas as espécies que frequentam este nível.

Mais uma rua, uma esquina, um quarteirão quase deserto e já consigo ver os elevadores. As lojas ao nosso redor estão fechadas. Abandonadas, se não me falha a memória. A qualquer momento agora...

Levanto meu taser assim que a primeira forma sai do meio das sombras. E mais um. Os dois caem ao mesmo tempo em que escuto o ruído suave da pistola de Ithori. Estão vindo por trás também.

— Recue. — ele praticamente rosna.

Recuar para onde? Não respondo, só colo minhas costas nas dele e aponto o taser na direção da terceira pessoa que apareceu do meu lado.

— Depressa! — aviso antes de atirar.

O alien cai e eu já estou correndo. Não faço ideia de quantas pessoas mobilizaram, mas não vou esperar para ver. Ithori me acompanha, sem hesitar, ainda atirando. Tem mais pessoas vindo de trás de nós. Como assim?

Ah. Um dos sensores na minha roupa me dá o sinal poucos passos antes de cairmos na

armadilha. Uma rede de energia, estendida na única passagem que temos na direção dos elevadores. Eles queriam que estivéssemos concentrados o suficiente em fugir para não detectarmos isto. Uma rede assim é invisível a olho nu e não são todos os sensores que conseguem detectá-las.

Paro de uma vez, dando um passo para o lado, mas não precisava me preocupar. Ithori para no mesmo instante, acompanhando meus movimentos perfeitamente.

— Me dê cobertura.

Não espero resposta, só me abaixo atrás de Ithori, tirando ferramentas dos bolsos. Uma rede dessas é formada por geradores especiais presos nas paredes. O jeito mais fácil de passar pela rede é destruir geradores o suficiente para ter um espaço no campo de força, mas eles são pequenos demais para eu conseguir acertar nessa distância. Ou seja, tenho que interromper o campo manualmente. E não consigo nem ver onde os fios estão, tenho que usar os sensores da minha roupa para me guiar.

Escuto mais tiros e então os sons familiares de uma luta corpo a corpo, mas não olho para trás. Ithori é excelente no que faz e preciso me concentrar na rede. Coloco uma das pequenas peças que interrompe os fios de energia no lugar. Ela parece uma peça de bijuteria, uma esfera metálica, e fica flutuando onde a deixei. Perfeito. Travou em um dos fios. Pego outra peça e a coloco na mesma altura da primeira, alguns palmos para o lado. Espaço o suficiente para passarmos. Agora só preciso achar mais uns três fios, para o buraco ter uma altura decente.

— Suelen!

Me viro depressa, pegando o taser que coloquei no chão. Meu tiro pega de raspão no alien que está vindo na minha direção. Ele cambaleia e escuto o ruído suave da arma de Ithori antes que ele caia. Volto a prestar atenção na rede. Quem quer que seja que está atrás de nós *realmente* não quer nos dar meia chance de chegar no elevador. Ithori está lutando contra dois aliens, e vi pelo menos mais um correndo na nossa direção. Preciso terminar isso depressa.

Mais um fio. Mais um. Ligo as peças que já coloquei no lugar em um controlador. Vamos precisar ganhar tempo. Agora só mais um fio...

— Ithori!

Passo pelo buraco que abri. Ele se joga atrás de mim e aperto um botão no controlador. As peças caem no chão com um ruído tilintante, desativadas. O alien que correu atrás de Ithori bate na rede e cai desacordado.

Não falo nada, só começo a correr na direção do elevador. Escuto os passos de Ithori fazendo o mesmo. Só precisamos chegar até lá. Só isso. Um zumbido característico me faz olhar para trás e pular para o lado. Um ponto fumegante aparece no chão. Merda. Achei que nos queriam vivos, mas se estão atirando com lasers...

Só mais alguns metros, só isso. Continuo correndo, agora em ziguezague, e enfio a mão em um dos bolsos. Estou com um escudo portátil, mas ele não aguenta muito mais que um tiro desses. Não queria usar ele aqui. Os pontos fumegantes continuam aparecendo e sei que é só questão de tempo até acertarem um de nós. Melhor que seja eu, então.

Quinze metros. Entramos no espaço aberto ao redor dos elevadores principais. Ithori me empurra para o lado com força e por pouco não caio. Ele grunhe alguma coisa e cambaleia antes de continuar correndo. O que foi isso? Cinco metros. Bato a mão no botão que abre a porta do elevador e entramos. A porta se fecha atrás de nós e dois tiros acertam o vidro blindado e resistente a qualquer tipo de arma no mercado atualmente.

Solto um suspiro aliviado e aperto o botão do nível onde deixamos a nave. Essa foi por pouco. Muito pouco. E nem sei por que estão atrás de nós. Ou se estão atrás de *nós* e não de Ithori. Estreito os olhos e me viro para ele.

Ithori está apoiado na parede de vidro do elevador, com os olhos fechados. ~~onsig~~Co ver o buraco na sua jaqueta, na altura do ombro, onde um tiro o acertou, e a mancha de sangue onde ele escorregou um pouco pela parede.

Quase vejo aqueles últimos metros de corrida de novo: Ithori me empurrando de repente e grunhindo alguma coisa. Foi ali. Tenho certeza que foi ali que o tiro o acertou. Idiota. Era para ter acertado em *mim*. E eu estou com um bloqueador.

Idiota.

Paro ao lado dele e passo seu braço bom ao redor dos meus ombros antes que ele escorregue para o chão. Um grunhido escapa quando ele apoia quase todo o peso em mim. Passo um braço ao redor da sua cintura, com cuidado. Essa reação já é o suficiente para me contar que o tiro foi de um laser frio. Existe uma definição melhor para eles, mas não me lembro qual é. O que importa é: o tiro é tão preciso quanto o de laser comum, mas não cauteriza a ferida completamente e dizem que a dor é algo indescritível.

Pelo menos Ithori não está sangrando muito... Eu acho.

Ele se endireita quando um apito conta que o elevador está chegando no nosso nível e começa a se afastar. Aperto sua cintura, o mantendo onde está.

— Suelen...

— Calado. Se você cair no caminho até a nave não vou conseguir te levantar.

Ele obedece. Consigo notar o esforço que ele está fazendo para andar depressa até a porta da área de pouso. Idiota. Para que ele foi me empurrar? Preciso fazer um esforço para não resmungar quando paramos na frente da porta e eu digito o código de segurança. Entramos e digito o código para fechar a porta atrás de nós. Minha intenção era sair de Nassi imediatamente, mas preciso pelo menos parar o sangramento de Ithori primeiro.

Solto um suspiro aliviado assim que Ithori mexe no controle que está com ele e a rampa de embarque da nave desce. O levo direto para a sala minúscula que se passa por cozinha e que é o único espaço na nave onde vou conseguir dar um jeito nesse ferimento. O banheiro disso aqui é pequeno demais para duas pessoas, e a outra opção é a ponte de comando. Não, obrigada. Nunca mais saio em missão com Ithori em uma dessas naves minúsculas.

Puxo um dos bancos que ficam presos em um espaço sob o balcão e o abro com uma mão. Ithori se senta e apoia as costas no balcão, fechado os olhos e soltando o ar lentamente. Começo a tirar sua jaqueta, tomando cuidado para mover seu braço o mínimo possível. Posso cortar o tecido, mas no caso da jaqueta tenho a impressão de que isso vai dar mais trabalho que tirá-la.

— Suelen... — ele começa.

— Se não for ajudar, não precisa falar nada.

E nem me importo se estou sendo grossa depois que ele tomou um tiro que deveria ter me acertado. Homens! Não importa de qual espécie, se humanos ou não, eles têm que ser idiotas.

Puxo o ar com força quando termino de tirar sua jaqueta e vejo a mancha de sangue se espalhando pela blusa escura e justa que ele está usando por baixo. Eu odeio laser frio. Odeio.

— Não vou conseguir tirar essa. — ele fala, e consigo notar que está fazendo esforço para falar normalmente. Não quero nem imaginar o tanto que isso está doendo.

— Kit de primeiros socorros? — pergunto, ignorando o que ele falou.

Ithori indica a parte de baixo do balcão com um gesto fraco. Dou a volta nele e me abaixo, procurando nas prateleiras estreitas que ficam ali. Naves pequenas. Cada espaço, por menor que

seja, é aproveitado de alguma forma.

Pelo menos o kit de primeiros socorros é dos bons. Não esperava menos de um capitão do Corpo Militar. Pego a caixa e a coloco sobre o balcão, antes de parar na frente de Ithori de novo.

— Espero que essa blusa não seja uma favorita. — resmungo, pegando um estilete pequeno em um dos meus bolsos e escolhendo a lâmina.

Teoricamente, o tecido dessa blusa é resistente a qualquer lâmina. Na prática, você só precisa achar o tipo certo de lâmina para cortá-lo. E as que funcionam normalmente são inúteis em uma luta, então o tecido cumpre seu papel. Puxo a bainha da blusa e começo a cortar de baixo para cima. Se ela não fosse tão justa eu cortaria só ao redor do ferimento, mas não consigo fazer isso agora. Especialmente levando em conta que ela está molhada de sangue.

Corto a blusa quase ao meio na frente antes de pedir Ithori para se inclinar e fazer o mesmo atrás. Quando ele se endireita de novo, pálido, eu puxo o lado direito da blusa, com cuidado, até que consigo ver o buraco que o tiro fez. Engulo em seco. Nunca vou me acostumar a ver tiros de laser. É um ferimento pequeno, de menos de um centímetro de diâmetro, mas consigo ver a parede da cozinha do outro lado.

Ithori não fala nada enquanto mexo no kit de primeiros socorros, procurando o que preciso. Nem enquanto cauterizo o ferimento, usando uma ferramenta que se não me engano aplica um anestésico automaticamente. Acho que me lembrei certo, porque Ithori não está mais tão pálido. E eu realmente não quero ter que fazer isso nunca mais.

Limpo suas costas e seu peito com o tecido especial que estava no kit. Ver Ithori coberto de sangue assim me incomodou mais do que deveria. Bem mais do que deveria. Homem idiota.

Ele segura minha mão quando já estou quase terminando.

— Não precisa fa...

Tiro a mão dele da minha.

— Você fica quieto e me deixa fazer um curativo nisso aqui.

Ithori abaixa a cabeça e não fala mais nada. Mas eu não consigo continuar calada.

— O que você tinha na cabeça para entrar na frente desse tiro? Eu estava com tudo sob controle!

Ele suspira.

— Eu sou um idiota.

De novo isso?

— Sim, você é um idiota. Todo mundo já sabe. — resmungo, esticando o braço para alcançar a fita curativa que deixei sobre o balcão.

Ithori segura meu braço e se levanta. Estou falando, é um idiota. Me viro para ele, sem ter certeza se vou mandar ele sentar de novo ou segurá-lo se não conseguir ficar de pé, mas não consigo falar nada quando seu olhar prende o meu. Nós podíamos ter morrido. Nós dois. Um passo em falso, um erro, e não estaríamos aqui.

Ithori me puxa para perto, me segurando com um braço só enquanto enfia a mão no seu cabelo. Se o tiro tivesse pegado um pouco mais para baixo e para o lado, eu não estaria fazendo isso agora. Ele não estaria aqui.

Quando dou por mim, Ithori está me beijando e eu estou correspondendo como se minha vida dependesse disso. Ou como se fosse o último beijo da minha vida. Sinto sua pele quente sob meus dedos, mais quente que o normal, enquanto ele me aperta com força. O gosto dele, sua língua na

minha, seu corpo contra o meu, é como se eu estivesse viva pela primeira vez em anos. Ele morde meu lábio inferior, me encarando enquanto deixo um gemido escapar. Puxo seu cabelo, fazendo Ithori levantar a cabeça, e ele fecha os olhos quando dou uma mordida rápida no seu queixo e desço com a boca pelo seu pescoço.

E sinto um resto do cheiro da pomada que passei ao redor do seu ferimento.

Me afasto de uma vez. O que esse homem tem na cabeça? Ele acabou de tomar um tiro e...

— Que parte de “sim, você é um idiota” fez você pensar em me beijar? — resmungo.

Ainda mais levando em conta que ele está se apoiando no balcão para continuar de pé.

Idiota.

Ithori me encara.

— A parte em que você estava preocupada comigo.

Abro a boca para responder e então penso melhor. Em vez disso, aponto para o banco. Ele dá um meio sorriso um tanto quanto debochado antes de se deixar cair sentado de novo. Homem idiota!

Respiro fundo duas vezes, soltando o ar lentamente, antes de me aproximar do balcão e pegar a fita curativa. Meu corpo está pegando fogo e é culpa dele. Argh. Respiro fundo mais uma vez antes de me virar para ele. Ithori é o homem que me enganou, me usou, me ameaçou. Eu não tenho *nada* que estar me sentindo assim.

Não encaro Ithori enquanto começo a fazer o curativo. Sinto o olhar dele pesado em mim, e não preciso nem fazer esforço para entender o motivo. Eu não neguei o que ele falou. Nem tenho como. Eu *estava* preocupada com ele, sim. Mas isso não é motivo para eu ter reagido como reagi. É culpa da adrenalina. Só isso. Mais nada. Adrenalina. Aquela coisa toda de sobrevivência e não lembro o que mais.

Ithori se inclina para a frente sem dizer nada. Termino de fazer o curativo nas suas costas e me viro para guardar a fita no kit de primeiros socorros. Não vou ficar pensando que minutos atrás estava com as mãos nos músculos definidos das costas dele. Não vou. Fecho a caixa com mais força que deveria e dou a volta no balcão para guardá-la, com o olhar fixo à minha frente.

Estou agachada atrás do balcão, enfiando a caixa no seu lugar, quando escuto o suspiro pesado de Ithori.

— Eu sou um idiota por não ter te procurado de novo, depois...

Depois de quê? Depois que me deixou pensando que estava morto ou depois que me usou? Respiro fundo. Não vou deixar ele me manipular de novo. Uma vez já foi o suficiente, e me lembro muito bem do que ele falou antes de chegarmos na loja de Ñiró. Ele não me procurou porque *estava trabalhando*. Os anos com Drek e os outros piratas foram trabalho. Se aproximar de mim foi trabalho. Mandar aquela mensagem me pedindo para roubar os dados foi trabalho. Só isso.

E se trabalho é a única coisa que importa para ele, deveria estar trabalhando agora.

Me levanto e dou a volta no balcão de novo.

— Consegue pilotar?

Ele assente, me encarando. Consigo ver que está esperando uma resposta para o que falou, mas vai continuar esperando.

— Então vamos dar o fora daqui.

QUATORZE

Se eu achei que o silêncio na ida para Nassi estava incômodo, o silêncio na volta é dez vezes pior. Até o ar na cabine parece estar pesado. Não escondo meu suspiro aliviado quando entramos no espaçoporto da base. E também não tento esconder quando apago os dados de navegação. Não vou ser a responsável por dar uma rota para Nassi ao Corpo Militar.

Ithori não fala nada nem quando apago o último dos dados, só indica a saída da nave com um movimento de cabeça. Travo os dentes. Eu sei que é irracional, mas queria que ele demonstrasse *alguma* coisa. Qualquer coisa que não seja essa expressão vazia e impassível que eu odeio. Mas não vou provocar. Não vou deixar ele ver exatamente o *quanto* estou incomodada.

Saio da nave assim que as luzes do painel ficam azuis. O pirata que está de guarda ali levanta o braço em cumprimento e eu respondo da mesma forma, sem nem tentar identificar quem é. Quero distância de Ithori. Muita distância.

Mesmo assim, não consigo deixar de me virar para trás quando escuto seus passos na rampa de desembarque.

— Consegue ir para a enfermaria sozinho?

E, olha só, uma reação! Se é que posso chamar a forma como sua expressão se fecha de reação.

— Consigo. — sua voz está tão gelada que quase dou um passo atrás.

Ótimo. Continue assim, vá para a enfermaria sozinho, e *me deixe em paz*. Viro as costas para ele e continuo na direção da saída. Vou direto para o refeitório. Depois disso tudo, estou morrendo de fome. Não consegui comer nada enquanto estávamos na nave.

Nem olho ao redor quando entro no refeitório. Sei que não estou sozinha aqui, mas não quero conversar. Nem com os piratas. Preciso esfriar a cabeça, dar um jeito de esquecer meu passado com Ithori, porque não vou ser idiota a ponto de confiar nele de novo. Respiro fundo. Mesmo que ele tenha tomado um tiro por mim.

Merda.

Começo a comer sem nem ver bem o que estou colocando na boca. Isso que está me incomodando. Por que ele me empurrou naquela hora? Não consigo entender. Ithori é prático. Ele não age por impulso, mesmo que tivesse algum motivo para agir assim. De nós dois, a pessoa mais importante ali era ele, porque ele era o piloto. Então, por quê? Para que me empurrar e se arriscar daquele jeito, especialmente depois de ver que eu estava preparada para lidar com os imprevistos de Nassi? Argh. Esse homem vai me deixar louca.

Levanto a cabeça quando um dos piratas passa perto da minha mesa, indo colocar seu prato no balcão. Uma pirata, na verdade. Estreito os olhos. Ver Zima me lembra de outra coisa.

— Ei, Zima! — chamo e ela se vira para mim. — Tem roupas extras aí? Preciso de alguma coisa emprestada, acho que já estou meio podre.

— Emprestadas? — ela bate os talheres no prato duas vezes antes de deixar tudo no balcão e vir na minha direção. — Não te avisaram que seu pacote chegou?

— Meu pacote?

— É, o pacote com suas coisas.

Minhas coisas? Não pergunto em voz alta mas acho que minha expressão já fala o suficiente.

Zima ri e se senta na minha frente, apoiando um braço na mesa e esticando as pernas na direção do corredor.

— Termina isso aí que te levo para a cabine que separaram para você. Já deixaram tudo lá.

Como é que pode ter um pacote das minhas coisas aqui? Eu não encomendei nada. Na verdade, eu mal vi a estação antes de irmos para Nassi, não tive tempo nem de pensar no que faria com relação a roupas. E agora isso.

Balanço a cabeça e termino de comer depressa. Quero saber que pacote é esse.

Zima me leva para uma cabine um nível acima do refeitório. É um alojamento padrão, com uma cama, um armário e um banheiro pequeno. A única diferença de outras tantas estações é que os piratas obviamente trocaram a cama e o colchão. Sorrio. Nenhum dos piratas que conheço reclamaria das camas comuns – ter uma cama já é excelente, quase sempre. Mas se podem ter do bom e do melhor, não vão se contentar com menos.

— Você lembra a senha padrão? — Zima pergunta, indicando o painel ao lado da porta com a cabeça.

Assinto. Imaginei que o código de acesso fosse uma das senhas comuns do bando. Mas continuo encarando a caixa que está em cima da cama, sem me virar. De onde isso veio?

— Garanto que não é uma bomba.

Me viro para Zima, que está encostada no batente com os braços cruzados.

— Eu não falei nada.

— Mas estava encarando a caixa como se ela fosse explodir a qualquer momento.

É bem possível que eu estivesse fazendo isso mesmo. Suspiro.

— Obrigada.

Zima sorri, assentindo antes de sair do quarto. A porta se fecha com um ruído sibilante e olho ao redor de novo. Nada de diferente. Só aquela caixa em cima da cama. E ela não tem nenhuma marcação de nome, seja de fornecedor, remetente ou o que quer que seja. Nada. É uma caixa lisa de material bege. Mais nada. Se fosse de papelão, eu diria que tinha vindo direto da Terra.

E ficar parada olhando para ela não vai adiantar nada. Abro a caixa. Nada explode nem pula em mim, pelo menos. Encaro a pilha de tecido escuro e texturizado com desconfiança, mas começo a tirar tudo o que está ali dentro e colocar em cima da cama. Quando termino, coloco a caixa no chão e encaro as roupas espalhadas pela cama. Não são minhas. Minhas coisas estão em um dos planetas da orla, onde alugo um quarto numa hospedaria. E essas roupas têm cheiro de novas. Mas são exatamente na minha medida e do mesmo modelo das minhas roupas de trabalho. Como...?

Ithori. É claro que foi ele. Não tem outra explicação. As roupas seguem o padrão do que estou vestindo agora: calças, blusa de mangas compridas e colete. Ele deve ter me escaneado em algum momento quando ainda estávamos no cargueiro e feito o pedido... Feito um pedido em algum lugar que faz roupas sob medida, porque isso não é o tipo de coisa que se acha disponível em qualquer loja. E os tecidos... Passo a mão em uma blusa, esfregando o tecido de leve. Todas as roupas são feitas de tecidos especiais. Este é o mesmo da blusa que Ithori estava usando em Nassi, que funciona como uma armadura leve. O de outro conjunto é resistente ao calor. Estreito os olhos. Isso abre algumas possibilidades interessantes. Mas a questão é: por quê?

E eu vou parar de tentar entender os motivos de Ithori. Preciso tirar ele da cabeça, não tentar adivinhar o que ele está pensando. Pelo que sei, ele pode ter feito isso só para garantir que não

teria problemas na infiltração. Tudo para ele é trabalho, no fim das contas.

Já chega. Um banho, primeiro. Depois dormir, porque não sou louca de parar para analisar dados e fazer planos quando estou exausta. Isso. Tiro a mochila fina que ainda está presa às minhas costas, coloco minhas outras ferramentas e as poucas pedras preciosas que sobraram dentro dela, e então guardo tudo dentro de um compartimento especial no armário. Não tenho certeza de que ele é realmente seguro, mas não acho que preciso me preocupar com isso aqui.

Quando saio do banho, já vestindo uma das roupas novas, pego tudo o que ainda está em cima da cama, jogo de volta na caixa, e a coloco ao lado do armário, no chão. Vou dormir, e quando acordar vou estar de cabeça fria e tudo vai fazer sentido.

A porta se abre assim que me sento na cama. Me viro para ela, estreitando os olhos. Sei que todos os piratas têm a senha padrão e qualquer um poderia abrir a porta, mas é um caso de educação básica. Se a cabine está ocupada, você não sai entrando assim.

Ithori entra. Suspiro. Devia ter imaginado que era ele.

— Agora não. Quero dormir. — falo sem me levantar.

— Agora sim. Se eu esperar até você estar descansada não vai me ouvir, e precisamos conversar.

Travo os dentes com força quando ele deixa a porta se fechar atrás de si.

— E isso sou eu te manipulando. — ele completa, parando na minha frente.

Pelo visto ele realmente não gostou do meu comentário sobre como ele manipula as pessoas. Não que eu tenha falado alguma mentira.

Cruzo os braços e espero. Quanto mais rápido ele falar o que quer, mais rápido vai me deixar em paz.

Ele suspira e se agacha na minha frente. Meu olhar vai direto para o seu ombro. Ele está usando uma regata cinza e consigo ver a pele um pouco mais clara onde o tiro atravessou. Bom saber que eles têm kits de regeneração na enfermaria. Só isso explica ele mal ter uma cicatriz.

Ithori não fala nada, só apoia as mãos na cama, uma de cada lado de mim. Respiro fundo e o encaro, levantando as sobrancelhas. Não faço ideia do que é isso no seu olhar, mas se ele quer falar, que fale.

— Eu fui um idiota por não ter falado nada depois que deixei os piratas. Não ter achado uma forma de entrar em contato, ou até mesmo ido atrás de você.

Solto o ar com força. E eu sou a idiota que vai acreditar no que ele está falando, certo. Não.

— E mais idiota ainda por não ter ido te encontrar quando roubou as informações para nós. — Todos os seus músculos estão tensos e eu sei que se olhar para o lado vou ver suas mãos com os punhos fechados. — Sabia que não ia poder voltar para os piratas depois daquilo.

E eu tive esperanças de que ele fosse fazer aquilo. Entrei na nave de Darius la'Dyraiv, numa nave do *Corpo Militar*, confiando na palavra de Ithori e esperando encontrá-lo lá, de alguma forma, mas não. Pensei que se ele estava mandando uma mensagem. Entrar em contato comigo depois de me deixar por quase um ano pensando que estava morto, era porque ele não ia desaparecer de novo.

— E por que não foi?

E por que eu perguntei isso? Argh. Não quero saber. Não quero. Nenhuma justificativa vai ser o suficiente para o que ele fez.

Outro o motivo para não ter perguntado: a forma como o olhar de Ithori muda.

— Porque eu pensei que era tarde demais. Achei que qualquer coisa que tivesse existido já ia ter morrido, se é que existia alguma coisa além de atração, da sua parte. Depois de quase um ano, provavelmente já estaria com outra pessoa, porque você não fica sozinha. Você se cerca de pessoas, de uma forma ou outra.

Pelo menos nunca vou reclamar que Ithori não fala exatamente o que está pensando, sem dar voltas e sem meias palavras, quando decide falar alguma coisa. Suspiro. Só um *homem* para pensar que o que existia entre nós era apenas atração. Balanço a cabeça, querendo me levantar e começar a andar de um lado para o outro. Ou melhor, me levantar e sair do quarto. Mas não vou fazer nada disso. Não vou deixar Ithori ver o quanto suas palavras estão me afetando, porque elas não têm motivo para me afetar.

— Sim, claro. Meu parceiro se deixou capturar pelo Corpo Militar, o que praticamente é a mesma coisa que uma sentença de morte para um pirata, para me deixar escapar. Eu tinha certeza que estava morto. E claro, a primeira coisa que ia fazer seria arrumar outra pessoa para esquentar a cama. — e acho que posso desistir de esconder como isso está me afetando. — Sai daqui, Ithori.

— Eu não... — ele suspira e se inclina para a frente. — Nunca pensei que eu fosse ser visto como mais que só um parceiro de trabalho, de verdade. E nem isso, depois que soubesse a verdade.

E ele nunca deveria ter sido mais que aquilo. Ithori foi um degrau, por assim dizer. Foi alguém que me ensinou coisas que eu precisava saber para sobreviver aqui, e que nunca deveria ter sido mais nada. Repeti isso para mim mesma bem antes de nos tornarmos amantes, mas é óbvio que não adiantou. E é óbvio que eu estava certa. E qualquer sentimento deveria ter morrido depois que soube que ele mentiu para mim por mais de três anos.

Levanto o braço e aponto a porta, sem responder. Ithori sustenta meu olhar por um instante antes de segurar meu braço e puxar até que eu esteja com a mão no seu rosto. Eu devia estar me afastando. Se ele não quer sair, eu devia sair. Mas... Não consigo. Quero ver até onde isso vai. Se tem uma coisa que ser abduzida me ensinou, é a aproveitar cada oportunidade, porque nunca sei o que vai acontecer amanhã.

— Me diga que não existe mais nada e eu te deixo em paz.

QUINZE

Não consigo mentir. Não para Ithori, depois do que ele falou. Mesmo assim, acho que a verdade não é bem o que ele está esperando.

— Existe alguma coisa, além da atração. Não sei o que é. E não sei se quero saber, porque no fim das contas não confio mais em você.

Ele respira fundo e desvia o olhar, encarando o chão, mas não solta minha mão. Espero, sem nem tentar me soltar.

— Eu mereci isso. — ele murmura e levanta a cabeça. — Mas... É melhor que se fosse tarde demais, por causa da minha idiotice. Isso... Eu consigo lidar com isso.

E essa não é a resposta que eu esperava. Na verdade, nem sei se esperava alguma coisa, mas se esperasse, não seria esse olhar dele. Ithori não era assim quando estávamos com os piratas. Ele não me encarava desse jeito, como se...

Não. Isso é um erro. Eu não devia ter aceitado a proposta dele. Devia ter mandado minha consciência calar a boca e continuado como estava. Já sabia que a força-tarefa ia atrás das outras terráqueas, não precisava me envolver diretamente. Não precisava me aproximar de Ithori de novo. Isso não vai terminar bem, eu sei. Já aprendi. Não vou ser uma idiota e deixar ele me manipular de novo, me fazer achar que ele se importa só para desaparecer assim que o trabalho mandar.

Mesmo que ele tenha entrado na frente de um tiro que era para mim.

Afasto sua regata com a outra mão e passo os dedos pela marca um pouco mais clara que é o único sinal do tiro. Ithori nunca foi de agir por impulso, sem pensar e analisar friamente tudo o que estava acontecendo ao nosso redor mais depressa do que deveria ser possível. Depois de me ver lidar com Pryinala, Mal, Ñiró e estar preparada para atravessar uma rede de energia, seria de se esperar que eu estivesse usando um escudo portátil ou bloqueador. Eles não são incomuns em Nassi, por motivos óbvios. Mas então...

— Por quê?

Ithori solta minha mão e por algum motivo não me afasto. Ele me encara por um instante antes de balançar a cabeça.

— Por que...?

— Por que me empurrou e entrou na frente do tiro, depois de tudo...?

Sua expressão endurece.

— Depois de tudo o que fiz?

Engulo em seco. Isso foi a primeira coisa que ele pensou? Posso não conseguir acompanhar seu raciocínio o tempo todo, mas conheço Ithori bem o bastante para saber que, se isto foi a primeira coisa na sua cabeça e se ele está falando com esse tom, quase com raiva, é porque está com a consciência pesada.

Não. Não vou começar a pensar assim. Não vou. Eu não conheço Ithori, não de verdade. Não tenho que tentar entender suas reações.

— Depois de tudo o que viu em Nassi. — corrijo. — Você é a pessoa que analisa as situações. Eu tinha tudo sob controle, o tempo todo, e não sei pilotar. Por que entrou na frente do tiro?

Ithori me encara como se eu fosse idiota e se inclina para trás. Solto sua regata e deixo minha

outra mão cair para o seu ombro, enquanto espero ele responder. *Preciso saber. Pelo menos isto, eu preciso entender.*

— Eles estavam atirando com dois tipos de arma. Um laser frio e uma arma de projéteis explosivos. Seis atiradores. — ele começa.

O que falei sobre analisar a situação? Eu não notei nada disso. Estavam atirando, isso é tudo que eu precisava saber.

— As chances de nós dois escaparmos ilesos era nula, mesmo que você tivesse um bloqueador. Os escudos portáteis têm um limite de dano que conseguem bloquear. Assim que você ativasse um, ia tentar me proteger, pensando exatamente que eu era mais importante por ser o piloto, e se descuidar. Levando em consideração as armas que eles estavam usando, um escudo portátil não ia durar muito. Você ia ser atingida tentando me dar cobertura, possivelmente num momento em que não estava esperando.

Reviro os olhos. Por que esperei algo diferente?

— E quando eu fosse atingida, você teria que parar para me ajudar e provavelmente seria atingido também. Ou seja, era mais prático você tomar aquele tiro, de forma controlada, porque assim nós dois chegaríamos ao elevador. — interrompo.

Ithori balança a cabeça e seu olhar prende o meu. Se não foi isso, então... Ele engole em seco e então se levanta de uma vez, se inclinando até que sua cabeça está a centímetros da minha, o tempo todo sem desviar os olhos.

— Você teria sido atingida. — ele fala, rouco. — Mais nada importava. Eu deixaria todos aqueles tiros me acertarem, se isso significasse que você ia escapar em segurança.

É a minha vez de engolir em seco. Como...? Balanço a cabeça, sem conseguir responder. Ele não falou isso. Não pode ter falado. Ithori não faria isso... Nem o Ithori que eu conheci entre os piratas nem esse que só se preocupa com seu trabalho.

— Eu teria ficado para trás, te dando cobertura, se você soubesse pilotar... E se achasse que me deixaria para trás. — ele continua. — Teria...

Enfio a mão no seu cabelo e o puxo. É a única forma que consigo pensar para responder isso. *Ithori tomou aquele tiro porque queria me proteger? Não porque ia ser o mais prático para a operação, mas para me proteger?*

Sua boca se choca na minha – e esta é a única expressão que consigo pensar para isso, porque esse beijo é desesperado. Não é como se nossas vidas dependessem disso. É mais, de alguma forma. Muito mais. Sua língua invade minha boca e deixo um gemido escapar quando Ithori me segura pela cintura. Mordo seu lábio quando ele se afasta e puxo seu cabelo. Ele grunhe alguma coisa antes de me empurrar para trás, me derrubando na cama, e se acomodar sobre mim. Consigo sentir sua ereção enquanto ele enfia as mãos debaixo da minha blusa, quase me fazendo gemer só por estar ali. Sua pele é quente contra a minha, seu toque firme, familiar. Senti falta disso. Passo as pernas ao redor do seu quadril, me apertando contra ele, e estamos nos beijando de novo, com o mesmo desespero, a mesma sensação de que não existe nada no mundo além disso. Respiro fundo, sentindo seu cheiro. Isso é estar em casa, isso é estar segura. E eu quero mais. Quero sentir sua pele contra a minha, mais do que só sua boca me devorando e...

Levanto o tronco, querendo girar na cama e ficar por cima, mas Ithori me segura no lugar. Mordo seu lábio de novo antes de me afastar. Não é assim que as coisas funcionam entre nós.

— Não dessa vez. — ele murmura, tão perto que sinto sua respiração contra os meus lábios.

— Agora não. Dessa vez... Eu quase te perdi.

Respiro fundo e paro de tentar nos virar. Nunca vi Ithori assim, e tenho a impressão de que dessa vez estou vendo o verdadeiro Ithori, sem nenhuma máscara e sem estar em um papel. Ele tomou um tiro por mim, porque queria me proteger. Mais que isso, porque estava com medo de me perder. Coloco uma mão no seu rosto de novo e ele fecha os olhos. Eu quero acreditar nisso. De verdade. Não queria ter essa voz me lembrando de que ele pode muito bem estar me manipulando de novo, mas não consigo evitar. Ainda assim...

— Eu quase te perdi. — repito o que ele disse. Sou uma idiota por estar fazendo isso, mas não me importo agora. — Se o tiro tivesse acertado um pouco para baixo, um pouco para o lado...

Ithori abre os olhos. Nos encaramos, não sei por quanto tempo, e não consigo desviar o olhar nem falar mais nada. Não sei o que é isto que está acontecendo, não sei se posso confiar.

— Me deixe... — Ithori pede, ainda com aquela voz rouca.

Assinto, sem confiar na minha voz. Quem é que recusa um pedido desses, feito assim? Eu que não.

Ele abaixa a cabeça e me beija. O desespero ainda está ali, mas desta vez o beijo é lento, uma exploração da minha boca, como se ele não tivesse nada melhor para fazer, enquanto suas mãos sobem pelo meu corpo, por baixo da minha blusa. Gemo quando ele passa os dedos pelos meus mamilos, que já estão duros e sensíveis. O que esse homem faz comigo?

Ithori para de me beijar para puxar minha blusa. Levanto os braços, sem nem tentar resistir. Ele para, ajoelhado com uma perna de cada lado do meu corpo, me encarando, e seu olhar é tão intenso que quase consigo sentir seu calor na minha pele. Estico os braços e puxo sua regata para cima. Ele obedece e a tira. Ótimo, porque eu também quero ver seu corpo. Mordo o lábio enquanto o encaro. Ithori sempre esteve em forma — ótima forma, aliás. Seu corpo é todo definido, mas daquela forma enganadora, que você só percebe quando vê o tanquinho marcado ou quando ele se move da forma certa. Perfeito. Delicioso. Meu.

E ele continua me encarando. Levanto o quadril, tentando me apertar contra ele, mas a posição em que estamos não me deixa fazer isso. Seguro meus seios e começo a massageá-los, ao mesmo tempo em que rolo os mamilos entre os dedos, apertando e puxando de leve. O olhar de Ithori para nas minhas mãos e não consigo conter meu gemido quando vejo o volume crescendo ainda mais na sua calça. Rebolo, mal percebendo o que estou fazendo. Quero as mãos dele em mim, sua boca pelo meu corpo, mas se ele quer me assistir...

Desço a mão direita pela minha barriga e a enfio debaixo do cós da calça larga que estou usando. Escolhi as roupas mais largas e confortáveis para dormir, mas também são uma boa escolha para isso. O olhar de Ithori acompanha meu movimento. Passo dois dedos entre meus lábios, indo até minha entrada. Estou ensopada, mas isso não é nenhuma surpresa. Subo os dedos, parando no meu clitóris e começando a fazer movimentos circulares, devagar, bem devagar. Levanto o quadril e tento abafar um gemido.

Ithori sai de cima da cama, me puxa pelas pernas até que minha bunda está na beirada do colchão, e puxa minha calça e minha calcinha no mesmo movimento. Tento rir, mas estou ofegante demais e ele está se ajoelhando no meio das minhas pernas... Respiro fundo e nem tento conter o gemido quando sinto sua respiração quente contra minha pele sensível. Ele segura minhas pernas abertas, subindo e descendo as mãos pelas minhas coxas antes de afastar minha mão. Agarro o lençol, sem conseguir desviar o olhar da cabeça de Ithori entre minhas pernas.

A primeira lambida faz todo o meu corpo enrijecer. Ele está provocando. Abro a boca para

reclamar, mas o que sai é um gemido, quase um grito, quando ele começa a chupar meu clitóris. Puta que pariu. Ithori mantém o mesmo ritmo lento que eu estava usando, enquanto continua a massagear minhas pernas. Não consigo sentir mais nada além dele me chupando, sem pressa, sem perder o ritmo, alternando chupadas com movimentos da língua. Aperto o lençol com força, me movendo de forma descontrolada. Não sei se quero me afastar ou se quero mais, porque Ithori sabe exatamente como me deixar louca.

Bato a mão com força na cama quando ele para e escuto sua risada, baixa e rouca. Estava quase lá e... Puta que pariu. Sinto sua língua entrando em mim. Isso. Isso. Ele endurece a língua, me penetrando depressa, sem parar, e consigo sentir sua respiração quente contra mim ao mesmo tempo. Fecho os olhos, rebolando contra a sua boca. Isso é o paraíso.

Ithori segura meu quadril antes de parar o que está fazendo. Abro os olhos. Ele está me encarando, e só a visão dele, com os lábios molhados, entre minhas pernas, já é quase o suficiente para me fazer gozar.

— Sentiu falta de mim? — ele pergunta.

Não tenho tempo de responder. Ele volta a me chupar, agora com força, depressa. Puta que pariu. Sinto meu corpo queimando, mas ao mesmo tempo a única coisa que consigo sentir é sua boca no meu clitóris, porque nada do resto importa. Ithori enfia dois dedos em mim, me penetrando no mesmo ritmo em que me chupa, dobrando os dedos para massagear o ponto perfeito. Puxo o lençol com força, levantando o quadril, mas Ithori passa o braço sobre mim, me mantendo onde ele quer. Puta que pariu, isso é demais, e...

Sinto meu corpo explodindo, tremendo de forma descontrolada, e não consigo nem fazer nenhum som. Faz tempo demais que não tenho um orgasmo assim. Ithori não para de me chupar, e eu acho que estou gemendo, mas não tenho mais controle do meu corpo, só sei que quero mais, quero sentir cada centímetro da pele de Ithori na minha, não só sua boca em mim.

Puxo seu cabelo. Ele levanta a cabeça e me encara por um instante antes de subir na cama, uma perna de cada lado de mim, e lambe os dedos que usou para me penetrar. Gemo de novo, o puxando para um beijo. Sinto meu gosto na sua boca, sua ereção me apertando quando passo as pernas ao redor do seu quadril.

— Mais. — consigo falar.

Ithori grunhe alguma coisa em resposta, mas eu sei o que isso significa. Ele se levanta e tira sua calça depressa, enquanto eu me arrasto para trás na cama. Quero mais, muito mais. Quero tudo que ele tiver para dar.

Abro as pernas quando ele sobe na cama de novo. Desço meu olhar pelo seu corpo e passo a língua pelos lábios quando paro na sua ereção. Todo meu.

— Depois. — ele fala, tão rouco que mal consigo entender.

Sim, depois. Vamos ter tempo. Agora eu quero ele dentro de mim.

Ithori se inclina sobre mim e segura meu quadril. Gemo alto quando ele me penetra de uma vez. Se existe algo como “encaixe perfeito”, é isso. A sensação dele me preenchendo é a perfeição. Não tenho outra forma para definir isso. Ithori apoia os braços um de cada lado da minha cabeça e respira fundo, com os olhos fechados. Rebolo, sem querer esperar, e ele geme antes de abrir os olhos. Não sei o que estou vendo ali, só sei que quero.

Eu estava errada. Perfeição é quando ele começa a se mover e nossos ritmos se encaixam, indo e voltando, até que a única coisa no quarto é o som molhado dos nossos corpos se chochando

e nossos gemidos se misturando. Me seguro nas costas de Ithori enquanto ele me beija com força, descontrolado. Não que eu esteja muito melhor. Estou queimando, queimando, mas isso é bom. É tudo o que eu quero.

Meu orgasmo vem depressa e me agarro com mais força ainda em Ithori enquanto todo o meu corpo treme. Seu beijo abafa meus gemidos e eu não quero que isso termine. Aperto as pernas ao redor do seu quadril, tentando prolongar a sensação, enquanto ele começa a investir contra mim mais depressa, com força. Sinto seus músculos se contraindo quando ele goza. Nossos olhares se encontram por um instante e preciso desviar os olhos. Isso... Isso é demais. Estamos os dois ofegantes, os dois suando, e um olhar é demais. Mas, ao mesmo tempo, não é o bastante.

Ithori se deixa cair sobre mim, me apertando contra seu corpo. Continuo como estou, me segurando nele, sentindo seu calor e seu peso. Senti falta disso. Mais falta do que posso admitir.

— De novo. — ele murmura.

Não falo nada, só nos viro na cama até eu estar por cima, ainda com ele dentro de mim.

Carol

É difícil acreditar que dois anos atrás eu descobri que meu namorado era um ET e que estava se alimentando de mim. É uma coisa dos drillianos, eles meio que se alimentam de energia sexual ou algo assim. Seria algo interessante, se no processo não transformassem seus parceiros em robôs que os obedecem cegamente. Por sorte, eu me livreí dele antes que isso acontecesse comigo, mesmo que ele tenha deixado algumas *lembrancinhas*.

Mais difícil ainda é acreditar que agora meu trabalho é caçar ETs. Tá, estou sendo dramática. Rio e saio do carro, batendo a porta atrás de mim. Se bem que ir atrás de aliens que não estão cumprindo as regras para ficar na Terra pode *sim* ser chamado de “caçar ETs”. E isso é foda pra caralho, mesmo que eu seja novata na organização e só pegue os trabalhos mais simples.

Não tem mais ninguém na garagem, mas isso é normal. Só os carros de trabalho ficam aqui e não somos tantas pessoas assim na unidade de Belo Horizonte para ter movimento. Talvez em São Paulo ou no Rio seja diferente. Ou não. Vai saber. Quem sabe um dia eu anime a pedir transferência para uma cidade maior, só para ver no que dá.

Poucos meses depois da história toda com meu ex-namorado eu fiquei sabendo sobre o que realmente estava acontecendo. Ou melhor, *está*. Existe vida alienígena – não que eu tenha duvidado disso em algum momento, mesmo antes de descobrir sobre Lucas. Acho que é falta de noção pensar que só a Terra desenvolveu algum tipo de forma de vida, de todos os milhares de planetas por aí. E essas espécies alienígenas têm tecnologia bem superior à nossa. Umas tantas delas observam a Terra há séculos, outras tantas vivem entre nós, escondidas. E todas elas fazem parte de um governo multi-planetário chamado de “Acordo”. E o fato de eu não achar nada disso estranho provavelmente quer dizer que assisti mais filmes de ficção científica do que deveria.

A organização para a qual trabalho, APLA – Agência Planetária de Ligação com o Acordo – monitora a presença dos aliens na Terra. Temos acesso à tecnologia do Acordo e contato direto com eles. Quer dizer, o alto escalão tem contato com eles. Não os agentes de campo como eu. Mas o fato é que trabalhamos junto com o governo do Acordo, e é bom saber que qualquer alien que resolva vir para a Terra não vai poder fazer o que bem entender.

E eu estou trabalhando para a versão da vida real de MIB. De novo: foda pra caralho.

Abro a porta da garagem, que dá em uma sala pequena, com três cadeiras de plástico presas em uma parede e uma mesa comprida no lado oposto. Quando precisamos trazer algum ET para ser mandado de volta sempre tem alguém sentado atrás da mesa e mais uns dois agentes para evitar acidentes, mas em dias parados a sala fica vazia.

A porta ao lado da mesa dá para o corredor principal e vou direto para lá. Quero passar na cozinha, ver se ainda tem algum resto do lanche da manhã, antes de ir para a minha sala. Já faz quase duas semanas que não tenho nada para verificar, então estou aproveitando o tempo para estudar. Com os ETs, quanto mais você souber sobre cada espécie em particular, mais fácil é deduzir o que vão fazer e como vão reagir ao que falar. Sem falar que é bem interessante. Admito que já pensei seriamente em começar a escrever livros usando o que estou aprendendo.

Débora abre a porta da cozinha quando eu já estou quase lá. Ela é a única agente com menos tempo aqui do que eu, e ainda tem a expressão meio deslumbrada e assustada que me

falaram que era normal quando comecei. Mas hoje essa expressão está mais óbvia que o normal.

— O quê... — começo.

— Andréia está aqui, em reunião com o Hudson. — ela responde depressa.

Andréia? Isso não é bom sinal. Foi ela quem me recrutou para a APLA. Na época, era a diretora da nossa unidade e a responsável pelo setor, mas pouco depois foi promovida para o escritório nacional. Depois disso ela não voltou em BH. Estar aqui agora só pode querer dizer tem alguma coisa grande acontecendo na região.

Me viro na direção da sala do diretor sem nem esperar ela terminar de falar e Débora me segura.

— Eles estão em reunião com um deles. E tem alguém te esperando na sua sala.

Andréia estar em reunião com alguém do Acordo não me faz parar. Se algo grande a esse ponto estiver acontecendo por aqui, eu sou uma das melhores escolhas para ser enviada e ela sabe disso. Lucas, meu ex-namorado ET, pode não ter chegado ao ponto de me transformar em uma marionete, mas me deixou umas coisinhas úteis, tipo a camada de escamas ultra resistentes que posso fazer aparecer e que já me livrou de algumas situações complicadas. Hudson, o diretor atual, não sabe disso, mas Andréia sabe.

Agora, alguém esperando na minha sala? Isso me faz parar e encarar Débora, que balança a cabeça.

— Não faço a menor ideia de quem seja. Só me mandaram te avisar.

— E lá vem merda. — murmuro.

Não consigo pensar em outro motivo para alguém estar me esperando na minha sala. Problemas. Com certeza, problemas.

Débora dá de ombros e fica parada no lugar enquanto continuo pelo corredor. Sei que ela está esperando eu chamar para vir comigo, mas se não falaram quem está esperando na sala, é porque não querem que ela saiba. Qualquer um que trabalhe na APLA se acostuma bem depressa com segredos em cima de segredos. É um saco, mas é necessário.

Abro a porta da sala esperando o pior – seja lá o que o pior for – e paro. Minha sala é pequena, com uma mesa, uma cadeira, e uma estante de metal que tem desde livros, até DVDs, cristais de dados e alguns aparelhos do Acordo. E Gabi está sentada na minha cadeira.

Gabi, minha prima que passa meses sem dar sinal de vida porque tem um “trabalho confidencial” que ela deu a entender que é para a APLA, mas nunca vi nem ouvi falar nada sobre trabalhos confidenciais dentro da organização.

— Gostei da cor.

Paro, sem ter certeza do que ouvi, e então passo a mão pelo cabelo. Agora ele está num degradê: verde na raiz, quase turquesa no comprimento e azul nas pontas.

— Foi acidente. — falo.

Porque é óbvio que se eu tivesse tentado fazer isso de propósito não ia dar certo. O que não é nem um pouco óbvio é o que ela está fazendo aqui. Eu sei que Gabi está envolvida com a APLA ou com o Acordo de alguma forma, mas ela só me disse que era um trabalho confidencial e que ela ia passar tempo demais viajando, então já faz mais de três meses desde a última vez que nos vimos.

— O que você está fazendo aqui?

Gabi dá de ombros.

— Se eu fosse você, ia pegar uma cadeira primeiro.

Estreito os olhos. Não devia ter que pegar uma cadeira, a sala é minha. Mas estou curiosa demais. Saio da sala e encaro a porta fechada da sala de Hudson. Andréia está aqui, eles estão em reunião com alguém do Acordo, e Gabi está na minha sala. Ainda bem que nunca botei muita fé nessa história de “trabalho confidencial”. Especialmente porque já vi o “parceiro de trabalho” dela. Tenho certeza de que é ele que está na sala do diretor. Agora só falta saber o motivo disso tudo.

Pego uma cadeira na sala de conferências e volto para a minha sala. Débora coloca a cabeça para fora da sua sala quando estou na porta e balanço a cabeça. Ela bufa e eu dou de ombros. Regras da APLA. O que puder, conto para ela depois.

Fecho a porta atrás de mim, coloco a cadeira na frente da mesa e me sento.

— Desembucha.

Gabi ri.

— Kernos precisava se reunir com a direção nacional. Como tem um bom tempo que não venho aqui, ele pediu para Andréia vir em BH.

— Ele pediu para Andréia vir em BH só por sua causa? — repito. — Mimada!

— Muito. — ela assente, sorrindo de orelha a orelha.

Reviro os olhos. Ela realmente acha que vou acreditar nessa história de “parceiro de trabalho” vendo esse sorriso dela? Gabi está mais que apaixonada por esse cara e qualquer um que conheça ela ao menos um pouco consegue notar.

E então penso melhor no que ela falou.

— Espera. O seu Kernos é “o” Kernos? Kernos re’Dyraiv? O chefão da porra toda?

— “Chefão da porra toda” é exagero. Ele só é quem tem mais contato com a APLA...

Balanço a cabeça, sem acreditar. Esse tempo todo, ela não estava só pegando um alien. Ela estava pegando um dos aliens com mais autoridade em todo o Acordo, pelo que aprendi. E eu nunca liguei o nome à pessoa porque é meio absurdo pensar que minha prima está com Kernos re’Dyraiv... E que ele é o cara tranquilo e divertido que conheci. E gostoso.

Balanço a cabeça de novo e estreito os olhos.

— Isso não explica porque você está na minha sala sendo que em dois anos não me contou nada disso.

Ela sorri e coloca alguma coisa em cima da mesa. Cruzo os braços. Esse tempo todo ela sabia exatamente o que estava acontecendo, provavelmente melhor que meus chefes. E eu só fui ter certeza de que não estava ficando doida meio ano depois da história com Lucas, quando Andréia me recrutou para a APLA.

Gabi suspira e empurra o que colocou na mesa na minha direção. Parece que é um celular, mas não é nenhum modelo que eu já vi... Pego o celular depressa. Ele não parece com nenhum modelo que já vi porque não é terráqueo. Isso é tecnologia do Acordo. Encaro Gabi de novo.

— Eu não podia contar nada, porque mesmo que você soubesse sobre Lucas, não tinha provas. — ela fala. — Você ouviu todo o discurso sobre manter o segredo quando entrou na APLA.

Abro a boca e fecho de novo. Ela sabia sobre Lucas. Esse tempo todo. Ela sabia o que ele fez.

— Você sabia. — consigo falar.

— Aposto que você já procurou por ele nos registros da APLA, não é? Por que acha que ele e a família deixaram a Terra?

É óbvio que procurei assim que tive acesso às informações sobre ETs vivendo na Terra. Queria saber qual a espécie dele e exatamente o que tinha feito comigo. Fiquei bem surpresa quando vi que a família toda tinha voltado para o Acordo menos de um mês depois que terminamos.

— Você e Kernos... — começo.

— É uma longa história. Te conto tudo depois, se quiser, mas quero aproveitar enquanto eles estão em reunião. — ela fica séria e indica a porta fechada com a cabeça.

Assinto. Trabalho, então, e depois colocar o assunto em dia.

— Esse celular é para você. Você não vai ter problemas para entender como funciona, se já se acostumou com tecnologia do Acordo, e eu traduzi o sistema operacional para português. Ele está ligado à rede do Acordo, então vai conseguir falar comigo, se precisar. Já programei meu número e mais alguns contatos úteis. — Gabi explica.

Não falo nada. Se ela já começou assim, é porque vou *precisar* entrar em contato com ela.

— O que você sabe sobre o comércio de mulheres terráqueas?

— O que está disponível dos arquivos da APLA. — respondo, estreitando os olhos. Conheço essa expressão dela. Acho que acabei de descobrir qual é o “trabalho” de Gabi.

— Estamos fazendo o possível no Acordo. Acho que vamos conseguir fazer as novas leis passarem, mas da forma como as coisas estão vamos precisar de anos depois da aprovação delas para ter medidas reais. É aí que você entra.

Então Gabi está vivendo no Acordo e trabalhando junto com Kernos para mudar as leis do Acordo? Levanto uma sobrancelha. Quem diria. Não que isso me surpreenda. Ela não faz as coisas pela metade.

— O que você quer que eu faça?

— Preciso que alguém crie uma proposta de regulamentação para a interação entre a Terra e o Acordo. Regras específicas, focando em manter a existência do Acordo em segredo e manter os terráqueos a salvo. Kernos e eu não temos tempo nem as informações necessárias para fazer isso. Você, dentro da APLA, está na melhor posição para criar algo assim, e posso te dar as informações que precisar e que não achar nos arquivos da APLA.

Não falei? Ela não faz as coisas pela metade.

— Só para ter certeza de que eu entendi... — começo. — Você quer que eu crie regras para as relações entre *todas* as espécies do Acordo e a Terra? E essas regras vão ser apresentadas para o Conselho do Acordo?

— Sim. E nesse meio tempo, seu currículo na APLA tem que ser exemplar, para seu nome ter peso quando apresentarmos a proposta de regulamentação.

Engulo em seco. Ela *realmente* não faz as coisas pela metade, e pelo visto eu também não vou poder fazer.

A sensação de conforto e segurança quando acordo — como se realmente estivesse em casa — é o suficiente para me fazer querer pular para fora da cama. Mas Ithori está com um braço ao redor da minha cintura, me apertando contra seu corpo, e com uma perna enfiada entre as minhas. Não quero pensar em porque acordei me sentindo tão bem. Não vou pensar nisso. Nem no que ele falou ontem... Antes de dormirmos. Não vou cair nessa de novo. E não posso pular para fora da cama, mas posso puxar o braço de Ithori e me sentar.

O que eu estava pensando para fazer isso? Argh. Não sou idiota a ponto de confiar em Ithori de novo. Então por que não fiz ele sair do quarto? Abaixo a cabeça e fecho os punhos. Não devia ter feito isso. Ithori sabe exatamente do que gosto e como gosto, a química entre nós nunca foi um problema, e é fácil demais voltar ao mesmo ritmo de antes. Ao mesmo relacionamento de antes. Mas eu sei a verdade agora. Não posso me deixar aceitar isso. É loucura. Ou melhor, é idiotice. Não importa o quanto Ithori seja bom na cama ou me faça me sentir bem. *Confiar nele. É. Idiotice.*

Respiro fundo e me levanto. Preciso fazer alguma coisa. Qualquer coisa para me fazer parar de pensar nisso. Trabalho. Tenho trabalho a fazer. Não conferi os dados que Pryinala mandou. Nossas roupas ainda estão jogadas pelo quarto. Reviro os bolsos da minha blusa até achar o cristal de dados que o mensageiro de Pryinala me entregou. O tablet de Ithori está perto do pé da cama e eu o pego. Vai ser mais fácil usá-lo do que sair pela base atrás de algum leitor.

Quando me viro, Ithori está me encarando. Ele não se moveu depois que me levantei, só abriu os olhos. Respiro fundo de novo e desvio o olhar. Não sei o que dizer. Quero mandar ele sair do meu quarto, mas se eu fizer isso vou ter que entregar seu tablet e ir procurar um leitor. Isso. Esse é um motivo válido para não mandar ele sair.

Me sento na beirada da cama de novo e coloco o cristal de dados sobre o leitor. Ithori não fala nada enquanto leio o que está ali, precisando me controlar para não apertar o tablet com força demais. Boas notícias... E não tão boas notícias.

— O que foi? — Ithori pergunta.

Abaixo o tablet, fazendo um esforço consciente para me manter calma. Não adianta me preocupar com tudo o que pode dar errado, nem ficar pensando nos riscos. Temos uma oportunidade e isto é o que importa.

— Pryinala conseguiu acesso a parte da planta das duas localizações. Um deles, ela não tem certeza do que é. O outro, é um complexo científico. As mulheres estão lá. E ela nos deu uma entrada — conto.

Ele estreita os olhos e se senta. Faço um esforço para manter meu olhar no seu rosto. Não tenho que ficar encarando seu corpo agora. Nem agora nem nunca mais. Não que eu *precise* ver alguma coisa. Se não me lembrava de cada detalhe do corpo de Ithori, as horas antes de dormir serviram bem para refrescar a memória.

— Isso são boas notícias. Então por que está com essa expressão?

— Ela também avisou que não pode nos proteger. Temos que ser rápidos, antes que alguém pense em ir atrás dela para comprar informações sobre quem mais está atrás dessas mulheres — explico, e continuo quando vejo que ele não entendeu. — O negócio de Pryinala é baseado na sua reputação. Ela dá informações corretas e nunca se envolve. Se alguém perguntar sobre nós diretamente, ela vai responder.

Ithori assente e se levanta, se virando para pegar suas roupas. Paro, encarando suas costas e vendo os músculos se moverem. Se eu parar para pensar no que seria um corpo perfeito, a imagem de Ithori vai aparecer na minha mente. Não tem como ser diferente. E eu preciso parar de encarar antes dele se virar.

Olho para o tablet no meu colo. Ver a sugestão de Pryinala na tela traz minha cabeça de volta para o que importa. Pelo menos Ithori não perguntou o que era. Tenho que pensar em todos os argumentos primeiro, porque ele não vai gostar dessa ideia. Não vai gostar *nem um pouco*. A ideia de me oferecer para trabalhar no tal complexo científico é mais arriscada que qualquer coisa que já fiz na vida, mas pelo que vi da planta do lugar, é o que tem mais chances de funcionar.

— A essa altura, Gabi provavelmente já enviou as informações que conseguiu.

Me viro para Ithori. Ele já vestiu sua calça e está segurando sua regata. Mal consigo ver a marca onde o tiro o acertou, ontem, mas não consigo me esquecer do que senti quando vi que ele estava sangrando. E não tenho que estar pensando nisso.

Tiro o cristal de dados do leitor e estendo o tablet na direção dele. Ithori o pega, mas balança a cabeça.

— Se ela respondeu, foi pelo sistema da base, não usando um sistema individual. Temos mais medidas de segurança assim.

Assinto e me levanto para procurar minhas roupas. Ithori para perto da porta e cruza os braços, sem nem tentar disfarçar que está me encarando. Travo os dentes com força. Não vou falar nada. Nem vou deixar ele notar como isso me faz querer que ele pare de olhar e faça alguma coisa.

Me visto depressa. Ithori não fala nada enquanto saímos pelos corredores da base, de volta para a mesma sala de comunicação que usamos antes de ir para Nassi. Nenhum dos piratas de Drek fala nada quando passamos por eles, e quase solto um suspiro aliviado quando chegamos na porta da sala sem nenhum comentário ou brincadeira. Tenho a leve impressão que qualquer resposta minha às piadinhas que eu sei que vão vir — a essa altura não é nenhum segredo que Ithori dormiu na minha cabine — vai mostrar mais do que eu quero que vejam.

E se eu sou um tanto covarde por deixar a porta aberta quando entro, isso não é da conta de ninguém.

Ithori ri em voz baixa quando me aproximo, já ligando o terminal. Não falo nada, só paro atrás dele e cruzo os braços, esperando. Quando os dados aparecem no monitor, vejo que ele tem uma mensagem nova. Ithori a abre e nem tento disfarçar quando me aproximo para ler também.

De acordo com todos os bancos de dados e redes que Gabriela conseguiu acessar, não existe nada nas localizações que enviamos. Resisto à vontade de falar um “eu avisei”. Ainda bem que tenho meus contatos, senão iríamos acabar em uma operação às cegas, e isso nunca termina bem.

Ithori suspira e começa a digitar uma resposta. Levanto as sobrancelhas quando ele apenas menciona uma “fonte alternativa” e não cita nomes nem lugares para explicar como consegui as informações sobre as localizações. Me inclino para colocar o cristal de dados no leitor antes que ele peça. Repassar os dados que conseguimos é uma medida de segurança óbvia, caso algo dê errado. Mesmo assim, tomo cuidado para abrir só as plantas e as informações gerais, não a mensagem de Pryinala para mim, antes de copiar os dados para a mensagem de Ithori.

— E agora? — pergunto.

— Agora esperamos. Ela deve responder logo. Quero ter certeza de que mais alguém tem as informações...

— Caso tudo dê errado. — completo. E ele ainda nem faz ideia de qual é a entrada que Pryinala sugeriu.

Ithori assente, girando a cadeira para me encarar. Dou um passo atrás e ele estreita os olhos. Sim, estou fugindo. Já que meu bom senso parece estar comprometido, é a melhor opção. Algum problema?

— Suelen, precisamos conversar sobre...

— Não. — balanço a cabeça e cruzo os braços. — Não temos *nada* a conversar. Só planos a fazer.

— Você está fugindo.

Não respondo. Estou, sei que estou, mas não preciso admitir em voz alta.

Ithori sorri, e de novo é aquele sorriso lento, familiar e perigoso.

— Você pode até fugir, mas desta vez não vou te deixar escapar.

— Isso está parecendo mais um daqueles caras obsessivos... — levanto as sobrancelhas. Ithori sabe bem o que penso disso. Ridículo não é o suficiente para definir.

Ele me encara, sem nenhum traço de diversão no rosto.

— Pode rir, se isso deixar as coisas mais fáceis para você. Mas desta vez eu vou atrás de você. Não vou ser idiota e deixar a melhor coisa que me aconteceu em anos escapar pelos meus dedos de novo.

Respiro fundo e viro as costas para ele, indo analisar um dos terminais do outro lado. Eles realmente trouxeram tudo do bom e do melhor para cá. Nunca pensei que fosse ver esse tipo de equipamento fora do controle de alguma grande organização. Apesar de que a força-tarefa está ligada ao Corpo Militar e...

Sim, eu estou evitando esta conversa. Não quero falar sobre isso, não vou responder Ithori, não vou dar atenção para suas palavras. Suspiro. Mais fácil falar que fazer. A impressão que eu tenho é que o que ele falou é um punho me apertando por dentro. Palavras bonitas, por assim dizer – porque ele sabe meus limites. Palavras que são quase uma promessa. E eu não vou levar elas a sério. Da mesma forma que ele disse que não vai ser idiota de novo, eu não vou ser idiota de novo a ponto de acreditar nele.

— Se não quer isto, me diga para te deixar em paz. — Ithori continua. — Fale de uma vez que não quer nada, ou que só quer sexo. Porque se não fizer isto, eu vou *atrás* de você.

Continuo encarando os terminais, apertando meus braços com força. Ithori me conhece bem demais. Ele sabe que me forçar a tomar a decisão vai me fazer pensar mais sobre isso do que gostaria de pensar. Mais do que *deveria* pensar.

E eu sou uma idiota, porque não respondo.

DEZOITO

— Você não falou qual é a entrada que Pryinala sugeriu.

Tento ignorar as palavras de Ithori, mas não tenho como. É hora de fazer planos e ele precisa saber. Respiro fundo e olho ao redor. Estamos no refeitório, com um projetor simples sobre a mesa, e todos os piratas sabem o que isso quer dizer. Ninguém vai nos interromper.

A mensagem de Gabriela, quando ela nos respondeu, foi só um aviso para pedirmos qualquer coisa que precisarmos. Acho que posso traduzir como “deem um jeito aí e me avisem”. Não tenho tanta certeza de que ela teria falado a mesma coisa se soubesse o que eu estava pensando em fazer.

— Suelen? — Ithori insiste.

Suspiro e toco numa das entradas no tablet. O projetor se acende, mostrando uma representação holográfica do complexo onde as mulheres estão, brilhando suavemente com uma luz azulada. Seleciono uma opção na tela e vários pontos se acendem com um tom rosado. Ithori estreita os olhos e se aproxima do holograma.

— O sistema de segurança?

— Sim. — assinto.

Ele gira a projeção e a encara por alguns instantes. Sei exatamente o que ele está vendo: um dos sistemas de segurança mais completos que eu já vi, se não for o mais completo. Eles têm tudo de última geração ao redor do complexo, alguns protótipos que não tenho certeza de como funcionam, além de guardas. E a rotação dos guardas é em turnos sobrepostos, o que quer dizer que não existe a menor chance de termos uma fração de segundo sem alguém monitorando sistema e seus postos.

Quando Ithori me encara, de novo, seu olhar está gelado. Ele está começando a perceber que não vai gostar do que vai ouvir.

— Qual foi a entrada que Pryinala sugeriu?

— Os responsáveis pelo complexo estão procurando um especialista para cuidar da sua mercadoria. Aparentemente estão tendo problemas para mantê-la em boas condições, tanto física quanto mentalmente. Isso quer dizer que não conseguem fazer tudo o que querem, daí a vaga.

A pele de Ithori se torna cada vez mais laranja e ganha um tom metalizado. Levanto as sobrancelhas quando vejo círculos azulados aparecerem ao redor dos círculos vermelhos que descem pelos seus braços. Consigo contar nos dedos de uma mão quantas vezes os vi. Ele realmente não gostou da ideia.

— Não.

Continuo com as sobrancelhas levantadas e não falo nada.

— Não vou fazer isso.

Ah. Iludido.

Sorrio.

— Você não tem que fazer nada. Quem tem uma entrada no complexo sou eu.

Ithori apoia os dois cotovelos na mesa e entrelaça os dedos. Certo. Ele gostou ainda *menos* disso.

— E como é que você vai entrar lá sem ser colocada junto com as outras terráqueas? É tão

“mercadoria” quanto elas.

Cruzo os braços. E agora ele está tentando me deixar com raiva o suficiente para não conseguir argumentar. Se fosse antes de eu passar dois anos me virando sozinha, isso provavelmente teria funcionado, mas Ithori não me conhece mais tão bem assim.

— Eu posso usar o nome de Dravos. — faço um esforço para não sorrir quando Ithori se inclina para trás. Ele também conhece este nome. — Ele vai confirmar para os responsáveis pelo complexo que sou de confiança, e deixar claro que me prender junto com as outras terráqueas não vai ser uma boa ideia.

Ithori suspira.

— Pryinala, Dravos... Não vou me surpreender se me disser que conhece Rhorttrekn.

Tento não reagir. Não sei o que me surpreende mais: se o fato de que ele sabe o nome de um dos chefões de Nassi ou se o fato de conseguir falar este nome completo.

Ithori levanta uma sobrancelha, me encarando. Ele realmente quer uma resposta?

— Fiz um trabalho para ele, quase um ano atrás. — dou de ombros.

Sorrio quando ele abre e fecha a boca, sem conseguir dizer nada. Rio, sem muito humor.

— Eu fiz o que precisava para sobreviver e para ter uma vida relativamente confortável. Se isso quer dizer fazer trabalhos para Rhotrek ou um acordo com Pryinala, que seja.

Ele balança a cabeça e apoia os braços na mesa.

— Não foi uma acusação. É mais... Surpresa, acho. — ele dá de ombros quando levanto as sobrancelhas.

Respiro fundo. Estava preparada para uma discussão, no mínimo, não para ele recuar assim. E não sei dizer se realmente estou na defensiva demais sobre tudo o que ele fala.

— Se serve de consolo, não conheço Dravos. — conto. — Conheço sobre ele. Qualquer um que passe por Nassi sabe sobre ele.

— Então como vai usar o nome dele?

— Pryinala. — dou de ombros. Não vou falar que eles são irmãos de criação. — Ela ofereceu. Quem me conhece, sabe que faço vários trabalhos para os mercadores de Nassi. Dravos mora em Nassi, quando está em terra. Tudo encaixa, e ele é alguém que ninguém vai desconfiar que esteja me encobrindo. No máximo, vão me vigiar para eu não roubar nada.

Ithori balança a cabeça.

— Esse plano tem tantos furos que... Como sabe que vão acreditar na palavra dele? Que não é uma armadilha para você?

Levanto as sobrancelhas. Admito que achei que ele ia bater o pé e falar que não e não e eu não devia fazer aquilo de forma nenhuma. Sou a primeira a admitir que essa ideia é arriscada demais, então isso não me surpreenderia nem um pouco, especialmente levando em conta como Ithori sempre fez o possível para me proteger das missões mais perigosas...

Engulo em seco. Não me lembrava disso. Ou melhor, nunca pensei seriamente nisso. Mas é verdade. O tempo todo, desde que nos conhecemos, nós dois jogados em uma cela com outros prisioneiros, Ithori sempre fez o possível para que eu não fosse parar em nenhuma situação de risco.

Desde que nos conhecemos.

E eu não quero pensar no que isso significa.

Me força a voltar ao plano louco de Pryinala.

— Pelo que entendi nas entrelinhas da mensagem de Pryinala, foi Dravos quem lhe passou as informações sobre as localizações. Isso, junto com essa ideia de usar o nome dele, quer dizer que quem quer que esteja no controle o conhece bem.

E Ithori não precisa se endireitar, como se isso fosse um absurdo. É óbvio que alguém de Nassi teria contato com as pessoas por trás do tráfico de mulheres. E é mais que previsível que uma dessas pessoas seja Dravos. Ele não fez seu nome à toa.

— Não acho que seja uma armadilha para mim, porque sou valiosa para Pryinala. Ela não vai colocar uma das suas fontes de lucro e sua única forma de informações confiáveis sobre a Terra em risco.

Ele estreita os olhos.

— Você está pagando as informações que Pryinala te dá com informações sobre a Terra.

Dou de ombros. Como ele pensou que eu estava pagando? Ithori balança a cabeça.

— Você faz negócios com Pryinala sem especificar um preço. Não me pergunte o que pensei.

Certo. Não vou perguntar. Mas consigo perceber sua tensão. Ele realmente não gostou de me ver negociando com Pryinala daquele jeito, e mesmo assim não falou nada. E acho que nem teria falado, se eu não tocasse no assunto.

— Pryinala negocia informações, mas não necessariamente informações cruas. — por algum motivo, decido explicar. — Muitas vezes o que ela fala tem valor e está certo porque ela entende todas as variáveis envolvidas. E para entender isso sobre a Terra e os humanos, ela precisa do tipo de informação trivial que os aliens vivendo lá não conseguem lhe dar.

— Ou seja, você está contando os detalhes do dia-a-dia para ela.

Assinto.

— Essas informações aqui vão me render algumas horas sentada com Pryinala num lugar da sua escolha, contando desde detalhes da minha infância até as coisas mais óbvias sobre como é um dia comum na Terra. — dou de ombros.

Ithori me encara por um instante, sério. Pensei que ele fosse relaxar com minha resposta, mas estava enganada. Desisto de entender o que está se passando pela sua cabeça.

— E o que vai acontecer quando ela já souber de todos os detalhes da sua vida?

Sorrio sem humor nenhum. Sei exatamente o que ele quer dizer. O que vai acontecer quando eu não for mais útil? Fiz o possível para me proteger disso quando fechei meu acordo com Pryinala. Da mesma forma que ela sabe demais sobre mim, eu sei alguns segredos sobre ela — como sua relação com Dravos. Eles são a minha garantia de que ela não vai se virar contra mim, porque posso dar vários alvos excelentes para as pessoas que têm problemas com ela.

Encaro o holograma. Não vou responder, e meu sorriso seco já deixou isso claro.

— Não consigo ver outra forma de ter acesso ao complexo. — começo. — Mesmo se fosse apenas para resgatar as mulheres, sem ir atrás de mais informações, não acho que seria possível.

Ithori suspira.

— Você vai seguir esse plano, não importa o que eu diga.

Levanto as sobrancelhas.

— A menos que tenha alguma ideia melhor e que dê resultados.

Ele encara o holograma e toca nos controles para girá-lo e dar zoom em algumas seções.

Cruzo os braços e me apoio melhor na cadeira, esperando. Não tem outro jeito. Já procurei, e eu sou acostumada a fazer esse tipo de infiltração. Ele, não. Quer dizer... O Ithori que eu conheci, que passou anos comigo entre os piratas, nunca tinha feito esse tipo de coisa. Mas preciso me lembrar que aquele não é o Ithori de verdade. Eu não tenho a menor ideia do que ele já fez ou do que é capaz.

Respiro fundo. Quando foi que comecei a cair no mesmo ritmo de antes, de quando ainda estávamos com o bando de Drek? Não sou idiota. Mas, de alguma forma, Ithori conseguiu me fazer esquecer do que aconteceu de lá para cá. Repito a lista mentalmente: enganada, usada, ameaçada. Não vou me esquecer.

Levanto a cabeça quando Ithori solta um suspiro lento. Ele toca nos controles, voltando o holograma para a posição original, e balança a cabeça.

— Vou com você.

Deixa eu pensar, uma infiltração de alto risco, com Ithori? Com uma pessoa em quem eu não confio, que não sei o que pode fazer, e que consegue desviar minha atenção só por estar perto de mim?

— Não.

Ele levanta as sobrancelhas.

Eu ainda acho que isso é uma péssima ideia. Tanto acho que é uma péssima ideia que tentei vir sozinha. Assim que nossa “sessão de planejamento” terminou, sem que eu conseguisse convencer Ithori a não vir, e decidimos tirar algumas horas para dormir, fui atrás de Vhorr. Ainda tenho algumas das pedras preciosas, foi fácil negociar com ele para me levar até metade do caminho até o complexo. Piratas. Quando chegamos no espaçoporto, no meio do turno noturno da estação e quatro horas antes do horário que combinei com Ithori para partirmos, ele estava apoiado na entrada da sua nave, com aquele sorrisinho irritante no rosto. E ainda falou um “esperava você pelo menos meia hora atrás”. Filho da mãe. Não sei quem xingou mais, se fui eu ou Vhorr, que ficou sem suas pedras preciosas.

E aqui estou eu, de novo com Ithori em uma nave minúscula. Argh. Cruzo os braços. Não faço a menor ideia de que história vou inventar para explicar a presença dele, mas aparentemente Ithori não está nem um pouco preocupado com isso. Sorte dele que não sei pilotar.

— Espero que esteja em silêncio assim porque está pensando no que fazer quando chegarmos no complexo. — Ithori comenta.

Não, estou pensando em formas de te matar.

E ele não tem nada que estar todo felizinho só porque conseguiu prever exatamente o que eu ia fazer. Não que tenha sido difícil. Admito que fui muito previsível. Deveria ter esperado até ser quase a hora que combinamos de sair, quando ele provavelmente já teria desistido e saído do espaçoporto. Ou deveria ter conferido se alguém estava no espaçoporto antes de descer, mas não queria avisar nenhum dos outros piratas sobre o que estava fazendo. Não tenho mais tantas pedras preciosas assim.

Travo os dentes, encarando o monitor à minha frente. Melhor não responder.

A localização do complexo científico é no limite do que é considerado como a área do Acordo. Bem além da orla, das áreas que são território dos piratas e mercenários. O lugar onde Judas perdeu as cuecas, porque as botas ele perdeu bem antes, para não usar outra expressão.

— Ia ser bom se você escutasse as pessoas que têm as informações, sabe. — comento. Pryinala deixou claro que era melhor eu ir sozinha e eu repeti isso mil vezes enquanto estava tentando convencer Ithori a ficar na estação. Justificar a presença dele vai ser quase impossível.

Ele levanta uma sobrancelha.

— Se você estivesse organizando uma operação como esta, mandaria alguém sem nenhum tipo de suporte ou reforço?

Não. Mas não estou *organizando* uma operação assim. Estou *indo* em uma.

— Mandaria, se fosse a única solução viável.

Ithori estreita os olhos.

— Boa tentativa. Eu te conheço. Você é pior que eu quando o assunto é pensar em todas as precauções possíveis. Não minta.

Não vou travar os dentes.

— Não estou mentindo. — viro minha cadeira para encará-lo. — Você me conhecia. Não confunda as coisas.

Ele ri em voz baixa. Essa não é a reação que eu estava esperando.

— Não combina com você. — Ithori fala.

— O quê?

— Fugir.

Respiro fundo e solto o ar pela boca. Por que falei alguma coisa mesmo? Argh. Homem irritante. Me viro de volta para o monitor. Mais de quatro horas até chegarmos ao complexo. Quatro horas com Ithori do meu lado, porque ele me ignorou completamente quando disse que era melhor pegarmos uma nave um pouco maior, que tivesse ao menos uma cabine.

— Eu não estou fugindo de nada.

E não deveria ter respondido.

— Está fugindo de mim. De nós. Ou tem outro nome para isso?

Me viro para ele.

— Tenho. Bom senso.

Vejo sua pele começar a se tornar mais laranja antes de olhar para a frente de novo. Não posso fazer nada se ele não gostou do que ouviu. Me afastar dele é bom senso, só isso. Não estou fugindo.

— Bom senso seria ter aceitado que vir em uma operação dessas sozinha é suicídio.

Reviro os olhos. De novo isso?

— Se faz questão de insistir nisso, bom senso seria ter deixado quem é *especialista* nesse tipo de coisa tomar as decisões relevantes. — respiro fundo e me viro para ele. — Você passou todos os anos entre os piratas e mercenários me protegendo. Mas muita coisa mudou desde aquela época.

— Não estou te protegendo.

Levanto as sobrancelhas.

— Antes, você precisava que eu te protegesse. Agora... — ele se cala.

Espero, mas Ithori não termina o que estava falando. Solto um suspiro.

— Pelo visto, agora preciso de alguém para fazer minha vida ser um inferno. — resmungo.

Ithori ri.

— Eu senti falta disso.

Respiro fundo, cruzo os braços, e volto a encarar o monitor. Merda. Estamos discutindo como antes. E discutindo do jeito que fazia os piratas começarem a falar em nos dar privacidade. Nunca que vou admitir que estava começando a relaxar. Se Ithori não tivesse feito esse comentário, eu provavelmente nem ia notar.

E também não vou admitir que senti falta disso.

Escuto o suspiro de Ithori e me concentro nos dados no monitor. Temperatura normal, atmosfera a níveis ideais, conversores de gases funcionando 2% abaixo do que seria o normal, mas esta é uma variação comum. Mesmo assim, é bom alguém dar uma olhada nisso quando voltarmos para a base. Nunca se sabe quando uma falha comum, que normalmente é causada pelo uso contínuo, pode acabar atrapalhando uma operação. Não que eu saiba alguma coisa sobre isso. Não sou uma mecânica.

— E dizem por aí que homens que não sabem lidar com emoções...

Ele está fazendo de propósito, não está? Solto o ar pela boca. *Não vou responder.* Não tenho nenhum problema para lidar com as minhas emoções, obrigada. Só tenho bom senso o suficiente

para saber que cair no mesmo erro duas vezes é idiotice. E Ithori é a última pessoa que pode questionar essa fala sobre homens e emoções. Como é que ele passou anos pensando que era só uma pessoa qualquer esquentando minha cama?

E falando em esquentar a cama... Sorrio.

— O que foi?

Não me surpreendo com a pergunta de Ithori. Consigo sentir o olhar dele em mim o tempo todo. Se estivéssemos em um carro ele já ia ter batido, porque Ithori mal está prestando atenção nos controles.

Respiro fundo e meu sorriso se alarga. Se ele achava que era só alguém para esquentar minha cama, acho que não vai falar nada se virar *exatamente* isto, certo?

Me viro para Ithori.

— Já sei como explicar sua presença quando chegarmos no complexo.

Ele não fala nada, apenas me encara.

— E acho que nem vão questionar essa história. — continuo, sorrindo.

Ithori estreita os olhos.

Me viro de volta para o monitor. Agora estou provocando de propósito, mas não me importo. Ele não gosta quando precisa pedir alguma informação que qualquer pessoa com meio cérebro já teria oferecido. Palavras dele.

— Suelen... — ele começa.

—Mhmm? — o encaro, levantando as sobrancelhas.

Ele respira fundo. Faço um esforço para não sorrir. *Não é tão bom assim quando é você que está sendo provocado, não é?*

— Dizem que para uma operação ter sucesso todos que são parte dela precisam saber quais são os planos, sabe.

Jura?

— Não necessariamente. — não vou sorrir, não vou sorrir.

— Suelen, o que você está pensando em fazer?

Pronto, nem doeu perguntar.

Droga, estou relaxando de novo.

Respiro fundo. Fazer isso é um erro. Uma estupidez absurda, especialmente depois do que Ithori falou quando foi atrás de mim, na estação. Não é difícil deduzir como ele vai reagir. Mas é a única forma que consigo pensar de fazer aceitarem a presença dele.

— Você vai ser meu servo. No sentido etraniano da palavra.

Guarda-costas e objeto de satisfação sexual. Faz todo sentido: eu sou uma mulher terráquea, sozinha no Acordo, sendo que somos vistas como mercadoria aqui. Nada mais natural que arrumar um homem do Acordo para me servir de proteção, e se alguém pesquisar sobre mim vai descobrir que Ithori e eu passamos anos juntos. Se o apresentar assim, ele vai ter acesso aos mesmos espaços que eu.

Ithori estreita os olhos e então sorri. E é aquele sorriso lento, que começa quase irônico antes de se abrir e chegar aos seus olhos, fazendo várias promessas sem que ele precise dizer nada.

Essa é a ideia mais estúpida que eu já tive na vida. E é culpa dele, que insistiu em vir.

Mesmo que ele tenha razão e seja o tipo de operação arriscada demais para mandar uma

pessoa sozinha. Argh.

— Ah, um servo. — Ithori comenta, ainda sorrindo. — O prazer em servi-la vai ser *todo* meu.

Por que Ithori não pode ser um desses caras que acham um absurdo não serem os mais importantes em tudo? Ia ser *muito* mais fácil fazer isso funcionar se ele não estivesse gostando tanto da ideia. Meu olhar desce pelo seu corpo automaticamente. É, ele *realmente* gostou da ideia.

Respiro fundo e volto a encarar o monitor. Ithori ri em voz baixa, mas não fala mais nada.

O complexo científico na verdade é a maior nave que já vi. Comprida, gorda, com duas torres em cada ponta e linhas elegantes que nunca vi em uma nave antes. Especialmente em uma deste tamanho. Isso explica como escaparam da força tarefa até agora. É mais fácil criar escudos e bloquear qualquer tipo de leitura de uma nave do que de algum local em terra. E como se não bastassem todos os sistemas de segurança da nave em si, várias naves menores estão ao redor dela. Não preciso nem olhar para as leituras para ter certeza de que são naves ofensivas. Respiro fundo. Por bem ou por mal, ainda bem que Ithori veio comigo. Eu não teria a menor chance de conseguir fazer isso sozinha.

Ithori não fala nada, mas consigo ver sua tensão. Uma coisa é ver um holograma, outra bem diferente é *realmente* ver o tamanho dessa nave.

A luz do comunicador se acende.

— Nave não identificada, você está se aproximando de uma área restrita. Forneça sua senha ou retire-se, do contrário será destruída. — uma voz sintetizada fala. Vocalizador de má qualidade ou tom natural?

Levanto as sobrancelhas. Ainda estamos relativamente longe. Não pensei que estariam trabalhando com um perímetro tão grande. Isso só complica as coisas ainda mais.

Ithori se vira para mim e indica o painel de comunicação. Tudo bem. Hora de ver se a entrada de Pryinala realmente vai funcionar. Me inclino para a frente e ativo a comunicação do nosso lado.

— Me falaram que estavam precisando de alguém para cuidar de uma mercadoria especial. Se minha informação está errada, é só avisar e vamos voltar.

— Quem é você e como conseguiu esta informação?

Resisto à vontade de soltar um suspiro aliviado. Acho que isso vai funcionar.

— Meu nome é Suelen. Dravos me passou esta informação, porque sou a pessoa mais qualificada para cuidar desta mercadoria dentro do Acordo.

— Aguarde.

Desativo a comunicação e me inclino para trás na cadeira, soltando o tal suspiro. Agora eles vão escanear a nossa nave, perceber que sou terráquea, e passar a informação para alguém acima na hierarquia, até chegar em quem possa tomar uma decisão.

Os minutos se arrastam enquanto Ithori mantém a nave na menor velocidade possível e em uma trajetória que não vai nos levar mais para perto do complexo. Melhor não arriscar.

— Aproximação liberada. Estamos enviando informações sobre onde devem pousar. Aguardem inspeção antes de desembarcarem. — a mesma voz fala, antes de desligar a comunicação.

Sorrio enquanto me acomodo melhor na cadeira. Conseguir pousar era minha maior preocupação. Uma vez lá, tenho certeza de que dou um jeito de fazer nos aceitarem.

— Tem certeza que não é uma armadilha? — Ithori pergunta.

Respiro fundo e assinto. Pryinala não faria isso. Se alguém perguntar sobre pessoas interessadas nas mulheres terráqueas, ela vai dar meu nome. Mas não me mandaria para uma armadilha, disso eu tenho certeza.

Ele assente, ainda tenso, e manobra a nave na direção das coordenadas que foram enviadas

para nós.

— Deveríamos ter arrumado roupas mais apropriadas para você. — ele murmura.

Olho para baixo, encarando minhas roupas de trabalho, antes de balançar a cabeça.

— Eles estão esperando alguém de Nassi, por causa do nome de Dravos. E é exatamente isso que vão ver.

— Eles vão esperar alguém capacitada para cuidar física e psicologicamente de outras pessoas, não uma ladra.

Levanto as sobrancelhas, mesmo que ele não esteja olhando para mim, para variar.

— A única capacitação que preciso é ser terráquea. Eles não vão conseguir ninguém no Acordo que entenda as necessidades delas melhor que eu. — cruzo os braços. Posso estar agido como se tudo isso fosse uma operação qualquer, mas a ideia de mulheres terráqueas sendo tratadas como mercadoria, como gado, me deixa furiosa e com nojo. Não foi à toa que comecei a seguir qualquer pista sobre onde as estavam mantendo. Mas preciso tomar cuidado e não deixar *ninguém* ver minha reação real.

Minutos depois, Ithori pousa no espaço indicado para nós. O espaçoporto *dentro* da nave é maior que os espaçoportos de Nassi. O tamanho disso aqui é absurdo. Não dá para dizer que é um complexo científico. É uma unidade habitacional e funcional totalmente independente e provavelmente autossuficiente. Pelos planos que Pryinala passou, eu não consegui nem chegar perto de ter uma noção real do tamanho disso.

Continuo sentada enquanto um aviso de que a nave está sendo escaneada aparece, e então Ithori acompanha os dois técnicos que entram na nave para fazer uma inspeção visual. Ainda bem que viemos nessa nave. Ela obviamente não foi feita para transportar mais que duas pessoas, então não vai levantar suspeitas. Podemos espremer as mulheres aqui, quando formos embora, mas vai ser realmente uma questão de *espremer*. Por sorte, vai ser por pouco tempo, se nada der errado.

Ithori pediu reforços da força-tarefa algumas horas atrás, quando tivemos uma leitura clara do sistema onde o complexo está. Quatro planetas, dois pequenos e rochosos e dois gigantes gasosos. O complexo está orbitando a estrela numa trajetória um pouco perto demais do segundo planeta para o meu gosto. Os dois gigantes gasosos têm órbitas mais afastadas, mas tenho certeza de que os responsáveis pelo que está acontecendo aqui têm algum sistema de vigilância em pelo menos um deles. Mesmo assim, eles são nossa melhor opção. Uma das naves ofensivas da força-tarefa vai se aproximar do complexo e usar o gigante gasoso mais distante para se esconder. Temos quase dois dias até eles chegarem, e precisamos ter um plano viável nesse tempo. Caso a aproximação da nave dispare algum alarme, vamos ter que usar a confusão para escapar. Caso nada aconteça, vamos tentar conseguir o máximo de informações possíveis antes de achar uma forma de tirar as mulheres daqui.

É insano. Quase uma missão suicida, como Ithori falou mais cedo. Mas é a única forma.

— Suelen? — Ithori chama.

Saio da ponte de comando e o acompanho para fora da nave. Os dois aliens que fizeram a inspeção já estão se afastando, obviamente sem ter encontrado nada problemático. Perfeito. Agora só preciso garantir a tal vaga de trabalho.

Três aliens baixinhos se aproximam. Quando eu era criança, teve uma promoção da Coca-Cola que você juntava tampinhas e trocava por ETzinhos que brilhavam no escuro. Os ziittan

sempre me fazem me lembrar deles. Com pouco mais de um metro de altura, seus corpos parecem o de crianças humanas, com cabeças desproporcionalmente grandes e olhos completamente negros. Eles não estão vestindo nada e têm a pele completamente lisa e brilhante, quase translúcida. O que está na frente é azulado e os outros dois verde claro. Se eles tivessem os olhos um pouco maiores, seriam idênticos aos ETs da Coca-Cola.

Deveria ter imaginado que os ziittan estariam envolvidos nisso. As histórias todas sobre humanos sendo abduzidos para experiências e sendo devolvidos para a Terra? Culpa deles. De forma geral, eles vivem para pesquisas. E como existe muito pouca informação sobre os terráqueos no Acordo, no momento somos seus alvos favoritos.

— Você é uma terráquea. — o azul fala.

Jura? Não tinha notado.

Resisto à vontade de revirar os olhos.

— E vocês estão procurando alguém para lidar com umas tantas terráqueas. — dou de ombros. — Não acho que vão conseguir alguém melhor que eu.

O ziittan azulado me encara dos pés à cabeça. Se isso foi para tentar me intimidar, não funcionou. Difícil eu me sentir intimidada por alguém com pouco mais de um metro de altura e que é basicamente um estudioso. Ziittans não são conhecidos por sua força física ou coisa do tipo. Na verdade, de acordo com o que ouvi em Nassi, eles são quase *quebradiços*. Só são uma ameaça quando estão armados.

Os ziittan têm um sistema de castas que é baseado na sua cor. Se um deles ganha “status” o suficiente para subir de casta, recebe uma injeção de um coquetel químico que muda sua cor. A mesma coisa vale para quem perde posições. Quanto mais azul, mais alta a posição de um deles nessa hierarquia. Isso me conta que o primeiro ziittan é o único que vai falar alguma coisa. Os outros dois, verdes, são guarda-costas ou algo parecido.

— Suelen de Nassi, ladra, espiã, e sabe-se lá o que mais. — ele fala. — E, de alguma forma, você fez seu nome em um curto espaço de tempo e conseguiu o respeito de pessoas importantes. Pode ser que nos seja útil.

Eles foram rápidos. Para ele estar falando isso, é porque já buscaram todas as informações disponíveis ao meu respeito. E eles têm uma boa fonte de informações, se o azulzinho está falando de “pessoas importantes”, e não apenas de Dravos. O pessoal de Nassi não costuma falar a respeito dos outros assim.

Não respondo. Se insistir que sou a melhor pessoa para o trabalho vou enfraquecer minha posição. Eu não *preciso* convencê-lo. Realmente, não vão conseguir alguém melhor.

— E quem é ele? — O ziittan indica lthori, me deixando ver que tem quatro dedos. Nunca tinha reparado nisso antes.

— Meu acompanhante. Um servo, se conhecem o costume etraniano.

Ele me encara por um instante e então se vira para lthori, o encarando de cima a baixo como fez comigo. Se ele conseguiu informações sobre mim no tempo que demoramos para pousar, não duvido nada que já tenha informações sobre lthori. E só não estou me preparando para o pior porque se Pryinala não sabia que ele é do Corpo Militar, duvido que os ziittan vão ter conseguido descobrir isso.

— Nossas informações são de que trabalha sozinha. — o ziittan azul se vira para mim de novo.

— Suas informações são as informações que meus clientes têm, o que, pela simples natureza do meu trabalho, nunca é mais que o necessário. Sou uma terráquea no Acordo e, pior, trabalhando em Nassi. Não sou estúpida. Se estivesse trabalhando sozinha algum idiota já teria tentado fazer comigo a mesma coisa que estão fazendo com as mulheres aqui.

E é pura sorte que nunca tenham feito isso. Sei muito bem que ter me tornado uma fonte de informações para Pryinala logo que cheguei em Nassi me poupou de *muitos* problemas.

O ziittan não fala nada, mas percebo quando seus olhos perdem um pouco do brilho. É algo estranho, quase como se uma película acinzentada estivesse cobrindo seus olhos. Eles são uma espécie com habilidades telepáticas. Essa película cinzenta quer dizer que ele está se comunicando com alguém, provavelmente quem está dando ordens – porque sei que nunca seríamos recebidos pelos chefões do complexo – ou então com algum ziittan que está perto de quem dá as ordens, para repassar informações.

Ithori continua parado ao meu lado, sem se mover nem falar nada. Eu posso até ter falado que não confio nele, mas para ser honesta, não confio nele quando o assunto somos nós. Para trabalho? Para uma operação de alto risco como essa? Se preciso ter um parceiro, ele é a única pessoa que eu aceitaria. Qualquer outra pessoa, e eu estaria tensa esperando falarem alguma coisa que estragaria tudo. Ithori não. Ele faz seu papel de servo, guarda-costas, nesse momento, e não diz uma palavra.

— Me acompanhem. — o ziittan azul fala, finalmente.

Quatro horas depois, me joga na cama da cabine que nos ofereceram. Na verdade, queriam colocar Ithori e eu em cabines separadas, mas ele fez um comentário discreto sobre isso o impedir de cumprir suas funções como meu servo. A mulher nyarm que cuida da parte de pessoal no complexo corou de forma furiosa quando entendeu o que ele dizer – os nyarm têm peles entre o amarelo e o laranja e coram em um tom estranho de azul – mas acabou nos colocando na mesma cabine.

Eu assinei um contrato com eles. Respiro fundo. Sei que é parte de uma operação, mas mesmo assim isso me incomoda, *especialmente* depois de ter visto como as outras terráqueas estão. Se eu fosse um pouco menos prática, provavelmente estaria incomodada até mesmo com minha cama confortável, enquanto elas estão dormindo de qualquer forma no chão. Pelo menos eu já pude dar ordens para aumentarem a temperatura do galpão onde elas estão para 28°C. Acho que isso fica numa média confortável o bastante para todas que estão lá, especialmente levando em conta que estão dormindo no chão de metal frio.

— O que deseja fazer agora? — Ithori pergunta, ainda no papel de servo.

Estreito os olhos para ele, que está parado ao lado do armário que corre ao longo de uma parede. Ele trouxe nossas coisas em uma daquelas caixas infinitas, que reduzem o tamanho de tudo o que é colocado nelas até parecer que nunca vão estar cheias, e a colocou ao lado do armário. Mas não quero nem pensar em arrumar “nossas coisas”. Tudo o que está ali é descartável, pode ser deixado para trás sem nenhum problema. São apenas tecidos. O importante, estamos carregando conosco.

— Agora quero seus serviços. — falo, sorrindo e levantando a voz. — Mas primeiro você vai me ajudar a bloquear qualquer sistema de vigilância por áudio ou vídeo. Só para ter certeza que ninguém vai me assistir.

Ithori sorri quando joga quatro interruptores de sinal para ele e me levanto. Os interruptores parecem aquelas baterias pequenas e redondas, com cerca de um centímetro de diâmetro. Eles são feitos para aderirem automaticamente a qualquer superfície e são programáveis para várias frequências diferentes. Não costumo precisar deles, mas numa infiltração assim sempre são necessários.

Enquanto coloco mais alguns interruptores na parede, perto do chão, Ithori pula e os prega perto do teto, nas quinas da parede. Quando terminamos, tiro um controle pequeno de um dos bolsos e mexo nele até ouvir um apito baixo. Uma frequência de captação de áudio localizada. Continuo mexendo até o aparelho reconhecer uma frequência de vídeo e então paro. Não precisamos de mais que isso. Tenho certeza que o complexo tem mais sistemas de segurança, como vigilância sobre nossas comunicações, mas não vou interromper isso. Bloquear áudio e vídeo é perfeitamente justificado, ainda mais depois que deixei claro o que vamos fazer no quarto. Qualquer outra coisa levantaria suspeitas.

— Não sei por que eu ainda me surpreendo quando você faz isso. — Ithori comenta.

Surpreender com o quê? Não respondo, só enfio o controle de volta em um dos bolsos e me deixo cair na cama. Tudo correu bem, nós já recebemos até uma mini tour do complexo, especialmente da área onde as terráqueas estão sendo mantidas. Eu deveria estar feliz, mas não consigo. Só consigo sentir a raiva fervendo.

— Eles estão tratando as mulheres pior que gado. — murmuro.

— Suelen... — Ithori começa, mas eu balanço a cabeça e fecho os olhos.

Não quero ouvir nada. Só consigo ver o galpão onde estão mantendo as mulheres. Esse tempo todo, eu me esforcei para não pensar na situação das outras terráqueas presas. Me lembro muito bem de onde estava quando acordei, depois que me abduziram: uma jaula tão pequena que eu não conseguia ficar de pé, com um balde a um canto e mais nada. O que vi aqui não é tão ruim quanto isso, mas mesmo assim... Mais de trinta mulheres em um espaço vazio, com uma grade a um canto que provavelmente é onde fazem suas necessidades, um único bebedouro e o que parece ser um cano cortado por onde enviam uma ração sintetizada a partir da análise dos dados sobre as terráqueas.

Pensei que estava preparada para o que ia ver. Doce ilusão. Eu passei pouco tempo na minha jaula, quando fui abduzida. Cerca de duas semanas, eu acho. O suficiente para quase morrer de fome e só não pegar alguma infecção por pura sorte. Quando a nave onde eu estava foi atacada por piratas, eles me levaram como parte da pilhagem, e a partir daí, mesmo ainda sendo uma prisioneira, tive condições decentes. Algumas dessas mulheres estão aqui *faz meses*. Respiro fundo. Não sei se teria sobrevivido se estivesse no lugar delas.

— Nós vamos cair fora daqui na primeira oportunidade. — murmuro.

— Suelen...

— Não quero saber! — abro os olhos e me sento, encarando Ithori. — Não precisa me falar de nenhum risco. Eu não vou deixar elas ficarem aqui um minuto além do necessário para termos como ir embora! Não me interessa se querem informações ou o que quer que seja! Não. Vou. Aceitar. Nós vamos embora assim que a nave da força-tarefa chegar.

— Suelen...

Quando dou por mim já estou na frente de Ithori, o empurrando contra a parede e apertando um braço atravessado no seu pescoço.

— Nós. Vamos. Embora. Isso não está aberto para discussão.

Tenho um instante para ver a pele de Ithori se tornar ainda mais laranja, com o começo daquele tom metalizado, e então de alguma forma ele conseguiu se soltar e está me segurando. Giro, soltando meus braços com um movimento brusco. Ithori avança, sorrindo. Estreito os olhos. Se ele está achando isso divertido, não tenho o menor problema em fazer com que mude de ideia. Agora já tenho uma ideia melhor do que esperar dele, Ithori não vai conseguir me segurar com a mesma facilidade de quando estávamos no cargueiro.

Me jogo para a direta quando Ithori avança de uma vez e giro, erguendo os braços em uma posição defensiva e estendendo a perna. Ele desvia no meio do movimento, sem parar, se abaixando quando se aproxima. Isso não deveria ser possível. Salto para o lado quando ele estende as mãos...

E bato as costas na parede. Puta merda, eu nem vi ele se movendo, mas Ithori está segurando meus braços, usando todo o seu corpo para me prender no lugar.

— Melhor agora?

Estreito os olhos. Não exatamente. Relaxo e passo a língua pelos lábios. Ithori se afasta um pouco, me dando espaço para me mover. Sabia que ele ia cair nessa. Empurro seus ombros ao mesmo tempos em que dobro a perna por trás do seu joelho e puxo.

Ithori cai no chão com um ruído seco. Hmm. Algum tipo de abafador? Não importa agora. Me

sento no seu quadril, sentindo sua ereção. Me inclino para a frente e apoio as mãos nos seus ombros antes que ele consiga se recuperar.

— Muito melhor. — respondo, sorrindo.

Ele levanta uma mão e segura minha nuca, me puxando para perto. Paro quando nossos rostos estão a poucos centímetros de distância, tão perto que sinto o calor da sua respiração. Os olhos de Ithori estão ainda mais escuros, me encarando de uma forma que só tem um significado e que faz minha respiração falhar. Ele aperta minha nuca, mas continuo firme onde estou, segurando seus ombros e olhando nos seus olhos. Inclino o quadril, me esfregando contra sua ereção. Quase tinha me esquecido de como todas as nossas sessões de treinamento terminavam. Esta é uma ótima forma de refrescar a memória. Me esfrego contra seu pau duro de novo, desta vez mais devagar e com mais força. Ithori geme, me puxando pela nuca de novo.

— Não. — falo. — Eu não vou te beijar agora.

O olhar de Ithori se torna ainda mais intenso e ele levanta o quadril, se apertando contra mim. Mordo o lábio, acompanhando seu movimento. Posso gozar assim, sem nem precisar tirar uma peça de roupa. Me movo contra ele de novo, com força, apertando seus ombros. Perfeito. Até assim ele é um encaixe perfeito. Ithori geme quando começo a cavalgá-lo, mas não tenta me puxar de novo. Continuo olhando nos seus olhos o tempo todo, enquanto sinto meu corpo esquentando e minha respiração ficando ofegante. Ele não está muito melhor. Consigo sentir sua tensão, a forma como precisa se esforçar para ficar parado debaixo de mim, movendo apenas o quadril, seguindo meu ritmo. E isto é uma das coisas mais excitantes que existem. Sua respiração está falhando e ele solta um grunhido baixo que me faz me apertar ainda mais contra ele.

— Suelen... — a voz de Ithori está rouca e quebrando quando ele aperta minha nuca, mas não me puxa.

Paro de me mover.

— O que você quer? — pergunto.

Ele passa a língua pelos lábios, descendo o olhar pelo meu corpo antes de me encarar de novo. Um arrepio me atravessa quando nossos olhares se encontram.

— Faça o que quiser comigo, mas me deixe te provar de novo.

Esse homem ainda vai me matar. Puxo o ar com força, me apertando contra ele. É uma boa ideia. É uma *ótima* ideia.

Me levanto, puxando a calça de Ithori de uma vez, enquanto ele tira sua blusa, sem se levantar. Um instante depois minhas roupas já estão jogadas para o lado também e estou me abaixando sobre o seu rosto. Sinto a respiração quente de Ithori em mim, ainda ofegante, e ele segura meu quadril.

— Se você me deixar satisfeita, ganha um boquete. — falo ao mesmo tempo em que me inclino para a frente e seguro seu pau, passando um dedo pela cabeça antes de descer, apertando de leve.

Ithori me puxa para baixo. Sinto seu hálito quente em mim um instante antes da sua língua passar entre os meus lábios, indo de uma ponta a outra, circulando meu clitóris e brincando com minha entrada. Gemo e apoio um braço no chão enquanto aperto Ithori com a outra mão, subindo e descendo no mesmo ritmo dos movimentos da sua língua. Ele sabe bem o que está fazendo. E como sabe. Ithori me chupa e me lambe sem parar, me penetrando a língua, mal tocando meu clitóris. Ele se lembra, então. Quero a antecipação, aquela sensação da pressão crescendo pouco a

pouco, se espalhando por todo o meu corpo. Como agora.

Mais sinto que escuto o gemido de Ithori quando o aperto com mais força. Também sei como ele gosta. Deixo ele sentir meu hálito quente na sua cabeça e escuto um gemido gutural. Mal posso esperar para colocar ele na boca também, mas ele tem que terminar de cumprir sua parte primeiro.

Quase caio quando ele começa a chupar meu clitóris. Puta. Merda. Gemo alto, me apertando contra sua boca. Ithori me chupa como se eu fosse a coisa mais deliciosa que ele já provou, saboreando, sem pressa, colocando pressão na medida certa. Se for assim, ele pode me chupar quantas vezes quiser, quando quiser. Sei que prometi um boquete, mas vai ser quando ele terminar. Não tenho a menor condição de chupar Ithori enquanto ele me chupa. Toda a minha atenção está naquele ponto no meio das minhas pernas e estou quase mordendo seu abdome para abafar meus gemidos.

A pressão continua crescendo, se espalhando pelo meu corpo, e desisto de qualquer tentativa de provocar Ithori. Caio sobre seu corpo, sem conseguir sustentar meu peso, mas ele segura meu quadril com força, me mantendo onde quer. Não que eu esteja tentando me afastar. Quero mais, mais e mais. E Ithori me dá exatamente o que eu quero, até que estou tremendo, apertando sua cabeça entre minhas pernas, sem saber se me afasto ou me aproximo mais, sentindo meu coração disparar. Abafo um gemido alto no abdome de Ithori, sentindo aquela pressão explodir e se espalhar de uma vez, me deixando completamente sem forças.

E nem assim Ithori para. Ele continua lambendo e chupando, mas agora com calma, de forma quase delicada, enquanto eu ainda estou tremendo e tentando recuperar o fôlego.

Ithori para e eu rolo para o lado, caindo de costas no chão, ainda ofegante. Este foi o melhor orgasmo que eu tive em anos.

— Satisfeita? — ele pergunta.

Levanto a cabeça e encontro o olhar de Ithori. Satisfeita eu estou, mas isso não quer dizer que a noite terminou.

VINTE E DOIS

Resisto à vontade de pular para fora da cama assim que acordo, de novo com o braço de Ithori ao redor da minha cintura. Eu entendi exatamente o que ele fez ontem. Ele não ia discordar de mim sobre sairmos daqui o mais depressa possível. Agora que estou mais calma e não estou mais vendo aquele galpão toda vez que fecho os olhos, consigo perceber isto. E Ithori fez exatamente o que me faria gastar a tensão mais depressa: me deu uma briga que ele sabia que terminaria em sexo. Respiro fundo. Quantas vezes quando estávamos entre os piratas ele fez a mesma coisa? Sempre que encontrávamos alguma terráquea e eu não podia fazer nada para ajudar. Foi Ithori quem começou a me treinar em defesa pessoal, e também foi ele quem descobriu que esta era a forma mais fácil de me fazer esfriar a cabeça.

Só sexo. Mais nada. Respiro fundo. Me recuso a deixar que isso signifique mais que apenas sexo. Não vou ser uma idiota duas vezes. Vou aproveitar, mas não vou deixar se tornar nada além disso.

Ithori aperta minha cintura e sinto quando ele aproxima a cabeça de mim e respira fundo, antes de me soltar. Está acordado também.

— E agora? — Ele pergunta.

Ótimo. Direto ao trabalho, sem mais nada dessa loucura de conversar sobre “nós”. Perfeito.

— Agora eu dou um jeito de arrumarem pelo menos roupas para as mulheres. Alguma coisa decente para comerem também é uma boa. E quero falar com elas.

Mas não quero me levantar da cama. Estou confortável demais aqui, sentindo o calor do corpo de Ithori atrás de mim, mesmo que ele não esteja mais me segurando.

Esse pensamento é o suficiente para eu me sentar imediatamente. Nós dormimos vestidos, por medida de segurança, então não preciso me preocupar com possíveis distrações.

— Você vai ter que entrar comigo quando for falar com elas, por segurança. — comento. — Tem alguma roupa de mangas compridas?

— Para não verem as marcas nos meus braços? Tenho.

Ótimo. Ithori consegue controlar o tom da sua pele o suficiente para que o tom laranja quase desapareça. A primeira vez que o vi, pensei que fosse humano, e foi apenas por isso que deixei que se aproximasse de mim. Se vou ter que entrar no galpão e falar com mulheres que estão presas aqui há sabe-se lá quanto tempo, vou fazer o possível para elas não terem mais motivos para ter medo. Seria melhor se eu pudesse entrar lá desacompanhada, mas não confio nem no pessoal do complexo, nem na reação que elas vão ter. Ou melhor, sei muito bem qual seria *minha* reação se visse uma terráquea trabalhando com os aliens que me abduziram.

Me levanto, reviro a caixa no chão até achar um conjunto de roupas minhas, e entro no banheiro pequeno que faz parte da cabine. Isso não vai ser fácil. De alguma forma, preciso fazer as mulheres confiarem em mim, mas ao mesmo tempo não posso levantar suspeitas dos funcionários do complexo. Simples. Extremamente simples.

Por que é que sempre acabo me colocando nesse tipo de situação? Eu podia muito bem ter deixado a força-tarefa se virar e continuado como estava, mas não, minha consciência tinha que gritar e me mandar assumir essa missão. Com *Ithori*. Só para piorar tudo. Tudo bem, ele é a melhor pessoa possível com quem trabalhar, mas também é a pessoa que eu deveria estar dando distância. Tudo estava *ótimo* até ele aparecer. Agora não consigo parar de pensar no que poderia

ter sido. Se ele tivesse ido atrás de mim depois que roubei as informações de Drek, onde estaríamos hoje? O que *seríamos* um para o outro hoje?

Ligo o chuveiro e deixo a água cair em mim. O complexo é grande o bastante para ter vários tanques de água e um sistema de reciclagem e reabastecimento extremamente seguro, então não preciso racionar água como em uma nave comum.

A verdade é que dói. Ithori e eu poderíamos ter tido algo muito bom. Sempre demos certo demais. Trabalhamos bem juntos, nos entendemos fácil demais, nossa química é inquestionável... Mas ele me usou. Eu entendo que Ithori não podia ter me contado a verdade sobre ser do Corpo Militar. Mas ele me usou, e não importa o que fale, quantos tiros tome no meu lugar, ou qualquer coisa que faça, não consigo me esquecer disso. Então tudo vai continuar no “e se”. Poderíamos ter dado certo juntos. Mas agora esta possibilidade está firme no passado, não importa o quanto eu gostaria que fosse diferente. Não importa o que ele fale, aquela voz está lá no fundo da minha mente, me lembrando que ele pode muito bem estar me manipulando e me usando de novo.

E não importa se estou na Terra, em um planetoide da orla exterior do Acordo ou em um complexo científico clandestino, debaixo chuveiro continua sendo o melhor lugar para pensar na vida.

Quando saio do banheiro, já vestida, Ithori está sem camisa, agachado ao lado da porta. Respiro fundo. Não vou encarar. Não *preciso* encarar.

Mas as costas dele são de dar água na boca.

— O que houve?

Ele se vira para mim, tenso, mas não se levanta. Jogo minhas roupas sujas ao lado do armário e vou até ele.

— Um captador de áudio. — Ithori aponta para um retângulo fino de metal, quase um fio, que foi enfiado debaixo da porta.

Hmm, pensei que estas portas não tivessem frestas que permitissem este tipo de coisa.

— Não sabemos que hora isso foi colocado aqui e o que ouvirem, é melhor estarmos preparados para o pior. — ele completa, se levantando sem tocar no captador.

Balanço a cabeça e vou até a cama. Deixei minha mochila fina, com todos os meus equipamentos, presa nela. Pego o controle dos interruptores e confiro o status.

— Três canais de áudio, um de vídeo. — viro o controle para Ithori, que se aproxima, erguendo uma sobrancelha. — Por isso paguei tão caro para Ñiró. Estes interruptores detectam automaticamente novas frequências dentro do padrão que já está configurado. Estamos seguros.

Ele estreita os olhos.

— Acho que o Corpo Militar precisa saber sobre isso.

Rio enquanto começo a tirar ferramentas da mochila e as colocar nos meus bolsos. Não me importo que ele conte para o Corpo Militar sobre isso. A tecnologia de bloqueio de vigilância é uma das que evolui mais depressa, não vai demorar muito para terem algo melhor que estes interruptores.

Ithori não demora muito a tomar banho. Quase solto um suspiro aliviado quando ele sai do banheiro já vestido. Ficar vendo seu corpo só me faz ter ideias sobre o que fazer quando estivermos na cama... Ou não necessariamente na cama.

Ele não fala nada quando abro a porta e saímos para o corredor. O complexo, apesar de gigantesco, continua sendo uma nave: corredores e mais corredores, com cada área e andar

reservado para funções específicas, tudo nos mesmos tons de branco e cinza que é o padrão do Acordo. Nenhum toque pessoal, nada que diferencie o interior da nave de outras tantas naves por aí.

Pegamos o elevador e descemos até o deck onde é a área de observação do galpão onde as mulheres estão. Os sensores me reconhecem imediatamente e nenhum dos técnicos ali — uns tantos ziittan, alguns nyarm e outros que não consigo identificar — nos para. A área de observação ocupa um dos lados do galpão, onde a parede é de vidro ou algo do tipo. Não sei se as mulheres lá dentro conseguem nos ver, mas pelo menos não tem uma dezena de aliens colados no vidro. A maior parte da observação é feita através de câmeras.

Um ziittan azul me encara por um instante antes de assentir e voltar a conversar com dois nyarm. Obviamente, ele é o supervisor ou coisa do tipo aqui. Não é o mesmo ziittan que nos recebeu horas atrás e que é responsável pelas pesquisas com as mulheres terráqueas, disso tenho certeza, mesmo que diferenciar um ziittan de outro não seja muito fácil para quem não convive com eles.

E eu definitivamente não vou me dar ao trabalho de aprender os nomes de ninguém que está aqui. Vou estar longe daqui o mais depressa possível, não preciso disso. E, se for o caso, sempre posso usar a desculpa de que sou terráquea e não tenho boa memória para nomes. Os aliens gostam de subestimar os terráqueos e eu amo lhes dar motivos para continuarem fazendo isso. Facilita minha vida.

Vou direto até o vidro e olho para baixo. Trinta e quatro mulheres, com todos os tipos físicos e etnias possíveis. Suas roupas estão sujas e rasgadas, mas consigo perceber pijamas, roupas casuais e até um vestido de festa. Pelo menos, é essa a impressão que eu tenho. Elas estão usando a mesma roupa de quando foram abduzidas. Suspiro. É de se imaginar que um grupo de cientistas pensaria nas coisas básicas para manter suas cobaias em boas condições. Roupas são o *mínimo*. É algo mais que óbvio.

Me viro para o ziittan e o encaro, até que ele para o que está fazendo e vem na minha direção.

— Elas precisam de roupas.

— Não é necessário. — a resposta é automática.

— Não para vocês. Mas estou sendo paga para garantir que estas terráqueas estejam nas melhores condições possíveis pelo máximo de tempo possível. Elas precisam de roupas. E não essas túnicas que vocês costumam enfiar nas suas cobaias. Blusas e calças. Se possível, meias também. Entendo se não quiserem lhes dar calçados, mesmo que não faça sentido dizer que é uma medida de segurança dentro de uma nave.

O ziittan me encara e sustento seu olhar. Não vou recuar. E se eles queriam alguém para cuidar das terráqueas, é melhor se acostumarem. Não que eu vá ficar muito tempo aqui...

Ele desvia o olhar e grita ordens para os dois nyarm com quem estava conversando, antes de se afastar. Olho pelo vidro de novo. Uma das mulheres está me encarando e não demora muito para ela puxar outra e apontar para mim. Então elas sabem que estão sendo observadas. Respiro fundo. Esses “cientistas” são uns idiotas. Se queriam manter suas cobaias em boas condições mentais, nunca poderiam ter feito isso. Não basta as mulheres estarem basicamente em uma jaula, ainda precisam ver os aliens as encarando quando algum deles se aproxima do vidro.

Me afasto do vidro quando mais dedos começam a ser apontados na minha direção. Estou longe demais para ver suas expressões, mas consigo imaginar muito bem. Sou uma traidora, uma

humana ajudando os aliens que as prenderam.

Respiro fundo e me viro para os monitores na parede oposta. Por que pensei que isso ia ser fácil? Nenhuma delas vai confiar em mim. Qualquer coisa que eu falar, vão pensar que é por ordem dos aliens e que é uma armadilha. Ithori se aproxima e coloca a mão no meu ombro, apertando de leve. Respiro fundo mais uma vez. Não preciso que elas confiem em mim. Só preciso que estejam em condições de sair daqui.

VINTE E TRÊS

Preciso brigar para os aliens não irem para o vidro quando as mulheres começam a se trocar. Aliás, interessante como conseguiram roupas bem depressa. Mas se eles querem ficar olhando, o que eu já acho um absurdo, podem fazer isso nos monitores. As mulheres já sabem que estão sendo vigiadas, não precisam ver *aliens* assistindo enquanto trocam de roupa.

A essa altura, o supervisor deste turno já está bem irritado comigo. De acordo com ele, as terráqueas não têm o nível de autoconsciência necessário para se sentirem incomodadas ao ver que estão sendo assistidas. Foi por muito pouco que não puxei alguma arma e o matei ali mesmo. Por *muito pouco*. Acho que se Ithori não estivesse comigo, não teria conseguido me conter. Mas a presença dele me lembra que é por pouco tempo. Um dia, e então cair fora na primeira oportunidade.

E, enquanto discutem comigo, os aliens dão mais tempo para Ithori analisar como as coisas estão organizadas na área de observação. Vamos ter que desativar no mínimo as câmeras para sairmos daqui, além de descobrir como abrir as portas.

Quinze minutos depois, as mulheres estão todas vestidas e as roupas sujas e rasgadas estão empilhadas a um canto do galpão. Imaginei que não fossem se desfazer delas. Provavelmente vão guardar para o caso de diminuírem a temperatura de novo.

— Vou descer para falar com elas. — aviso. — Alguém esteja pronto para abrir as portas.

Não acrescento que é melhor nem pensarem em me prender lá. Ter usado o nome de Dravos quando me apresentei e deixado claro que ele não aceitaria que eu fosse usada como cobaia me deu uma boa garantia de segurança. Se não fosse assim, eu nunca me arriscaria a entrar no galpão.

O ziittan azul me encara antes de assentir. Ele ainda tem alguma ilusão de que vai me intimidar? Coitado. Saio da sala sem falar mais nada, com Ithori me acompanhando. Um elevador logo ao lado da área de observação nos leva para o nível abaixo, onde ficam as portas do galpão. Espero alguns segundos, batendo o pé, até que as portas se abrem.

Ninguém avança. Ninguém nem sai do lugar. Respiro fundo. Parece que as mulheres aqui já desistiram de tentar escapar. E quem sou eu para julgar? Não faço ideia do que passaram antes de chegarem aqui, nem de quanto tempo faz desde que foram abduzidas. As histórias que ouvi enquanto estava entre os piratas já deixaram claro que terráqueas não são nem um pouco bem tratadas nos mercados.

Entro no galpão, com Ithori um passo atrás de mim. Ele está exatamente como da primeira vez que o vi. Se ele não se aproximar das mulheres, elas provavelmente não vão notar que ele não é humano, e é exatamente isto que quero. Assim que escaparmos elas vão ver que ele é um dos aliens, mas agora preciso que estejam calmas o suficiente para me ouvir. Ou melhor, não *preciso* disso. Mas não consigo deixar elas pensando que estão sozinhas e sem a menor chance de escapar.

Espero as portas se fecharem atrás de nós e olho ao redor. Tenho certeza de que o complexo tem um sistema mecanizado de limpeza, mas obviamente ele não é ativado aqui há um bom tempo. O galpão está fedendo. E as pessoas por trás disso se dizem cientistas. Argh. Acho que qualquer um sabe que seu laboratório e suas cobaias têm que ser mantidos em boas condições, não?

Cruzo os braços, só então prestando atenção nas mulheres, que pararam de encarar a porta

e agora estão me encarando. Pelo menos isso. A maioria delas tem olhares cansados, quase apagados, mas umas tantas ainda têm expressões claras de acusação. Não estão completamente quebradas, então.

— Conseguem me entender? — pergunto, desativando o tradutor e o vocalizador que já me acostumei a usar nos meus anos no Acordo.

As poucas mulheres que ainda estavam de cabeça baixa se viram para me encarar.

— Alguém não está me entendendo?

Ninguém responde, mas todas estão me encarando. Suspiro.

— Meu nome é Suelen. Seis anos atrás, eu estava na mesma situação que vocês, então acreditem quando digo que tenho uma ideia do que estão passando. Minha função aqui...

— De que adianta? — uma das mulheres me interrompe.

Me viro para ela. Negra, com o cabelo preso no que eu acho que um dia foi uma trança, ela também está de braços cruzados, me encarando com uma expressão furiosa.

— De que adianta saber o que estamos passando, se no fim das contas está com eles? — ela continua, indicando a área de observação com um movimento de cabeça.

Respiro fundo. Por que pensei que falar com elas seria uma boa ideia mesmo?

— Adianta porque pelo menos agora vocês têm o que vestir. — respondo sem nem pensar.

— Suelen. — lthori murmura e coloca a mão no meu braço.

Respiro fundo. Não posso perder a cabeça aqui. Se tem um momento em que preciso manter a frieza, é agora.

— Olha isso. — outra mulher fala e lthori dá um passo atrás, me soltando.

— Ele nem é humano, e você confia nele? — a mesma mulher continua, antes que eu consiga ver quem foi a outra que falou.

E eu acho que as subestimei. Ela percebeu que lthori não é terráqueo mais depressa que eu.

— Confio nele para me proteger e trabalhar comigo, sim. — minha resposta é rápida. — Nem todos os aliens são iguais.

— Notamos.

— Isto não vai ajudar. — lthori fala, em português. Quando foi que ele configurou seu tradutor e vocalizador para português? Nem sabia que tinha como fazer isso.

Algumas mulheres dão um passo à frente. Preciso fazer um esforço para não sorrir. Eu realmente as subestimei.

— Não vai ajudar mesmo. — assinto e dou um passo atrás, ao mesmo tempo em que gesticulo na direção de uma das câmeras, antes de olhar para a mulher que estava falando. — Vou mandar limparem isso aqui. Continuem o que estavam fazendo.

Ela arregala os olhos, mas já estamos saindo do galpão. As portas se fecham um instante depois e eu fico parada no lugar, respirando fundo algumas vezes. Ar puro, que alívio.

lthori me encara, com uma pergunta nos olhos, mas balanço a cabeça. Não posso falar nada aqui. Nem sobre como estar ali dentro me afetou, nem sobre o que percebi. Tenho a impressão que se eu mostrar meia fraqueza, o pessoal do complexo vai tentar se aproveitar disso. E não quero correr o risco de alguém nos ouvir.

Quando entramos na área de observação de novo, o mesmo ziittan que nos recebeu quando chegamos está esperando. Ótimo.

— Precisam ativar os sistemas de limpeza ali. — aponto para o vidro. — Esse galpão está fedendo e não é pouco.

— É um risco de segurança. — ele responde, se virando para mim.

Reviro os olhos. Desde quando um sistema de limpeza é risco de segurança? O que elas vão fazer? Pegar um dos robôs de limpeza e os transformar em armas? Como é que é o nome daquele personagem mesmo... Chuck Norris, isso. Elas teriam que dar uma de Chuck Norris para conseguir aproveitar os módulos de limpeza para qualquer coisa útil sem serem vistas e sem usar nenhum tipo de ferramenta.

— Se elas tentarem usar os robôs de limpeza para qualquer coisa, vocês têm câmeras o bastante para ver isso. Se continuarem a manter o galpão assim, daqui a pouco vão estar lidando com doenças que provavelmente não vão saber como tratar.

— Analisarei seu pedido. — ele inclina a cabeça. — Enquanto isso, me acompanhe.

Não preciso nem pensar muito para deduzir o que ele quer falar em particular. Eu coloquei interruptores de sinal na nossa cabine, afinal. Seria mais estranho se ninguém falasse nada a esse respeito.

Ithori me dá um olhar tenso e balanço a cabeça. Não. Se eles agirem como imagino que vão agir, não temos por que nos preocupar. Pelo menos, não por enquanto.

Entramos em uma sala lateral, que também tem uma janela que dá para o galpão. Estreito os olhos. *Este vidro está perfeitamente camuflado pelo lado de lá, porque não vi nada além da área de observação quando estávamos no galpão.*

O ziittan para e se vira para nós.

— Vou ser direto: vocês bloquearam nossos sistemas de segurança na sua cabine. Isto é inaceitável.

Exatamente o que eu esperava.

— Não bloqueamos os sistemas de segurança. Bloqueamos os sistemas de vigilância por áudio e vídeo, mais nada.

— Estes sistemas estão lá para a segurança do projeto e do complexo. Espero que voltem ao funcionamento normal, senão...

Estreito os olhos. Ameaças? Jura?

— Não conheço hábitos sexuais da sua espécie, coordenador. — falo, seca. — Mas entre os terráqueos, esse tipo de coisa não é gravada em áudio e vídeo para qualquer um ver. Se estiverem tão desesperados assim por algo mais... estimulante, digamos assim, podemos negociar um bom preço e então será um prazer deixar nos gravarem. Até então, os sistemas de vigilância vão continuar bloqueados. Não se esqueça que trabalho com segurança, ao meu modo. Sei bem a diferença entre vigilância e segurança, tanto que mantivemos os bloqueios e monitoramentos de comunicação intactos. Agora, se isso não for suficiente, é só cancelar meu contrato e iremos embora.

Olho pela janela de novo quando ele não responde imediatamente. Sei que isto é um risco, mas é um que estou disposta a correr. Mesmo se ele levar a sério a possibilidade de cancelar o contrato, é algo que não pode ser feito imediatamente. Ele vai ter que levar o assunto aos seus superiores, dar seus argumentos, eles provavelmente vão analisar se realmente vale a pena cancelar um contrato por causa disto... E a resposta que eu dei é exatamente o esperado. Se uma ladra e espiã de Nassi não bloqueasse os sistemas de vigilância por áudio e vídeo, eles suspeitariam que algo estava errado.

— Você não gosta de vê-las assim. — o ziittan fala, parando ao meu lado e encarando o galpão.

Na verdade, eu nem estava vendo as mulheres. Não dessa vez. E, daqui, elas realmente parecem um grupo quebrado e completamente sem esperança.

— O que eu gosto ou não não é relevante para o meu trabalho. Tenho um contrato a cumprir, e vou cumpri-lo enquanto estiver em vigor. — me afasto da janela e vou na direção da porta. — O que vai ser?

O ziittan se vira para nos encarar.

— Que seja, então, Suelen de Nassi. Mas se tocar em qualquer um dos outros sistemas, tomaremos providências a respeito. — ele olha para o galpão, deixando claro o que quer dizer.

Eu levaria sua ameaça mais a sério se soubesse que Pryinala não vai gostar de perder sua fonte de informações sobre a Terra, o que quer dizer que provavelmente mandaria Dravos atrás de mim se eu desaparecesse por muito tempo.

Saio da sala sem responder.

VINTE E QUATRO

— Nós vamos precisar de uma distração. O ideal seria termos mais uma pessoa, assim um de nós poderia já deixar a nave preparada enquanto outro causa a distração e você tira as terráqueas do galpão. — Ithori fala, andando de um lado para o outro. — E ainda precisamos de informações, mas as terráqueas têm prioridade.

Estamos de volta na nossa cabine, com interruptores novos pregados nas paredes, depois de horas explicando uma lista de cuidados básicos para os ziittan. Se eu pudesse fazer isso, essa distração seria nós explodindo a nave. Pena que os explosivos que tenho não são o suficiente para algo assim. Não falo nada, apenas continuo deitada na cama enquanto Ithori pensa em voz alta.

— Eu estou monitorando o status da minha nave, eles não nos consideraram um risco de segurança grande o bastante para nos deixar sem ter como sair. Se bem que provavelmente não se preocuparam porque não temos combustível o bastante para sair deste sistema. Mesmo assim, é uma boa distância do galpão até o espaçoporto. Precisamos dar um jeito de focar a atenção de toda a segurança do complexo na direção oposta. Vi onde ficam os controles da porta do galpão, estão no segundo terminal, você conseguiria abri-las e então descer, mas a área de observação nunca fica vazia, pelo que disseram...

— Os técnicos na área de observação não são lutadores. Consigo lidar com eles. — interrompo.

Ithori se vira para mim e dou de ombros.

— Tenho algumas bombas de sonífero.

— Por que ainda me surpreendo... — ele murmura, balançando a cabeça. — Mas, mesmo assim, fica a questão da distração. Se eu estiver do outro lado do complexo fazendo algo grande o bastante para redirecionar toda a segurança, não vou conseguir chegar no espaçoporto depressa o bastante para nos tirar daqui. E você não pode ir causar a distração, porque as terráqueas nunca aceitariam me acompanhar.

Não mesmo.

— Elas não estão tão quebradas assim. — falo, me sentando e cruzando as pernas.

— Como?

— Elas estão fingindo. Algumas podem até ter perdido qualquer esperança, mas não são todas. Você viu a diferença dentro do galpão. Não duvido nada que se dermos direções para aquela mulher que estava falando ela consegue levar todas as outras até o espaçoporto.

Ele inclina a cabeça e então assente.

— Não tinha prestado atenção nisso. Sim, tem razão. Mesmo assim, alguém precisa abrir a porta. E precisamos de uma distração enorme, porque vão ser mais de trinta pessoas indefesas atravessando o complexo.

Me deixo cair para trás na cama. Esse é o problema. A segurança interna é melhor que eu esperava. Tirar as mulheres do galpão é fácil. Agora, levá-las até a nave de Ithori sem sermos pegas? Quase impossível. Não consigo pensar em nenhuma forma de fazer isto.

— Tem alguma coisa das suas compras que nos permitiria mandar uma mensagem sem sermos detectados? — Ithori pergunta.

Balanço a cabeça.

— Nada que seja totalmente imperceptível. Eles reconheceriam que alguma comunicação saiu, mesmo que não conseguissem decifrar a mensagem.

Se fizermos isso, eles ficarão em alerta máximo e provavelmente vão bloquear meu acesso.

Ele grunhe alguma coisa em voz baixa que tenho certeza que é um palavrão. Seria muito mais fácil se pudéssemos mandar uma mensagem. Uma das naves da força-tarefa, talvez a nave que veio nos encontrar, atacar o complexo, seria distração o suficiente. Mas não temos como planejar isto.

— Quanto tempo até a nave da força-tarefa estar em posição? — pergunto.

Ithori se senta na cama e olha para o teto ao mesmo tempo em que coloca uma mão na minha perna e começa a me acariciar de forma distraída.

— Se nada deu errado, já estão no sistema.

— Ótimo. — me viro na cama e puxo Ithori para trás. — Três horas. Aí vamos estar no meio do turno noturno do complexo. Menos pessoal ativo.

Ele assente e se deita ao meu lado. Preciso fazer um esforço para não o puxar para um beijo, só por não ter discutido nem questionado o que falei. Em três horas, vamos tirar as mulheres daqui, custe o que custar. Loucura? Com certeza. Missão suicida? Talvez. Mas ele não questionou.

— Você notou o que falou lá dentro do galpão? — Ithori pergunta.

Encaro o teto do quarto enquanto tento entender sobre o que ele está falando. Não falei nada importante, tenho certeza.

— Seja mais específico. — murmuro.

— Você disse que confia em mim para te proteger e trabalhar com você.

Ah, isso. E por que ele está focando nisso agora?

— É a verdade. — respondo sem me virar, mesmo que esteja sentindo o olhar dele em mim.

— Mas não confia em mim para...

Bufo e me viro de lado. Ithori para de falar e balança a cabeça.

— Não confio em você para quê? Para qualquer coisa além disso? Não.

E eu cansei. Isso não está dando certo. Deveria ter falado desde o começo que não queria mais nada com ele, mesmo que isso seja uma mentira. Por mais que isso seja idiota, eu *quero*. Quero aquela possibilidade de uma coisa ótima, que parece que foi jogada no lixo. Mas como isso pode existir sem confiança?

Ithori coloca uma mão na minha cintura. Rolo para a ponta da cama, colocando o máximo de distância possível entre nós antes de encará-lo de novo. Não é muita coisa, mas é melhor que nada.

— Suelen... — ele começa, estendendo a mão e parando no meio do movimento.

— Não. — balanço a cabeça. — Já chega. Isso não está funcionando.

Fecho os olhos por um instante e respiro fundo. Se eu não falar nada, vamos continuar dando voltas no mesmo lugar, e eu já sei como isso vai terminar.

— Como eu poderia confiar em você para qualquer outra coisa, Ithori? Não importa se trabalhamos bem juntos, se posso contar com você em uma situação de risco ou que nossa química seja incrível. Você me enganou, você me usou, você me ameaçou. E não consigo deixar de pensar que se procurar, vou achar mais coisas que fez, porque você age como se isso não fosse nada demais. Como quer que eu confie? Como quer que eu pense em “nós”?

Ithori se vira lentamente e se senta na beirada da cama, virando o corpo para mim. Ele está sério, com os punhos cerrados, e não fala nada.

Assinto e continuo, sem mudar de posição.

— Acabou. Eu não quero mais ficar arrastando isso, me questionando e pensando em possibilidades. Você disse que viria atrás de mim, que não me deixaria escapar de novo, a menos que eu deixasse claro que não queria mais nada. Então... Me dê um motivo para não fazer isso. Não. Não um motivo. Vários motivos, porque você mais que pisou na bola. Eu quero a verdade, de ponta a ponta, o que estava se passando na sua cabeça.

Ithori abre a boca para falar e eu balanço a cabeça.

— Se não quiser falar toda a verdade, desde o começo, não precisa. Mas isso vai ser o fim. Sem volta. Não importa o que eu sinto por você, se é bom de cama ou qualquer outra coisa. Eu não vou continuar perto de alguém que me faz mal.

E não importa o quanto isso vai doer. Eu vou me afastar de vez. Posso até voltar para o bando de Drek ou arrumar uma posição na força-tarefa, mas apenas com a condição de que não vou precisar trabalhar com Ithori. E, se preciso, não tenho o menor problema em continuar como estava, fazendo trabalhos para os mercadores de Nassi. Mas não vou fazer isto comigo. Não vou continuar me desgastando por alguém que não merece isso, que tratou minha vida como uma peça num jogo de xadrez.

Ithori me encara. Sustento seu olhar até que ele olha para o chão. Sim, estou falando sério. Mais sério do que jamais falei com você.

Ele suspira e balança a cabeça. Por um instante tenho quase certeza de que ele não vai falar nada. Conheço Ithori o suficiente para saber que sua cabeça funciona num ritmo e por caminhos que não consigo acompanhar, mas também sei que ele raramente fala que caminhos são esses. Ele pode até ser direto quando decide falar alguma coisa, mas até isso sempre é calculado: cada palavra é medida e tem uma função. Se ele realmente quer alguma coisa além de sexo, isso tem que mudar. Se é que ele vai ter bons motivos para ter feito o que fez.

Preciso fazer um esforço para não soltar um suspiro aliviado quando ele balança a cabeça de novo e me encara. Também me sento, me encostando na cabeceira da cama e cruzando as pernas. Quer ver no que isso vai dar.

— Eu não deveria falar isto, mas... Você já sabe informações confidenciais demais, poderia ter usado isto em qualquer momento nos últimos dois anos e mesmo assim nunca falou nada. — Ithori começa.

Informações confidenciais? Eu não... Ah. Sobre a divisão de operações sigilosas do Corpo Militar, ou seja lá como ela se chame. Na verdade, nunca nem me passou pela cabeça vender esta informação. De que adiantaria espalhar que o Corpo Militar tem agentes que passam anos entre os piratas e os mercenários, nos limites do submundo, capazes de se misturar com eles perfeitamente? Se o Corpo Militar estivesse fazendo isso para capturar os bandos, é óbvio que eu já teria repassado isso para todo mundo. Como nunca fizeram nada do tipo, não tenho motivos para falar.

— Minha missão era me infiltrar em algum grupo de piratas e ficar por lá. Aprender com eles, fazer contatos, entender como este mundo funciona. A única forma de entrada que conseguimos e que era relativamente segura foi através dos mercados de prisioneiros. — ele dá de ombros, encarando um ponto atrás de mim. — Quando me jogaram naquela cela onde você estava, eu já tinha trocado de mãos duas vezes e estava quase desistindo. Parecia que uma missão daquele tipo

seria um desperdício de recursos. E então eu dei de cara com você.

Me lembro perfeitamente desse dia. A cela onde eu estava era pouco maior que esta cabine e mais quatro pessoas estavam ali, além de mim. Ithori foi o sexto. Isso foi logo depois que fui abduzida, quando eu ainda estava tentando entender como aquilo era possível, sem saber controlar o tradutor que tinham implantado em mim, me encolhendo de medo sempre que qualquer um dos aliens olhava para mim – mesmo que fosse um dos prisioneiros.

— Inicialmente, pensei que você fosse drilliana. Já tinha ouvido falar sobre os mercados de terráqueas, mas nunca tinha ido na Terra nem esperava ver uma terráquea ali. Mas uma drilliana não ia se encolher no canto da cela daquela forma, nem tampar os ouvidos sempre que alguém falava qualquer coisa. Pensei que minha aparência ia ser o suficiente para que você me deixasse te ajudar.

— Foi. — murmuro. — Demorei alguns dias para perceber que não era humano.

E aí já era tarde demais. Ele já tinha me explicado como controlar o tradutor e ativar o vocalizador e tinha me contado histórias o suficiente sobre as espécies dos outros aliens que estavam ali que eu havia relaxado. Ainda não confiava nele, demorei anos para confiar. Mas não tinha mais medo.

Ithori assente.

— Você era um bom motivo para eu continuar ali e insistir com a missão. Kernos tinha certeza de que em algum momento precisaríamos de contatos entre os mercenários, no mínimo, então não ia fazer mal nenhum se eu ficasse. Eu os convenci a nos venderem juntos. Não tinha nenhum interesse, nenhuma segunda intenção... Eu só sabia que não era justo o que estavam fazendo com você. Não tinha como te tirar dali e levar de volta para a Terra, se tivesse com certeza teria feito isto. Então, fiz o que podia.

Ele me protegeu. Desde o começo, Ithori me protegeu. Como é que tudo foi dar tão errado?

— Admito que me surpreendi quando você foi a primeira a se oferecer para trabalhar na nave dos mercenários. A primeira de muitas surpresas. Você não sabia nada sobre o Acordo, sobre naves, sobre as espécies com que estava lidando, mas engoliu tudo isso e começou a aprender. E eu vi a garota assustada que eu conheci começar a desaparecer.

Ithori solta uma risada baixa, sem humor nenhum.

— Você não entendeu porque pensei que já estaria com outra pessoa depois que desapareci, não é? De todos os prisioneiros em qualquer uma das naves por onde passamos, você sempre foi a mais pragmática. Não importava se estava assustada porque nunca tinha visto um alien assim antes ou porque não imaginava que algum tipo de tecnologia era possível. Você fazia o que precisava fazer, sem perder tempo se questionando, preocupada ou com medo. Simplesmente agia. Treinava, estudava, tentava conseguir informações de qualquer forma possível, mas nunca parava.

Não. Não, ele está muito enganado.

— Até que fomos parar no bando de Drek. Foi como se você tivesse nascido para estar ali. Nunca vi uma pessoa se adaptar tão depressa a algum lugar, mesmo que você admitisse que tinha medo dos piratas. E até mesmo esse medo desapareceu muito mais depressa do que eu pensei que fosse possível. — Ithori balança a cabeça e seu olhar encontra o meu. — Você sempre foi a pessoa mais pragmática do bando. Era a pessoa que podíamos ter certeza que ia manter a cabeça fria não importava o que acontecesse. Que não se apegava a nada nem ninguém e que seguia em frente como se tudo estivesse correndo de acordo com seus planos. Nada te parava. Nada te perturbava.

Eu pensei que Ithori me conhecia. Não podia estar mais enganada.

— Eu estava sempre com medo. Com tanto medo que se pensasse nisso ia parar no lugar e gritar até não ter mais voz. Pensei que ao menos você tinha visto que era tudo fachada. O pragmatismo, a frieza... Era a única forma que eu tinha de continuar funcionando *apesar* de tudo.

Ele abre a boca, a fecha, e então balança a cabeça devagar. Sei que o surpreendi e isso dói. O tempo todo, ele pensou que eu era outra pessoa. Ele acreditou na fachada que coloquei, enquanto eu tinha certeza de que pelo menos *Ithori* me entendia de verdade.

Ithori estende a mão na minha direção, mas balanço a cabeça. Não quero ele perto de mim. Ele ainda não terminou de falar. Na verdade, ele mal começou, porque não explicou nada sobre o que realmente importa: como ele me usou.

VINTE E CINCO

Ithori balança a cabeça de novo e coloca a mão no rosto. Não falo nada enquanto ele abaixa a cabeça e encara o chão antes de continuar.

— Eu não sei quando foi que deixei de te ver como alguém que eu queria ajudar porque achava a situação em que estava injusta. Em algum momento enquanto passávamos de um bando para outro, eu vi que só queria estar perto de você. Não que você precisasse da minha ajuda, a essa altura. Você conhecia mais sobre as pessoas com quem estávamos lidando que eu, conseguia se aproximar de qualquer um, até dos mercenários mais reclusos. — ele me encara, com um sorrisinho de canto que também não tem nenhum humor. — Não faço a menor ideia de quando as coisas mudaram entre nós e passei a te ver de outra forma. Mas sei que quando fomos parar no bando de Drek, minha maior preocupação não era mais a minha missão, mesmo que finalmente estivesse numa posição de conseguir algo útil. Eu só queria achar uma forma de te contar a verdade, justamente porque não queria que pensasse que estava te enganando. Queria ter uma chance de explorar o que existia entre nós, se é que eu importava para você. Mas não podia, e também não podia te levar comigo quando fui avisado que não podia mais ficar. Seria arriscado demais para você, e estava segura entre os piratas.

Engulo em seco. Fui eu quem pedi a verdade, não é? Agora preciso escutar.

Não. Não é justo. Eu pedi a verdade, mas ele está me contando muito mais. Não é justo exigir isso dele sem fazer o mesmo.

— E eu sempre imaginei que ia se cansar e me trocar a qualquer momento. Eu era a garota terráquea, que não fazia a menor ideia de nada nem do que estava fazendo, enquanto você era o cara que atraía todos os olhares por onde passava.

Ithori levanta a cabeça de uma vez, me encarando com uma expressão incrédula. Dou de ombros. Não entendo o motivo da surpresa... Mas eu também não esperava que ele tivesse acreditado na fachada que eu sempre coloquei. Ele balança a cabeça de novo, desta vez sustentando meu olhar.

— Você nunca foi um trabalho. Na verdade, você quase me fez esquecer do meu trabalho. Foi por sua causa que continuei entre os piratas por tanto tempo. Minha missão deveria ter acabado quase um ano antes, mas eu não queria ir. Sabia que não ia poder entrar em contato com você depois, e mesmo que desse um jeito você não ia aceitar eu ter mentido. Isso se já não tivesse se esquecido de mim, porque você não se apegava a ninguém.

Seria mais fácil se isso fosse verdade. Muito mais fácil.

— Idiota. — murmuro. — É óbvio que eu teria entendido que não podia me falar nada.

Ele levanta uma sobrancelha. Certo, eu admito que isso ficou na minha cabeça por um bom tempo e que demorei a aceitar. Era um trabalho, simples assim. Ithori nunca comprometeria sua missão por causa de uma terráquea sobre quem ele não sabia nada.

Cruzo os braços e me acomodo melhor contra a cabeceira da cama.

— Meu problema não é com você não ter contado que era um agente do Corpo Militar em missão. É com você ter me usado sem pensar nas consequências. Ter me manipulado. Ter me ameaçado.

E isso só me faz voltar a pensar em como tudo deu tão errado assim entre nós. Ele achava que eu não me importava. Eu achava que era só mais uma pessoa na sua cama. Nós dois

completamente errados. Dois idiotas. Não que isso seja desculpa para o que ele fez.

— Eu sou um idiota. — Ithori diz.

Reviro os olhos.

— Você anda repetindo isso vezes demais.

Ele solta uma risada rápida e balança a cabeça.

— Darius entrou em contato comigo, me avisando que ele e Kernos precisavam das informações de uma nave ziittan que havia sido atacada por piratas que eu conhecia. Já sabíamos que, mesmo que elas não nos dessem provas conclusivas contra Te'vi Arcen, seriam um começo. As chances de conseguirmos algo para prendê-lo a partir dali eram grandes demais. Eu poderia ter entrado em contato com Drek, tentado negociar, mas isto entregaria que aquelas informações eram valiosas e não podíamos correr o risco de perder os dados. E eu acho que estou tentando achar justificativas onde não existe nenhuma.

Porque tudo que ele falou até agora se resume a: era trabalho, era a forma mais eficiente de conseguir um resultado. Não falo nada, apenas encaro Ithori, que está sério de novo e não sustenta meu olhar.

— Não tem nenhuma justificativa. Você está certa em me acusar, porque eu te usei. Eu sei o tanto que você sempre quis fazer alguma coisa pelas terráqueas que estavam sendo abduzidas. Sabia que aceitaria roubar as informações quando soubesse que elas podiam ajudar a acabar com os mercados e as abduções. E sabia que não ia poder voltar para o bando de Drek depois disso.

Ithori suspira e me encara, abrindo e fechando as mãos. Pelo menos ele está sendo honesto, mas não vou negar que queria que ele tivesse alguma justificativa. *Qualquer coisa* que me fizesse pensar que não havia outro jeito... Não. Não sei o que eu aceitaria como justificativa. Mas queria uma.

— Eu estava planejando ir eu mesmo te encontrar para pegar as informações. Na minha cabeça, já sabia exatamente como esse reencontro ia ser. E então eu ia te oferecer uma posição dentro da minha equipe, íamos voltar a trabalhar juntos, como antes... A verdade é que eu não pensei antes de agir. Agarrei a primeira oportunidade de entrar em contato com você e de te trazer para perto de mim. Fui um idiota egoísta, porque só depois que mandei a mensagem percebi que não podia fazer isso. Uma terráquea, trabalhando para o Corpo Militar, quando o Acordo nem mesmo reconhece os terráqueos? Era a mesma coisa que eu tinha pensado quando precisei deixar o bando e que vi que não podia fazer. — ele dá de ombros e só então olha para mim. — E eu fui mais idiota ainda por não ter tido coragem de ir te encontrar, mesmo assim, porque não queria ver você e perceber que os anos juntos não tinham significado nada.

Pelo menos ele sabe o tanto que foi idiota. Respiro fundo.

— Como uma pessoa é capaz de pensar demais e não pensar ao mesmo tempo? — pergunto.

Porque todas estas voltas, tudo o que ele falou... Ele tem uma justificativa. Não consigo continuar com raiva sabendo que ele agiu assim porque estava querendo achar uma forma de ficarmos juntos. E porque estava com medo de eu estar com outra pessoa. De ter me esquecido dele. Ithori, o cara que fazia quase todas as mulheres do bando de Drek e uns tantos homens o acompanharem com o olhar por onde passava, estava com medo de eu não querer nada com ele.

Idiota.

Ele bate o punho fechado no colchão, balançando a cabeça e encarando o chão de novo.

— Eu não sei o que teria feito se tivesse ido te encontrar e você estivesse com outra pessoa. — ele continua. — E depois, não pensei que fosse ficar muito tempo sozinha. Tinha certeza que ia encontrar alguém ou ir parar em outro bando de piratas. Você conhecia pessoas demais para ficar sozinha, sabia o suficiente sobre o Acordo...

E agora tudo faz sentido. A forma como ele estava mal-humorado, até mesmo rabugento, sendo que isso nunca foi o seu normal, os comentários irônicos e irritados sobre os meus contatos...

Vou até onde Ithori está e me sento ao seu lado, com nossos corpos quase se tocando. Ele levanta a cabeça, e nunca vi uma expressão tão incerta no rosto de Ithori antes. *Nunca*. Ele sustenta o meu olhar e consigo ver exatamente o quanto ele está precisando se esforçar para falar tudo aquilo. E eu sei que é verdade. Ithori não estaria encarando o chão se fosse mentira. Ele estaria olhando nos meus olhos para que eu não tivesse motivos para duvidar. Está tudo escrito no seu olhar: medo, arrependimento e culpa, junto com outra coisa que não quero parar para pensar no que é. Não agora, quando ainda estou tentando entender tudo o que aconteceu.

— Desde quando você tem ciúmes? — pergunto.

Ele me encara e não fala nada por alguns segundos. Vejo quando engole em seco, o tempo todo me encarando, antes de falar.

— Desde que você é a mulher para mim. A única pessoa com quem consigo imaginar dividir minha vida. Mas não sei se sou o mesmo para você.

Solto o ar de uma vez. Eu não esperava por isso. Estou no Acordo há tempo o suficiente para ter visto como os casais aqui funcionam: eles sempre estão ligados pela tal compatibilidade, uma modificação genética que foi feita para indicar os pares que têm possibilidade de gerar os melhores filhos. Quase um programa de reprodução. Qualquer relacionamento onde não exista a compatibilidade é casual. E, apesar de umas tantas terráqueas terem recebido esta modificação também, eu fui abduzida bem antes de começarem a fazer isso. Ithori e eu nunca vamos ser compatíveis. Escapei de ter recebido a modificação, e me recuso a aceitá-la.

E, mesmo assim, Ithori acabou de falar isto. Respiro fundo. Não sei o que responder. Meu comentário sobre ciúmes foi para amenizar a tensão, não para...

Ithori segura meu rosto. Por um instante, penso em me afastar, mas ele me respondeu. Ele me disse tudo o que queria saber e mais.

— Não estou cobrando nada, nem uma resposta. Temos trabalho a fazer. — ele fala. — Mas era seu direito saber.

Ótimo, porque não tenho condições de responder nada agora. E sim, ainda temos trabalho a fazer. Respiro fundo de novo.

— Quando esta situação toda terminar e as mulheres estiverem seguras, vamos conversar.

Ele assente e solta meu rosto.

Desta vez, não tento colocar distância entre nós quando nos deitamos. Nem me afasto quando Ithori passa um braço ao redor da minha cintura e me puxa para perto.

VINTE E SEIS

Abro os olhos sem ter certeza do que me acordou, já me sentando na cama e esticando as mãos para puxar minhas botas. Ao meu lado, Ithori está fazendo a mesma coisa e está com sua pistola híbrida na mão. Onde ela estava escondida?

— É um ataque. — ele fala.

Balanço a cabeça, sem ter certeza de que entendi certo. Tenho certeza de que não passaram três horas desde que nos deitamos. E não conseguimos mandar nenhuma mensagem, então...

O complexo treme e um dos alarmes dispara. Já estou de pé, prendendo minha mochila no corpo depois de ter tirado todas as ferramentas que podem ser necessárias, quando sinto um segundo tremor. Eu conheço este padrão.

— É Drek!

Ithori se vira para mim enquanto enfia uma faca comprida na bainha presa na sua cintura. Ele estreita os olhos quando o complexo treme de novo, e logo depois vem o segundo tremor, quase imperceptível. O sinal de Drek. Ithori assente, sorrindo. Não faço a menor ideia do que ele está fazendo aqui, mas fiz parte de operações demais em que ele atacava naves para não reconhecer isto.

— Temos a distração. — falo, aceitando o taser que ele me passa e o enfiando no cós da minha calça. Não é o lugar mais confortável, mas é o que posso fazer. E quando foi que ele guardou *meu* taser junto com as coisas que trouxe? Eu o deixei na base, porque o risco de ser detectado era alto demais.

— Você não é a única que tem seus truques. — ele comenta, indicando a porta com um movimento de cabeça, mas sem sair do lugar. — Preciso pelo menos tentar conseguir mais informações.

Porque quando escaparmos com as terráqueas todo o esquema de abduções, mercados e experiências vai se proteger ainda mais. As chances de descobrirmos qualquer coisa vai ser quase nula por um bom tempo.

— Segundo terminal a partir da porta? — pergunto, me lembrando do que ele falou sobre os controles da porta do galpão.

Ithori assente.

Abro a porta da cabine. Aqui fora o alarme é quase ensurdecedor, acompanhado de luzes amarelas. Sem muitos danos, então. Ithori olha para os dois lados do corredor.

— Vai. Sabe o que fazer. Encontro vocês no espaçoporto — ele diz sem se virar para mim.

Seguro a gola da sua jaqueta e o forço a me encarar.

— Sem sacrifícios e sem pensar em ficar para trás. — falo. — Não se esqueça que não sei pilotar. E que ainda temos assuntos a tratar.

Ithori sorri e me dá um beijo rápido e agressivo, quase que só nossas bocas se chocando, antes de se virar e correr para o outro lado. Passo a língua pelos lábios, sentindo o gosto de sangue, enquanto começo a correr na direção da área de observação. Não quero pensar nas várias possibilidades para tudo dar errado. Não agora. Precisamos conseguir.

Desço pelas escadas – é mais rápido que esperar um dos elevadores e tem menos chances de me detectarem – agradecendo mentalmente por ter feito questão de me manter em forma nos

últimos anos. Já estou com uma das bombas de sonífero na mão quando paro no deck da área de observação. Puxo a máscara fina que é parte da minha blusa e que cobre meu nariz e boca, e a coloco no lugar antes de bater a mão no sensor da porta e jogar a bomba para dentro. O gás se espalha imediatamente, incolor e inodoro, mas consigo ouvir o ruído das pessoas caindo onde estão. Corro para dentro, indo para o terminal que Ithori indicou. Controles, controles... Se alguém estiver monitorando os sistemas de vigilância dessa sala, vão ver o que está acontecendo aqui. Não tenho muito tempo.

Empurro o ziittan que está no meu caminho para o lado e ativo os comandos para abrir as portas do galpão. Código de autorização. Merda. Puxo o ziittan e coloco sua mão no sensor, torcendo para os seus padrões vitais estarem dentro dos níveis aceitáveis. Sensores deste tipo são configurados para identificar o padrão das digitais, ou qualquer outro identificador que uma espécie possua, ao mesmo tempo em que analisa os padrões vitais e os compara com um banco de dados. Ou seja: aquela cena que eu vi em alguns filmes, de cortar o dedo para usar a digital, nunca funcionaria. Pelo contrário, dispararia outro alarme.

Assim que a mensagem de que as portas estão se abrindo pisca, já estou correndo para fora da sala. Fecho a porta atrás de mim, mesmo que não ache que vai fazer muita diferença. Mas, se ninguém estiver monitorando esta sala, isso vai garantir que os técnicos não acordem até o gás dissipar.

Abro a porta ao lado do elevador e vejo uma escada. Degraus pregados na parede, na verdade, mas não importa. Desço alguns dele, depressa, antes de saltar direto para o chão, abrir a porta, e correr para a entrada do galpão.

As terráqueas estão todas de pé, encarando a porta, e duas delas já estão quase saindo. Não me surpreendo quando vejo que a mulher que me questionou mais cedo é uma delas.

— Depressa! — grito, gesticulando para correrem. — Se quiserem escapar, é a única chance que vão ter.

As mulheres que estão na frente se entreolham e algumas começam a correr. A que me questionou se vira para dentro e grita alguma coisa que não consigo entender por causa do alarme, mas de repente todas estão saindo do galpão. Não sei as condições físicas delas, mas espero que consigam manter o ritmo até chegarmos ao espaçoporto.

Uma explosão sacode a nave e afasto os pés por puro hábito, estendendo as mãos para tentar me equilibrar. Drek parou de brincar. Aliás, como foi que ele passou pelas naves ao redor do complexo? E o que deu na cabeça dele para fazer isso?

Corro e passo pelas mulheres espalhadas pelo corredor. Algumas caíram, mas já estão se levantando e continuando a correr.

— Por aqui! — grito, vendo que estão indo para o elevador interno, que só leva para a área de observação.

Não espero para ver se todas estão me seguindo. Não posso fazer milagres, se alguma delas insistir em ir pela direção errada, paciência. O alarme ainda está com o mesmo tom e as mesmas luzes amarelas. Nenhum alerta de fuga. Excelente. Coloco minha mão no sensor do elevador, me movendo de forma inquieta enquanto as mulheres me alcançam.

A porta do elevador se abre e as mulheres se espremem lá dentro sem que eu precise dizer nada. Entro por último, deixando a porta se fechar e batendo no botão que vai nos deixar no deck do espaçoporto.

— Vamos correr até o espaçoporto. — aviso, encarando o visor que marca a posição do

elevador. — Temos uma nave lá. Entrem, se apertem em qualquer espaço livre e se segurem, porque não sei qual vai ser a situação saindo daqui.

— Você está trabalhando com os ETs. — reconheço a voz da mesma mulher de antes. Ou ela virou a porta-voz do grupo, ou é a única que tem coragem de questionar.

— Não com os que prenderam vocês. — o visor me mostra que estamos um deck acima do espaçoporto. — Vão em frente, virem à direita no primeiro corredor.

A porta do elevador se abre ao mesmo tempo em que a nave treme de novo. As primeiras mulheres que tentam sair caem, com outras pulando sobre elas e algumas parando para ajudar as que caíram. Pelo menos não preciso falar para correrem. Espero até todas estarem fora do elevador para sair, levantando o braço direito por puro hábito. Não tenho um comunicador para falar com Ithori, nem um ponto de acesso nos sensores da nave para me dar as leituras dos sistemas de segurança.

Os gritos das mulheres me fazem correr mais depressa. Elas estão se afastando do corredor onde deveriam virar e escuto tiros e uma voz sintetizada. Não consigo entender o que estão falando por causa do alarme, mas é fácil imaginar o que seja. Já estou com meu taser na mão quando o primeiro guarda entra no corredor onde estamos. Atiro, avançando, pegando mais quatro guardas no campo de ação.

O alarme para por um instante e então recomeça, agora com um segundo som se sobrepondo ao primeiro e com luzes verdes se juntando às amarelas. Eles perceberam que as terráqueas não estão onde deveriam.

Aponto para o corredor por onde precisamos ir e me seguro na parede quando o complexo treme ainda com mais força. Algumas mulheres gritam e pelo menos uma está chorando, mas as que caíram já estão se levantando.

— Depressa! — grito.

Vejo duas delas se abaixarem ao lado de outra e a levantarem antes de começarem a correr na direção que aponteí. Ótimo. Não deve ter mais nenhum guarda por aqui, mas não vou arriscar. Meu taser continua na minha mão enquanto corro atrás delas, gritando instruções.

A porta da primeira antessala ainda está aberta. A fecho atrás de nós e tento recuperar um pouco do fôlego. Ainda temos que atravessar uma boa parte do espaçoporto até a nave de Ithori. E o complexo já sabe que estamos fugindo. Travo os dentes, imaginando o que vai acontecer.

E isso sendo que nem estou pensando em Ithori. Espero que ele já esteja na nave. Espero muito. Não quero pensar em como isso pode dar errado.

— E agora? — uma das mulheres pergunta.

Atravesso a antessala e paro na frente da porta que dá para o espaçoporto. Olho para o sensor na porta. Se já viram que as terráqueas não estão no galpão, provavelmente já notaram que eu desapareci e ou revogaram meu acesso ou estão me monitorando. Tiro uma das minhas ferramentas de um dos bolsos, um laser pequeno e concentrado, e começo a cortar a tampa do sensor.

— Eu vou na frente, para o caso de precisar abrir a nave. — espero muito não precisar fazer isso. — Vocês me acompanhem. Entrem, achem algum espaço e se segurem. Se alguém cair, ajudem. Não quero deixar ninguém para trás. Entendido?

Olho de relance para trás em tempo de ver algumas mulheres assentindo, incluindo a que está sempre me questionando. Ótimo, ela pode manter as outras em ordem.

Encaro a fiação do sensor. Mal tentou me ensinar a controlar as portas mexendo nos fios, mas nunca tive paciência para aprender os detalhes. Aponto o laser para dentro da caixa estreita e começo a queimar os fios do mecanismo de abertura da porta. Uma das mulheres se aproxima, mas antes que ela fale alguma coisa a porta começa a se abrir. Perfeito.

Levanto o punho fechado e começo a levantar os dedos, um de cada vez. No três, corro para dentro do espaçoporto.

VINTE E SETE

Onde Ithori foi parar? Olho para os lados enquanto corro na direção da nave dele, que está exatamente no mesmo lugar onde pousamos. Ele já deveria estar aqui. Ou, pelo menos, eu deveria estar ouvindo ele se aproximar. Merda. Ithori tem mania de heroísmo, mas desta vez ele *não pode* ficar para trás.

Faço um esforço para me concentrar no caminho à minha frente. Ficar olhando para os lados só vai me fazer cair. E talvez Ithori já esteja na nave, esperando nos aproximarmos para abrir a escotilha.

Por favor, esteja na nave.

Escuto passos pesados nas plataformas laterais e então gritos. Merda. Tive esperanças de que ia ter mais alguns segundos, talvez alguns minutos. Estamos quase lá. Por que esse espaçoporto tem que ser tão grande.

Ativo meu escudo portátil ao mesmo tempo em que escuto os primeiros tiros. As mulheres atrás de mim gritam, mas não posso fazer nada. Não temos onde nos esconder se quisermos chegar até a nave. O complexo treme mais uma vez e eu me abaixo, colocando uma mão no chão para me equilibrar. O tom do alarme muda e agora luzes laranjas também estão brilhando. Houve uma brecha no casco em algum lugar. Respiro fundo quando escuto os guardas que estavam atirando correrem na direção oposta. Drek é louco, mas a loucura dele está nos dando mais alguns minutos.

E, Ithori, se você está na nave, é hora de abrir essa escotilha, vamos...

Nada.

Onde Ithori se enfiou?

Paro na entrada da nave, quase batendo contra o casco, e coloco a mão no sensor. Pelo menos os sistemas de Ithori estão configurados para me aceitar. A rampa se abre e então a escotilha, e gesticulo para as mulheres se apressarem. A brecha no casco nos deu algum tempo, mas não sei *quanto* tempo.

E não sei onde Ithori está.

Respiro fundo e olho para as plataformas ao redor do espaçoporto. Nada.

— Deixe, a ponte de comando por último! — aviso para as mulheres que estão entrando.

Travo os dentes quando vejo que uma delas levou um tiro na perna. Era demais esperar que todas tivessem escapado incólumes. Espero muito que tenha sido de um laser tradicional.

— Kit de primeiros socorros atrás do balcão da cozinha. — falo para a mulher que está ajudando a outra a andar e escuto uma das que já entrou gritar que está na cozinha. — Vejam o que conseguem reconhecer. Só mantenham ela viva pelos próximos minutos, assim que sairmos daqui vejo o que posso fazer.

As duas mulheres me xingam de alguns nomes interessantes enquanto sobem a rampa, mas não dou atenção para elas. Podem me xingar de vadia gelada e o que mais inventarem o quanto quiserem, não me incomodo. Se não me mantiver fria, nenhuma de nós vai sair daqui.

E onde Ithori foi parar? Merda. Se eu tentar pilotar, vai ser suicídio na certa. Não que eu tenha coragem de deixar ele para trás. Respiro fundo quando a última mulher entra na nave. Estou ouvindo resmungos sobre estarem apertadas, mas isso não me importa. Não vão passar muito tempo aqui dentro. Mas a presença delas quer dizer que não posso ir atrás de Ithori. Argh. Por

que aceitei nos separarmos? Fazer isso quando não temos como nos comunicar é loucura, mas foi exatamente o que fizemos.

— Merda, merda, merda. Ithori, onde você está?

Entro na nave e fecho a rampa de embarque atrás de mim, antes de bater a mão no sensor ao lado da escotilha e apoiar a testa na parede. Não posso deixar Ithori para trás. Não aceito isso. Depois de todos os desencontros, de tudo o que deu errado, quando finalmente estamos juntos de novo e com uma chance de nos entendermos, ele vai se sacrificar para eu escapar? Não, não mesmo. Não aceito que me tirem a chance de descobrir se isto entre nós pode crescer.

Corro para a ponte de comando. Cinco mulheres estão aqui, paradas perto das paredes. Ótimo, pensei que precisaríamos trazer mais delas para cá para todas caberem. Me sento na cadeira de co-piloto e começo a ligar os sistemas. Os monitores ao redor da sala brilham e tenho uma visão clara do espaçoporto ao nosso redor. Nem sinal de Ithori.

Vamos, onde você está? Não me faça ir te buscar dentro desse complexo.

— O que está esperando? — uma das mulheres pergunta.

— Meu parceiro.

Um dos sensores pisca e me viro para ele. Posso não saber pilotar, mas sei lidar com os sistemas. Jogo os dados dele em um dos monitores secundários.

— O que estava com você antes? Ele nem é humano.

Giro a cadeira e encaro a mulher que falou. Sua expressão de desprezo combina perfeitamente com seu tom de voz.

— Se não fosse por ele, quem nem é terráqueo, vocês não estariam fora daquele galpão. E se não fosse por várias outras pessoas, que também não são terráqueas, não teríamos essa chance de escapar.

Me viro de volta para o monitor sem esperar uma resposta. Um grupo de pessoas está se aproximando do espaçoporto. Por favor, seja Ithori. Nem me incomodo se ele estiver trazendo um grupo de guardas com ele, mas seja Ithori.

Uma das portas do espaçoporto explode. Pulo para fora da cadeira assim que vejo a silhueta de Ithori passando no meio da fumaça — é óbvio que consigo reconhecê-lo.

— Fiquem fora do caminho! — quase grito enquanto saio da ponte de comando.

As mulheres que estão no corredor se apertam contra a parede e se afastam da escotilha. Bato a mão no sensor e já estou saindo antes mesmo da escotilha se abrir completamente. Salto para o chão e puxo meu taser, correndo na direção de Ithori. Ele não está mais atirando e está mancando, mesmo que ainda consiga correr, o que quer dizer problemas.

— Suelen!

Ignoro seu grito. Não me esqueci que a prioridade dele, em Nassi, foi a minha segurança. Sei que ele quer que eu volte para a nave, mas não vou deixar Ithori sem cobertura quando tem uns dez guardas atrás dele, atirando.

O empurro na direção da nave quando ele começa a diminuir o passo assim que me alcança. Dou um passo atrás quando um tiro que o acertaria pega em mim e meu escudo portátil absorve o impacto. Atiro com meu taser, abrindo o raio de ação dele o máximo possível, enquanto ando o mais depressa que consigo de costas. Alguns dos guardas caem, mas não todos. Estou longe demais para apagar todos eles. Merda.

Me viro e começo a correr, tropeçando quando outro tiro me acerta. Meu bloqueador só vai

aguentar mais um, no máximo. Ithori está correndo em linha reta, e agora consigo ver a mancha de sangue na sua calça. Travo os dentes, me forçando a continuar atrás dele e não correr em zigue-zague. Aponto o taser para trás e atiro de novo, sem nem me preocupar em mirar. Se acertar alguém, vai ser lucro. Só preciso de mais alguns segundos, porque Ithori já está quase na rampa.

— Vai! — grito quando ele olha para trás.

Outro tiro me acerta e uso a força do impacto para ir mais depressa, mesmo que quase caindo. Ithori aperta um dos controles ao lado da escotilha antes de sumir de vista. Salto para a rampa, correndo enquanto ela começa a se fechar. Algo passa queimando pelo meu braço, mas já estou do outro lado da escotilha, batendo a mão no sensor para fechá-la e então correndo para a ponte de comando.

Ithori já está se preparando para decolar. Me sento na outra cadeira e ativo o controle dos lasers da sua nave. Eles são fracos o bastante para que a nave não seja lida como ofensiva por nenhum tipo de sensor, mas são o suficiente para o que preciso.

— O campo de força... — Ithori começa.

Miro cuidadosamente, precisando brigar com os controles para fixar no alvo, e atiro em um dos painéis ao lado da abertura do espaçoporto. Ele não é como o da base da força-tarefa, com paredes que se abrem para as naves saírem. Em vez disso, ele tem um campo de força na frente de uma abertura enorme. Uma luz magenta começa a piscar, junto com todas as outras. O alerta de segurança do espaçoporto. Perfeito. Acerto dois tiros no gerador comprido que fica sobre a abertura, só para ter certeza que não vão reativar o campo enquanto estivermos passando. Ithori decola e acelera de uma vez, me jogando com força contra o encosto da cadeira. Escuto os gritos das mulheres que estão na nave, mas não consigo me preocupar com isto agora.

Os monitores me mostram o espaço e o complexo ficando para trás. Conseguimos. Estamos fora.

Solto um suspiro aliviado. Não importa se as naves ainda estão lutando – consigo ver duas naves de tamanho médio que não estavam aqui quando chegamos e uma maior – já conseguimos o mais difícil. Agora só precisamos sair do raio de alcance deles e esperar as naves de Drek e da força-tarefa se afastarem da luta.

Meu alívio desaparece quando olho para Ithori e vejo como ele está pálido.

— Você... — começo mas não termino o raciocínio, apenas salto para fora da cadeira e passo pelas mulheres que estão ali, quase correndo pelo corredor até a cozinha.

Uma das mulheres está sentada em um dos bancos que normalmente estão presos debaixo da bancada, com outras duas ao lado dela. Uma delas está segurando um pedaço de tecido contra a sua coxa e eu consigo ver a mancha de sangue. Elas se viram para mim quando entro, com expressões estranhas, e uma delas se afasta, me dando espaço para alcançar a caixa de primeiros socorros que está em cima da bancada.

Merda, quase me esqueci dela.

— Isto aqui vai cauterizar o ferimento e aplicar um anestésico. — pego uma das ferramentas e a entrego para a mulher que estava segurando o tecido, explicando como usar. — Pare o sangramento, quando chegarmos em alguma nave com equipamento médico decente vão cuidar do resto.

Ela assente e então para.

— Seu braço...

Acompanho o seu olhar e faço uma careta. Tem uma queimadura larga e funda no meu braço esquerdo, pouco abaixo do ombro. Então foi isso que passou queimando pelo meu braço quando entrei na nave. Um tiro de raspão assim que o meu escudo portátil parou de funcionar, mas eu estava tão preocupada em sair do complexo que nem notei. Não foi à toa que tive dificuldade para mirar. Tento levantar o braço e paro. Mobilidade comprometida. Espero muito que estejamos dentro da nave de Drek, no mínimo, quando a adrenalina passar. Não estou sentindo nada agora, mas sei que nenhum anestésico vai adiantar quando a dor começar.

Enfio a mão na caixa de novo e pego um rolo de curativo. A mulher que se afastou estica a mão para ele e deixo que ela faça um curativo rápido no meu braço. Pego mais algumas das ferramentas de cauterizar e o rolo de curativo e volto para a ponte de comando.

Ithori está com a cabeça baixa e consigo ver outra mancha molhada se espalhando pelas suas costas. Puta que pariu, quantos tiros ele tomou? Por que ele tem que insistir em bancar o herói?

— Não ouse apagar. — falo, o empurrando para frente com cuidado antes de tirar uma das minhas facas e começar a cortar sua jaqueta e então sua blusa.

— Não até estarmos fora de alcance. — ele murmura, com uma voz tão fraca que mal escuto.

Respiro fundo quando vejo o ferimento. Desta vez foi algum tipo de projétil, que aparentemente atravessou seu corpo fazendo o máximo de estrago possível. A única que posso fazer é tentar reduzir o sangramento, mas pela posição – pouco abaixo do seu peito, do lado direito do corpo – o tiro acertou seus órgãos. Engulo em seco. As palavras “hemorragia interna” começam a passear pela minha mente. Já vi ferimentos assim antes. E já vi o resultado quando não havia tratamento médico por perto.

Não aceito isso. Não, não, não.

Olho para o painel. Preciso entrar em contato com Drek, mas não posso deixar Ithori sangrando.

— Posso ajudar.

Levanto a cabeça. A mesma mulher que sempre me questiona se aproximou e está encarando as costas de Ithori. Respiro fundo mais uma vez.

— Preciso que tente parar o sangramento. — entrego a ferramenta para ela e explico como usar.

Só me afasto quando ela assente e começa a trabalhar no ferimento. Tratamento médico rápido. Nenhuma das naves que vi aqui fora é a nave que lembro que Drek usava, mas muita coisa pode ter acontecido em dois anos. Ligo o sistema de comunicação e começo a entrar com todas as frequências que me lembro de serem usadas entre os piratas de Drek.

— Rhi na escuta.

Fecho os olhos por um instante quando a comunicação é aceita.

— Aqui é Suelen. Preciso que nos reboquem. A nave onde estão tem raio trator ou algo assim?

— Estamos nos afastando da luta. Vou precisar que nos autorize a pilotar a nave remotamente, sabe fazer isso? — a resposta é rápida e seca. Sempre gostei de trabalhar com Rhi justamente porque ele não faz perguntas desnecessárias.

— Sei. E preciso de atendimento médico de prontidão. Ithori levou pelo menos dois tiros. Um na perna, o outro no tronco, e está feio.

Não preciso falar mais que isso. “Está feio”, para os piratas, é o mesmo que dizer que é uma questão de vida ou morte.

— Entendido. Dois minutos até estarmos perto o bastante para assumir o controle. Consegue parar a nave?

Me viro para Ithori. Suas mãos se movem de forma lenta nos controles e vejo o indicador de velocidade começar a diminuir.

Não aceito isso. Justamente quando começamos a conversar, quando as coisas começam a dar certo... Não.

Me abaixo ao lado da outra mulher, pego uma das ferramentas, e começo a tentar parar o sangramento também.

VINTE E OITO

Ithori está inconsciente quando o hangar da nave de Drek se fecha. Corro para a escotilha, de novo gritando para as mulheres não ficarem no caminho, e fico tamborilando os dedos ao lado do painel enquanto espero a luz azul acender, indicando que é seguro abrir a nave. Quando a escotilha se abre, Gheri e Rivna, os médicos do bando, já estão subindo a rampa de embarque com uma maca. Me aperto contra a parede e eles vão direto para a ponte de comando, assentindo rapidamente na minha direção. Dois minutos depois, estão saindo com Ithori e Gheri já está dando ordens através do comunicador, falando com alguém que está na enfermaria. Começo a descer atrás deles mas paro quando sinto uma pontada de dor no meu braço. Merda. A dor é o bastante para fazer eu me abaixar e respirar fundo. Não preciso disso agora. Quero acompanhar os médicos, mas Gheri já está saindo do hangar, ao mesmo tempo em que Drek e Dsara entram.

Respiro fundo mais uma vez e me endireito, terminando de descer a rampa. Meu braço não importa. É só dor. O músculo está comprometido, mas se a força-tarefa tem kits de regeneração isso não é motivo para me preocupar. *Ithori* é. Desta vez não foi um ferimento simples, onde o único risco era o sangramento. Eu ouvi o suficiente das ordens de Gheri para ter certeza de que é grave.

Não aceito isso. Isso *não pode* acontecer. Ele vai se recuperar. Precisa se recuperar, porque ainda temos umas tantas coisas para conversar.

Sinto duas mãos nos meus ombros e me encolho por causa da dor. Levanto a cabeça. Drek está parado na minha frente e me solta depressa quando vê o curativo no meu braço.

— Você não vai com eles. — ele fala, me encarando.

— Tenho todo o direito...

Ele balança a cabeça.

— Respire, Suelen. Respire fundo, esvazie a cabeça. Não é assim que você faz?

Obedeço por puro hábito, puxando o ar com força e soltando lentamente pela boca. Meu braço agora está latejando, mas ignoro a dor. Respiro fundo mais uma vez, soltando o ar lentamente, e Drek assente.

— Você sabe que Gheri não vai deixar você nem chegar perto de onde ele estiver trabalhando. — Dsara fala.

Respiro fundo de novo e assinto. Gheri diz que pessoas agitadas, ansiosas, preocupadas demais ou qualquer coisa do tipo ao redor de pacientes atrapalham seu trabalho, porque deixam os pacientes agitados, mesmo que estejam inconscientes. Já aconteceu de ele não deixar nem mesmo Drek se aproximar da enfermaria.

Só então presto atenção neles. Drek não mudou nada nesses anos. Não, acho que ele ganhou mais músculos. O que andaram aprontando? E Dsara pintou o cabelo. Está preto na raiz e magenta nas pontas. Estreito os olhos. Por que será que isso me parece familiar?

— O que aconteceu com seu braço? — Drek pergunta, levantando o braço onde está seu comunicador.

Balanço a cabeça. Não adianta ele pedir para arrumarem nada para mim.

— Algum tipo de laser. Isso pode esperar.

E isso me lembra da terráquea que tomou um tiro na perna. Merda. O que está acontecendo

comigo? Tem muito mais em jogo aqui, e eu estou pensando apenas em Ithori. Solto o ar com força quando outra pontada de dor me faz me encolher. Eu não sou assim. Não esqueço de tudo por causa de uma pessoa, e nem deveria estar agindo assim por causa de Ithori. Não estou aqui por ele.

Mas o que ele falou no complexo não sai da minha cabeça.

Eu sou uma idiota mesmo.

Respiro fundo e balanço a cabeça.

— Já volto.

Drek levanta as sobrancelhas — um gesto que ele copiou de mim — mas eles não falam nada enquanto me viro e volto para a nave, me forçando a andar normalmente e não fazer caretas por causa da dor.

Algumas mulheres estão reunidas ao redor da escotilha e a que me questionou no galpão está com metade do corpo para fora, encarando Drek e Dsara. Elas se afastam para me deixar passar e ignoro seus olhares enquanto vou direto para a cozinha. Só duas mulheres continuam ali: a que tomou o tiro, ainda sentada no banco, e uma garota magra e de cabelo meio avermelhado encostada na parede.

— Tudo bem aqui? — pergunto.

A que está sentada assente e tira o pano que está sobre o ferimento, fazendo uma careta. Elas conseguiram parar o sangramento, mas pelo visto o efeito do anestésico já está passando. Não me parece ser um ferimento preocupante, mas não sou médica nem nada do tipo para falar.

— Alguém precisa ver isso, mas provavelmente vai demorar um pouco. — aviso.

A menos que as coisas tenham mudado muito no bando, Gheri é o único médico, e Ravni é sua aprendiz. Se bem que, depois de dois anos, ela já deve estar quase se qualificando. Todos os piratas sabem o básico do básico de primeiros socorros, o necessário para se manterem vivos até Gheri poder cuidar deles, mas é só.

A mulher assente.

— Dá para esperar, eu acho. — ela hesita por um instante e levanto uma sobrancelha. — O alien que estava com você...

Respiro fundo, sentindo minha garganta fechar. Não me sinto assim desde aquela operação maldita, quando o Corpo Militar atacou uma nave que estávamos pilhando e Ithori ficou para trás.

— Tomou no mínimo dois tiros, mas vai ficar bem. Os médicos já estão com ele e chegamos aqui depressa.

E se eu repetir isso em voz alta vezes o bastante, vou acreditar e parar de me preocupar. Argh. Fecho os olhos por um instante, respiro fundo, e encaro a mulher.

— Qual é o seu nome?

— Marina.

— Então, Marina, se sentir a área ao redor do ferimento esquentando, sentir a dor aumentando ou qualquer coisa estranha, você entendeu a ideia, me procure. O médico vai demorar a estar disponível, mas se for necessário vejo o que consigo fazer.

Ela assente de novo.

Saio da cozinha. A aglomeração de mulheres ao redor da escotilha aumentou, mas enquanto algumas estão quase saindo da nave, umas tantas estão se encolhendo perto das paredes do corredor, em pequenos grupos. Qual o problema agora?

— Suelen?

As mulheres que já estavam encolhidas se encolhem ainda mais e uma boa parte das que estão mais perto da escotilha recuam. Ah. Entendi. Deveria ter imaginado isso antes. Sou obrigada a admitir que a aparência dos piratas é assustadora para quem não os conhece: pele verde musgo com escamas em algumas áreas, cabelos azuis e grossos, garras e olhos amarelados com pupilas fendidas. Eu me assustei quando vi um deles pela primeira vez. Para terráqueas que estão saindo de um complexo científico depois de terem passado sabe-se lá o que nos mercados e coleção particulares, isso deve ser bem pior.

Quer dizer, para a maioria delas, porque a mulher que estava quase saindo da escotilha antes continua no mesmo lugar, e agora mais uma das terráqueas também está lá. Elas se afastam quando me aproximo e vejo Drek parado no meio da rampa de embarque.

— Vai falar com elas? — ele pergunta.

Olho para trás de novo, para as mulheres encolhidas que estão me encarando de forma acusadora. O que elas esperavam? Que milagrosamente *terráqueos* iam aparecer para resgatá-las?

Me viro de volta para Drek e assinto.

— Me dê alguns minutos.

Ele assente e desce, parando ao lado de Dsara. Me viro de volta para as mulheres, que se espalharam um pouco pelo corredor. Mesmo assim, é muita gente em pouco espaço.

— Estão todas aqui? — levanto a voz para o caso de alguém ainda estar na ponte de comando.

As duas que estavam na cozinha saem e Marina se apoia na porta, tentando não colocar peso na perna machucada. Pisco quando três mulheres saem de dentro do banheiro. Como foi que elas conseguiram se espremer ali? Mais algumas vêm do fundo da nave. Olho ao redor. Acho que agora estão todas aqui.

— Preciso deixar algumas coisas claras de uma vez. Posso saltar a parte do “sim, eles são ETs”, não posso? Ótimo. Sim, vocês foram abduzidas, vendidas, usadas sabe-se lá como. Eu sei. Eu também fui abduzida e vendida, seis anos atrás. A questão aqui é: vocês estão entre aliens, sim. Alguns deles podem até parecer terráqueos, mas não são. Longe disso. Eles são diferentes, podem até ser assustadores. — faço um gesto vago na direção da escotilha. — Mas, da mesma forma que vocês não diriam que qualquer pessoa da Terra é confiável, o mesmo vale para os aliens. Foram ETs que abduziram vocês e fizeram essas merdas todas? Foram. Mas também foram ETs que atacaram o complexo para nos dar uma chance de escapar. Existem pessoas aqui tentando parar as abduções e experiências, e essas pessoas não são terráqueas. O que precisam saber é: estão seguras aqui. Estes aliens não são como os que estavam com vocês. E provavelmente vai ser outro grupo de aliens que vai organizar para mandar quem quiser de volta para a Terra.

Paro e espero, fazendo uma careta quando sinto outra pontada de dor. Meu primeiro reflexo é colocar a mão no lugar que está doendo, e por pouco paro antes de fazer isso. Se já está doendo assim, sem eu encostar em nada...

— E como sabemos que podemos confiar em você?

Não vejo quem falou, mas sei que não foi a mulher que me questionou no galpão. Já conheço a voz dela, e ela está parada quase do meu lado.

— Não sabem. Não tenho nenhuma garantia para dar, além do fato de que sou terráquea e

fui abduzida quase seis anos atrás. Só estou explicando isto porque vocês não precisam ficar presas dentro desta nave minúscula. — tento dar de ombros mas paro no meio do movimento. Ai.

— Eles poderiam ter saído sem nenhum ferimento se não fosse por nós.

Agora é a mulher que me questionou no galpão... E que me ajudou com o ferimento de Ithori. Ela me encara e então olha para o meu braço.

Ela passa entre duas mulheres e para, na frente do grupo.

— Isso é o suficiente para eu te dar o benefício da dúvida.

Reviro os olhos. Quanto drama.

Coloco a cabeça para fora da nave. Drek continua parado no mesmo lugar, ainda conversando com Dsara.

— O hangar está liberado, não é?

Os dois se viram para mim e Drek assente.

— Vamos nos encontrar com Isla em menos de uma hora. Ela tem roupas e tudo mais preparado para as mulheres. Nosso suprimento de água está baixo, senão diria para mandar elas tomarem um banho.

— Entendido.

Volto para dentro e olho ao redor. Algumas mulheres ainda estão encolhidas, outras com a testa franzida, e outras obviamente entenderam o que Drek falou, incluindo a mulher que me desafiou... E eu acho que preciso de um nome.

— Como você se chama?

— Talita.

— Sou Suelen. — assinto. — Algumas de vocês têm tradutores implantados e entenderam o que Drek falou. Ele é o capitão da nave onde estamos. O hangar está liberado para vocês. Em menos de uma hora vamos nos encontrar com uma nave maior, que está preparada para recebê-las. Se estiverem com fome, provavelmente podemos arrumar alguma coisa aqui, mas a outra nave vai ter roupas e acomodações preparadas. Se precisarem de alguma coisa...

— Procuramos você. — Talita interrompe.

Balanço a cabeça.

— Eu vou tentar ir ver como Ithori está. Se precisarem de alguma coisa, podem falar com os aliens. Se eles não entenderem o que estão falando, vão achar alguém que entenda.

— Todo mundo entende! — Dsara grita e preciso de um instante para perceber que ouvi o que ela *realmente* falou, não o que meu tradutor entendeu.

Levanto as sobrancelhas. Certo, então todos os piratas conseguem entender e falar português, mesmo que a fala ainda soe um tanto sibilante. Por que será que tenho a impressão que isso é culpa da tal Gabi?

— Vocês ouviram.

E agora eu posso ir atrás de Ithori. Preciso pelo menos saber qual é a situação, mesmo que Gheri não me deixe chegar perto da enfermaria. Respiro fundo e saio da nave. Drek olha para o meu rosto, murmura alguma coisa para Dsara e me acompanha.

— Nós vamos alcançar a nave de Isla a tempo, Suelen. — ele fala.

Engulo em seco. Isso quer dizer que Gheri não tem conhecimento ou equipamento o suficiente para cuidar de Ithori e que se nos demormos demais...

Não.

Eu me recuso a aceitar essa possibilidade, me recuso a pensar nisso.

— Você não vai entrar aqui.

Encaro a mulher sentada atrás de uma mesa alta, na entrada da área de emergências da enfermaria. Já faz quase meia hora que entramos na nave da tal Isla e Ithori foi trazido para cá. E eu continuo sem saber de nada. Não sei se ele melhorou, piorou, se chegamos a tempo, ou... Nada. Ninguém me contou nada. E o fato de que nem mesmo Drek foi informado da situação não é animador.

Quais as chances de eu conseguir passar por essa mulher? Ainda estou com meu taser, mesmo que sua carga esteja acabando. Tenho o suficiente para deixar a mulher desacordada por alguns minutos.

Ela estreita os olhos.

— O que quer que esteja pensando, é melhor desistir desta ideia.

Respiro fundo e levanto as mãos. Não sou louca de tentar fazer alguma coisa contra ela. Alta, com um corpo escultural que é fácil de notar por causa da blusa justíssima que ela usa, ela tem o rosto mais bonito que eu já vi. Este detalhe, junto com sua altura e a forma como consigo ver seus músculos definidos quando ela cruza os braços, é o suficiente para me contar qual é sua espécie. Não sei o nome certo, mas em Nassi usam um termo que meu tradutor reconheceu como amazonas. São mulheres lindas, mas guerreiras praticamente imbatíveis. Nunca ouvi falar nada sobre os machos da espécie. E só sei de uma nave que tem amazonas na tripulação: a nave de Kradisla.

Isla... Kradisla. Óbvio. Ithori fala dos meus contatos, mas os dele também não estão nada mal. Ela pode não ser parte do submundo, mas seu nome é bem conhecido por lá.

— Volte pelo mesmo corredor e vire à esquerda. Quarta porta, a que está marcada com uma linha lilás. Uma das enfermeiras vai cuidar do seu braço. — a mulher fala.

Olho para o corredor além dela de novo. Não adianta eu tentar passar por uma amazona. Se metade das histórias que ouvi são verdade, ela provavelmente conseguiria me desamar antes que eu atirasse. Assinto e vou na direção que ela indicou, me afastando de onde Ithori está.

A enfermeira que abre a porta para mim é de uma daquelas espécies que tem algum parentesco com aves, e penas finas cobrem todo o seu corpo, mesmo que ela seja humanoide. Ela sorri e gesticula para que eu entre. Obedeço e me sento na cama que ela aponta.

Não falo nada enquanto a enfermeira desfaz o curativo no meu braço e faço questão de olhar para o outro lado. Não quero ver como isso está. Uma coisa foi ver esse ferimento quando estava elétrica, mais preocupada com Ithori que qualquer outra coisa, e ainda com a adrenalina no meu corpo. Tenho certeza de que minha reação agora seria bem diferente.

Quase pulo quando ela encosta alguma coisa gelada no meu braço. Merda. Isso dói.

— São só alguns minutos. — ela fala, e sua voz é fina e delicada. Definitivamente tem parentesco com aves.

Travo os dentes enquanto ela começa a espalhar a tal coisa gelada. Parece ser uma pomada ou um gel, mas não vou me virar para ver. E dói. Respiro fundo, soltando o ar pela boca, e tento prestar atenção em qualquer coisa que não seja a dor.

Em algum momento, para de doer. Solto um suspiro aliviado, mas não tenho coragem de olhar para o braço. A enfermeira ainda está passando algo em mim, mas agora tenho a impressão de

que é só uma toalha ou algo parecido.

— Pronto. — ela fala.

— Obrigada.

Desço da cama e estico o braço esquerdo. Nem uma marca. Uma queimadura enorme, e nem uma cicatriz. Balanço a cabeça. Às vezes ainda acho as tecnologias do Acordo irreais. Como que é aquela fala de que qualquer tecnologia avançada o suficiente passa a ser considerada magia? Não lembro as palavras exatas, mas é algo nesse sentido. É exatamente assim que me sinto: se alguém me falasse que isso é magia, eu não ia duvidar.

Se eles têm tecnologia para isso, com certeza Ithori vai sobreviver.

Olho para a enfermeira.

— Sabe alguma coisa sobre Ithori?

Ela me encara por um instante antes de assentir.

— Suelen, não é?

— Isso.

Ela assente de novo.

— Me dê um minuto.

A enfermeira vai até um monitor na parede e entra com uma série de comandos. Não adianta eu tentar ler o que está aparecendo ali: sua cabeça está no caminho. Ela digita mais alguma coisa e então se vira para mim.

Não seja o pior, por favor, não seja o pior, tudo menos isso.

— Ele está fora de risco. Ainda vai demorar um pouco para terminarem os procedimentos.

Caio sentada na cama de novo, fecho os olhos e respiro fundo. Ele vai ficar bem. Quase não consigo acreditar. Já fomos parar em várias situações arriscadas juntos, quando estávamos com os piratas, mas esta foi a primeira vez que realmente *foi por pouco*. É diferente de quando ele ficou para trás, com o Corpo Militar. Mesmo que eu tenha pensado que ele estava morto, não vi isso acontecendo bem na minha frente, sem que eu pudesse fazer nada.

— Suelen?

Levanto a cabeça. A enfermeira está me encarando com uma expressão estranha. Acho que está preocupada. Balanço a cabeça.

— Estou bem.

Ela me encara e então assente, se virando para a porta. Um instante depois, o sensor mostra alguém parado do outro lado.

— Estão procurando você. — ela fala.

Respiro fundo mais uma vez e me levanto. Certo. Ithori está fora de risco e eu ainda tenho trabalho a fazer. De uma forma ou de outra, as terráqueas aqui são minha responsabilidade.

Abro a porta e dou de cara com Drek. O que ele está fazendo aqui? Pensei que já teria voltado para sua nave e ido embora no tempo que levou para eu acompanhar as terráqueas até os alojamentos separados para elas, explicar como os armários embutidos na parede eram abertos e então mostrar que os chuveiros não eram tão diferentes assim de qualquer coisa da Terra, antes de ir eu mesma tomar um banho.

E falando nas terráqueas...

— Obrigada pelo ataque. — falo. — Estávamos sem saber como criar alguma distração.

Ele sorri, mostrando dentes afiados. Depois de dois anos negociando com Pryinala dos dentes de tubarão, os de Drek nem parecem muito ameaçadores.

— Bom saber que vocês dois ainda reconhecem meus sinais.

Fecho a porta atrás de mim e acompanho Drek quando ele começa a andar. Não sei para onde estamos indo, mas não preciso estar em lugar nenhum, agora. E imagino que ele não veio atrás de mim à toa.

— Como soube quando atacar? Ou melhor, como você estava lá? — pergunto.

Isso que não faz o menor sentido para mim. O ataque começou quando já estávamos decididos a sair do complexo a qualquer custo, mas não entramos em contato com ninguém.

— Para sua sorte, a nave de Isla é nossa base móvel. Quando Ithori mandou seu pedido de reforços, foi direto para cá. E eu conheço você e vi o suficiente dos mercados de terráqueas para imaginar qual seria a situação no complexo. Isla queria esperar mais um dia antes de começarmos o ataque, mas eu tinha certeza que você não ia esperar.

Sorrio. Não posso nem tentar discutir com ele.

Continuamos andando, em silêncio, até um dos elevadores. Entro nele e percebo as barras metálicas nas paredes. Estranho em um elevador...

— Se segure. — Drek avisa.

Me segurar? Mas não sou idiota, obedeço. Entendo o motivo quando me desequilibro completamente. Este elevador não está numa trajetória vertical. Odeio isso.

Saímos em outro corredor e percebo duas linhas correndo ao longo das paredes, uma amarela e a outra lilás. Algum tipo de código de cores indicando setores e localizações dentro da nave? É o mais provável. Se passar muito tempo aqui, vou ter que aprendê-lo. E isso quer dizer que eu realmente estou pensando na possibilidade de continuar trabalhando com a força-tarefa.

— Para onde estamos indo? — pergunto.

— Uma das salas de entretenimento.

Paro e encaro Drek, colocando as mãos na cintura. Ele foi atrás de mim na enfermaria para me levar para uma sala de entretenimento?

Ele para alguns passos à frente e se vira.

— O que vocês estão aprontando?

Drek faz uma careta e passa a mão pelo rosto.

— Nós arrumamos duas sombras.

Balanço a cabeça e abro a boca para perguntar o que ele quer dizer, e então paro. Duas sombras, duas pessoas que não estão saindo de perto deles. E se Drek foi me buscar por causa dessas duas pessoas, só existe uma explicação.

Solto uma risada alta, sem me importar com como ele estreita os olhos, antes de voltar a andar.

— Pobres piratas, tendo problemas com duas terráqueas inofensivas...

Drek resmunga alguma coisa na sua língua que eu não entendo. Rio ainda mais alto e dou alguns tapinhas no seu ombro. Consigo até imaginar a cena: duas terráqueas curiosas – porque já tenho até uma boa ideia de quem são – no meio de uns tantos piratas, fazendo todas as perguntas que querem, enquanto eles ficam medindo palavras e tentando não fazer nada para assustá-las. Já vi isso antes e tenho a leve impressão de que continua sendo tão divertido quanto da última vez.

TRINTA

Estou sentada em um sofá, assistindo enquanto Drek tenta escapar das perguntas de Talita, quando uma das amazonas para na porta da sala de entretenimento. Esta é negra, com cabelos volumosos, e está usando uma blusa vermelho sangue e uma saia longa com padrões florais em cores vivas. A saia tem duas aberturas laterais e consigo ver suas pernas: terminadas em cascos e com uma articulação a mais. Isso explica algumas das histórias sobre as amazonas. A única pessoa que dá alguma indicação de que viu ela parada ali é Drek, que murmura alguma coisa para Talita e vai na sua direção no mesmo instante.

— Algo errado, Ena?

A mulher balança a cabeça.

— A capitã quer falar com Suelen.

Me levanto de forma automática. O que *Kradisla* pode querer comigo? Olho para Drek, que assente. Ele confia nela, então. E eu ainda não consigo entender como Drek concordou em trabalhar com a força-tarefa.

— Onde encontro a capitã? — pergunto.

— Venha comigo.

Ela não espera resposta e segue pelo corredor. De alguma forma, seus passos não fazem nenhum ruído, mesmo que esteja andando depressa. E estamos voltando para o mesmo elevador que peguei para chegar até aqui. Odeio elevadores de trajetórias curvas.

Saímos do elevador para outro corredor de paredes claras, mas as linhas no chão deste são verdes e vermelhas. A mulher para diante de uma porta, que se abre sozinha. Paro. Estou *realmente* vendo grama no chão? Não, só pode ser algum tipo de tapete imitando grama.

Me viro para a mulher, que indica a sala com um movimento de cabeça. Certo. Entro e escuto a porta se fechar atrás de mim. Vários bancos simples e sofás estão espalhados pela sala enorme, entre estantes que parecem imitações de troncos de árvores. É um efeito interessante, mesmo que seja um tanto estranho ver isso dentro de uma nave.

Paro. Tem uma cachoeira decorativa do lado direito da sala. O que isso está fazendo em uma nave? A água dela escoia de uma lagoa perfeitamente circular por um riacho que atravessa a sala. Abaixo a cabeça e esfrego um pé no chão. Isso não é um tapete. E as estantes que imitam árvores... Olho para cima. São árvores.

— Suelen.

Me viro em tempo de ver uma porta se fechar do outro lado da sala. Outra amazona está vindo na minha direção. *Kradisla*, obviamente. Não sei como, mas ela consegue ser ainda *mais* bonita que as duas amazonas que eu vi. Não é à toa que existem tantas histórias sobre elas espalhadas por aí. Ela tem o cabelo preto ondulado e está usando uma roupa parecida com a da outra amazona: top justíssimo e saia longa com duas aberturas.

— Capitã. — inclino a cabeça.

Kradisla gesticula na direção de um espaço onde duas cadeiras de madeira estão colocadas uma de frente para a outra. A acompanho e me sento.

— Pelo que entendi, nós te devemos um agradecimento. — ela começa.

Levanto as sobrancelhas e balanço a cabeça. Não mesmo. Se isso é por ter ajudado...

— Se não fossem seus contatos, não teríamos conseguido resgatar as mulheres nem pegar nenhuma informação. — Kradisla continua.

Paro, sem saber como responder, e ela sorri.

— Foi Drek quem nos deu certeza de que as “fontes alternativas” que Ithori mencionou seriam seus contatos. De acordo com eles, as informações vindas de Pryinala têm uma certa assinatura... Então sim, nós te devemos um agradecimento.

Balanço a cabeça de novo.

— Só deixem as mulheres decidirem o querem fazer daqui para a frente.

— Não precisa se preocupar com isso. Gabi vai garantir que quem quiser voltar para a Terra volte, mesmo que não seja possível apagar suas memórias. Agora, o que preciso saber é: vocês fizeram alguma coisa para explodir o complexo?

Como é?

— Bem que eu queria ter feito. Não tivemos tempo para nada quando Drek começou a atacar. Eu fui atrás das mulheres e Ithori foi tentar roubar alguma informação. Não sei como ele planejava fazer isso, mas não acho que teve tempo para fazer nada também.

Kradisla estende a mão para uma das estantes-árvores e pega um tablet fino. Ela toca algo na tela e então o vira para mim. Vejo o complexo científico. Parece que a imagem é de pouco depois que saímos de lá, porque as naves ao redor dela ainda estão dispersas, fora de formação.

— Eu não... — começo.

— Espere.

Continuo a encarar o tablet. Vejo um clarão amarelado em uma das pontas do complexo, então outro em uma das torres e então uma luz avermelhada no centro. O que foi isso? Com mais alguns clarões de luz – explosões – a nave gigantesca começa a se partir em vários pedaços.

Balanço a cabeça.

— Eu só atirei em um gerador de campo de força, não tem como ter causado este tipo de reação.

— Então temos que descobrir quem fez isso e como. Vou esperar Ithori estar de pé, para ter certeza de que ele não fez alguma coisa...

— Não fiz.

Faço um esforço para me virar com calma. Não preciso parecer uma louca histérica desesperada, mesmo que minha vontade seja correr e pular em Ithori, que está vindo na nossa direção. *Ele está bem.*

— Me falaram que alguém explodiu o complexo, foi isso? — ele pergunta, parando atrás da minha cadeira e colocando as mãos nos meus ombros.

Kradisla assente.

— Não sobrou nada. Mande uma equipe averiguar os destroços. Foram eficientes.

— Acha que pode ter sido algum dos responsáveis pelas pesquisas? Destruir uma instalação comprometida para que ninguém pudesse conseguir informações... — Ithori sugere.

— É uma possibilidade.

Mas não é a única. Faço uma careta. Acho que sei o que aconteceu.

— Dravos.

— Como? — Kradisla me encara.

— Usei o nome de Dravos para conseguir entrar no complexo. Com permissão. — acrescento depressa. — É bem possível que ele estivesse monitorando a situação e tenha destruído o complexo depois que saímos, para esconder o fato de que ele estava envolvido, mesmo que de forma indireta.

Kradisla fecha os olhos e respira fundo.

— Isso é algo que ele faria. Certo, vou deixar meu pessoal avisado desta possibilidade. Espero que seja algo simples, como um dos responsáveis escondendo informações ou Dravos mantendo seu nome limpo.

— Assim que a situação das terráqueas se resolver, posso ir em Nassi e tentar conseguir informações, se ainda não soubermos nada. — ofereço.

Ela me encara e sorri. Uau. Se eu me interessasse por mulheres...

— Então decidiu aceitar a proposta de trabalhar com a força-tarefa?

Respiro fundo e assinto. Preciso fazer isso, senão quem vai garantir que Ithori não vai bancar o herói?

Ele aperta meu ombro e inclino a cabeça para trás, me apoiando no seu peito.

— Conversaremos mais sobre sua ida em Nassi quando isto estiver terminado, então. — Kradisla assente. — Ithori, conseguiu alguma informação?

— Consegui alguma coisa, mas os dados estão encriptados. Kernos passou pela enfermaria e já os levou para Gabi.

— Então não preciso me preocupar com isso.

Ela encara o tablet mais uma vez antes de o colocar de volta na “estante” onde estava.

— Tati deu ordens para deixarmos as mulheres descansarem antes de qualquer tipo de explicação. A menos que algum imprevisto aconteça, vão se reunir na cantina amanhã, para explicar as opções para as terráqueas. — ela conta.

Não sei quem é Tati, mas ela fez o mesmo que eu faria. As mulheres precisam de ao menos uma noite de sono decente antes de pensarem no que vão fazer.

— Imagino que vão dividir uma cabine? — Kradisla pergunta.

Ithori aperta meu ombro e eu assinto.

— Certo. Qualquer coisa que precisarem, Ithori, você sabe como chamar meu pessoal.

— Sem problemas

Ela assente e está claro que estamos sendo dispensados.

Não falo nada enquanto saímos da sala. Não sei o que falar e tenho medo de simplesmente explodir. Ou desabar. Não faço ideia do que vai acontecer, nem do que estou sentindo. Mas sei que minha reação quando vi Ithori ferido, realmente correndo risco de vida, já deixou mais que claro que qualquer coisa que eu sentisse por ele está longe de ter morrido. Na verdade, é bem o contrário.

A porta se fecha atrás de nós e me viro para Ithori, puxando a regata que ele está usando para cima. Ele não fala nada, apenas fica parado no lugar enquanto passo os dedos pelo seu abdome. Desta vez não sobrou nenhuma marca do ferimento. Faço ele se virar e levanto a regata de novo, passando os dedos pelas suas costas. Nada. É como se nada tivesse acontecido. Mesmo assim, eu nunca vou me esquecer dessa sensação, de ver ele ferido e sangrando e não poder fazer nada.

— Suelen... — ele começa.

Respiro fundo e balanço a cabeça, soltando sua regata. Ithori se vira e me encara.

— Precisamos conversar. — falo.

TRINTA E UM

Ithori não fala nada enquanto me leva até outro elevador e então por outros corredores. Quando ele para na frente de uma das várias portas, reparo que as linhas no chão do corredor são azuis. Tenho certeza que isso é algum tipo de código, uma sinalização sobre os setores da nave ou algo assim, mas não consigo fazer as cores que vi fazerem sentido. Ithori coloca a mão no sensor ao lado da porta e ela se abre com um ruído sibilante.

A cabine não é diferente do que eu esperava. Uma cama mais larga que o padrão em naves, uma mesa e algumas cadeiras, todas altas demais, o que me faz pensar que foram feitas para as Amazonas, e as manchas nas paredes que abrem portas e armários escondidos. Mesmo que essa nave seja um dos modelos grandes, é arriscado demais ter enfeites, quadros ou qualquer outro tipo de coisa espalhados. Nunca se sabe o que pode acontecer e o que pode acabar saindo voando em alguma manobra brusca e se tornar potencialmente letal. Dramático, mas é a verdade. Ou seja: mesmo as cabines que são de uma única pessoa não costumam ter toques pessoais.

Paro no meio da cabine e olho ao redor de novo, sem saber como começar. Escuto a porta se fechar atrás de mim um instante antes de Ithori passar os braços ao redor da minha cintura. Ele me aperta contra seu corpo e abaixa a cabeça, até que sinto sua respiração ao lado da minha orelha. Mas ele não fala nada, apenas continua ali, me segurando.

Coloco as mãos sobre as dele e aperto. Consigo sentir sua tensão, a forma como ele está se esforçando para ficar parado e não fazer nada, quase como se estivesse se sentindo como eu: que qualquer movimento faria com que explodisse.

O que ele falou no complexo não saiu da minha cabeça. Acho que nunca vai sair, na verdade. Apesar de tudo o que aconteceu, de tudo o que ele fez, ele estava tentando me proteger e estar comigo. Tudo o que deu errado, todos os desencontros, toda a raiva, tudo por causa disso. Disso e de como nenhum de nós nunca viu sob as máscaras do outro. Sendo bem honesta, não posso colocar a culpa nele por nunca ter vindo atrás de mim, quando eu também nunca fiz nada. Fiquei o tempo todo esperando que ele agisse, que ele viesse me encontrar. Depois que fugi do complexo Dyraiv, o que me impediu de ir atrás dele? Se tivesse rastreado Ithori dois anos atrás, mesmo que apenas para falar umas poucas e boas e talvez tentar me vingar — que era o que estava na minha mente na época — muita coisa teria sido diferente.

Nós dois fomos idiotas. E eu não vou deixar ele escapar de novo.

Sorrio. Acho que tenho minha resposta.

— Eu preciso fazer um estoque de escudos portáteis. — falo. — Vamos ter que ir em Nassi mesmo que Kradisla descubra o que aconteceu no complexo.

Ithori me solta e me viro para encará-lo.

— *Vamos?* — ele pergunta.

Assinto.

— Se você insiste em bancar o herói e correr na frente dos tiros, vou precisar de um estoque de bloqueadores para garantir que o que aconteceu dessa vez não se repita.

— Você... — Ithori começa e para.

Passo as mãos ao redor da sua cintura, por baixo da sua regata. Preciso senti-lo contra mim. *Preciso.*

— Nós trabalhamos juntos por muito tempo. Eu entendo o tipo de operação que a força-tarefa vai precisar que faça e consigo imaginar o tipo de missões nas quais pode ser enviado pelo Corpo Militar. Eu sei muito bem disso. — engulo em seco e balanço a cabeça antes de esconder o rosto no seu peito. — Mas não quero sentir isso nunca mais na minha vida. Nunca senti tanto medo, tanto... Nunca mais, Ithori.

Ele passa os braços ao meu redor e me aperta. Sinto meus olhos arderem, mas não tenho motivos para chorar. Não mais. Ithori está aqui, está vivo e bem e...

Respiro fundo e me afasto um pouco, sem soltá-lo, apenas o suficiente para encontrar seu olhar.

— Você é meu, Ithori.. Meu. Então se vai bancar o herói, vai bancar o herói com um estoque de escudos portáteis.

Ele assente lentamente, de forma solene, antes de me puxar para junto de si de uma vez. Eu estava esperando um beijo forte, quase violento, mas não. Quando nossos lábios se encontram, é de forma lenta, quase hesitante. Como se fosse a primeira vez. E, de certa forma, é. É o nosso primeiro beijo como companheiros – porque é isso que as palavras dele para mim queriam dizer. Passo os braços ao redor do seu pescoço, provando seus lábios, apertando nossos corpos juntos. Ele tem gosto de *Ithori*, gosto de meu.

Passo a língua pelos seus lábios e ele abre a boca, aprofundando o beijo. Suas mãos estão na minha cintura, me apertando de leve, no mesmo ritmo das nossas línguas se entrelaçando. Sinto seu calor me envolvendo enquanto o beijo continua e continua, até que me afasto, arfando. O olhar de Ithori está fixo em mim, e mal tenho tempo de respirar fundo antes de ser puxada para mais um beijo. Um arrepio me atravessa quando Ithori morde meu lábio inferior. Agarro seu cabelo e puxo, fazendo com que ele levante a cabeça. Seus olhos brilham e ele sorri antes de tentar abaixar a cabeça. Enrolo seu cabelo na minha mão e puxo com mais força ainda, antes de me aproximar e morder seu lábio inferior, puxando um pouco.

— Senti minha falta? — repito a pergunta que ele fez para mim alguns dias atrás.

— Muito. Mais do que pensei que fosse possível sentir.

Dou uma mordida no seu queixo antes de inclinar a cabeça e descer uma trilha de beijos e mordidas pelo seu pescoço. Ithori aperta minha cintura com força e enfia as mãos debaixo da minha blusa, puxando de qualquer jeito. Paro e o encaro, estreitando os olhos.

— Se você rasgar minha blusa, vou roubar uma das suas.

Ele sorri, aquele sorriso lento que começa na sua boca e ilumina todo o seu rosto antes de chegar nos seus olhos, fazendo mil promessas sem dizer uma palavra.

— Não vou achar ruim.

Puxo seu cabelo com força, o obrigando a levantar a cabeça, e ele ri. Me afasto quando ele puxa minha blusa de novo, levantando os braços antes que ele *realmente* rasgue minhas roupas. Sua regata cai no chão logo em seguida, e estico o braço para soltar seu cabelo, que está preso no rabo de cavalo de sempre. Pode não ser tão bom para segurar, mas ver o cabelo de Ithori solto tem todo um significado e traz uma coleção de memórias: a primeira vez que o vi, a primeira vez que fizemos sexo, que começou com ele me deixando pentear seu cabelo, todas as vezes que éramos só nós dois, sem nenhuma preocupação...

— Senti sua falta. — murmuro. — O tempo todo, mesmo quando estava com tanta raiva que queria te matar.

Ithori desce o olhar pelo meu corpo, me encarando de forma faminta. Fico onde estou, resistindo à vontade de correr as mãos por todo o seu corpo e de fazer com que ele me toque, em vez de apenas olhar. Meu corpo queima só com o seu olhar, e sei que o que vai vir depois é ainda melhor. Sempre é, com ele.

Ithori dá um passo atrás, ainda com aquele olhar intenso.

— Eu tenho uma coisa para você.

Ele se afasta na direção de uma das paredes antes de eu conseguir entender o que falou, e então está abrindo um dos armários escondidos e pegando algo lá dentro. O que quer que seja, é pequeno e cabe na sua mão fechada. Tenho certeza que não é um anel – Ithori sabe que não gosto de nada nos meus dedos, fico incomodada. Encaro suas costas enquanto ele fecha o armário, o tempo todo com uma sensação estranha no peito. É uma sensação estranha, é nova, mas é boa, de alguma forma. Não sei o que esperar.

Ithori para na minha frente, puxa meu braço e coloca minha mão aberta sob a sua. Ele abre a mão e fica por um instante no mesmo lugar. Parece que estou segurando uma corrente fina... Engulo em seco. Ithori solta minha mão e olho para baixo. Estou segurando uma pulseira. Uma corrente simples com um pingente em formato de chave.

— Você... — começo, mas não consigo falar mais nada.

Eu tinha uma pulseira idêntica a essa, presente da minha mãe quando me mudei de cidade para estudar. Ela morreu poucos anos depois, e eu nunca tirava a pulseira para nada. Ainda estava com ela quando fui abduzida, mas ela se quebrou alguns meses antes de irmos parar no bando de Drek.

E agora Ithori tinha me arrumado uma pulseira idêntica à última coisa da Terra que eu tinha mantido comigo... É alguma surpresa que eu nunca tenha conseguido tirar ele da cabeça?

Prendo a pulseira no meu braço. Não vou tirá-la tão cedo. Nunca, se possível.

Levanto a cabeça. Ithori continua me encarando, com a expressão neutra que ele usa quando não quer deixar ninguém ver o quanto algo é importante para ele.

— Eu te amo. — as palavras saem quase que por vontade própria. — Sei que não é costume usar estas palavras no Acordo, mas...

É o que eu tenho para dizer, da mesma forma que ele me disse que eu era a mulher para ele, a pessoa com que ele dividiria sua vida.

Ithori se move tão depressa que mal consigo acompanhar. Quando dou por mim, estou sendo carregada, colocada na cama, e minha calça já está sendo jogada no chão. Me ajoelho no colchão, encarando Ithori enquanto ele tira suas botas e sua calça.

E, simples assim, eu estou queimando. Ele é meu. O mesmo homem que sempre faz todos os olhares o acompanharem por onde passa, que eu sempre pensei que seria apenas uma “fase” na minha vida, porque eu nunca o teria de verdade. Mas eu sempre tive, desde o começo, e continuo sem entender como isto é possível.

Ithori se aproxima da cama e meu olhar para no seu pau duro. Ele está mais que pronto. Está quase implorando para ser chupado, mas não agora, quando estou me sentindo queimar e preciso dele dentro de mim.

— Você estava ferido. Não deveria fazer esforço. — falo, rouca, e o puxo para a cama.

— E o que eu deveria fazer? — ele pergunta, se esticando na cama e colocando as mãos atrás da cabeça.

Sorrio enquanto me posiciono sobre seu quadril. Não vou deixar ele ficar parado.

— Por enquanto, pode massagear meus seios.

Não espero sua resposta e me sento nele. A sensação do seu pau duro entrando em mim é única, especialmente nessa posição. Não é aquela sensação desconfortável de um pau muito grande ou muito grosso, é simplesmente um encaixe perfeito. Sinto cada centímetro dele enquanto me levanto e desço de novo, apoiando as mãos no seu ombro. Perfeição. Mordo o lábio, contendo um gemido, ao mesmo tempo em que escuto o gemido abafado de Ithori. Nossos olhares se encontram enquanto continuo a me mover, subindo e descendo. Quero que isto dure, mas ao mesmo tempo não quero. Todo o meu corpo parece sensível, cada toque de Ithori parece espalhar faíscas pela minha pele, e a sensação de ter seu pau dentro de mim...

Me acomodo melhor sobre Ithori, sem perder meu ritmo, e me endireito. As mãos dele vão para o meu quadril, me mantendo no lugar. Perfeito. O olhar de Ithori está travado no ponto onde nossos corpos se unem no nosso movimento, e consigo sentir a tensão dos seus músculos sob os meus. Me inclino um pouco para trás, me apoiando nas suas pernas, e desço uma mão pelo meu corpo, devagar, sentindo seu olhar me acompanhando. Gemo alto quando toco meu clitóris e Ithori levanta o quadril de uma vez, indo ainda mais fundo. Puta merda. Isso. Isso.

Me perco completamente na sensação dele em mim, dos seus músculos se contraindo sob mim. Da intensidade do seu olhar, enquanto ele encara meus dedos se movendo no meu clitóris e então levanta os olhos, me encarando. Se existe algum paraíso, o meu deve ser assim.

TRINTA E DOIS

— Tem alguém vivo aí?

Resmungo quando escuto a voz vindo da porta. Tenho a impressão de que não dormi nem uma hora e não quero me levantar. Ithori aperta o braço ao redor da minha cintura, me puxando para mais perto. Acho que não sou a única que não quer sair daqui.

— Não! — ele responde.

Abafo uma risada no travesseiro. Não reconheço a voz que chamou, só percebi que é uma mulher e que se está usando um vocalizador, é da melhor qualidade.

— Ah, que ótimo, porque não é com você que eu quero falar mesmo. — a mulher responde. — Suelen, se você estiver acordada, acho que vai querer acompanhar a situação das mulheres, não vai? Vamos falar com elas em quinze minutos.

É um bom motivo para me levantar. Quero saber o que vai acontecer com elas, depois disso tudo. Ithori suspira e me solta.

— Vamos estar lá.

Estreito os olhos e encaro o painel ao lado da porta. A pequena tela acima do sensor me mostra que dormimos cerca de quatro horas, mas parece ter sido bem menos. Não que eu me arrependa. Posso não ter descansado, mas foram horas muito bem aproveitadas.

— Quem era? — pergunto, me levantando.

Ithori aponta para uma das manchas na parede.

— Tatiana. Ela supervisiona o deslocamento das mulheres terráqueas que conseguimos resgatar e a situação das terráqueas que escolheram ficar no Acordo. E é a companheira e noiva de Darius.

Não me surpreendo quando aperto a mancha que ele indicou e um guarda-roupas se abre na minha frente. Mas me surpreendo quando vejo as roupas que deixei na base da força-tarefa ali. Me viro para Ithori, aponto para as roupas, e ele dá de ombros, abrindo um armário e pegando suas roupas.

E só então presto atenção no que ele falou. Nada mais justo que uma terráquea — porque uma “Tatiana” obviamente é terráquea, e provavelmente é a “Tati” que Kradisla mencionou ontem — supervisionar as mulheres terráqueas no Acordo. Mas...

— Darius la’Dyraiv?

Ele assente.

Certo. Os dois irmãos Dyraiv têm companheiras terráqueas? Por essa eu não esperava.

— Espera... — paro com uma blusa na mão e me viro de volta para Ithori. — O Darius que você mencionou várias vezes quando estávamos com os piratas, que vocês foram criados juntos e tudo mais, é *Darius la’Dyraiv*?

— Sim.

Balanço a cabeça, me virando para pegar uma calça.

— E você fala dos *meus* contatos.

Ithori ri.

— Eles chegaram aqui pouco depois da nave de Drek. Gabi e Tati sempre vêm conversar pessoalmente com qualquer terráquea que encontramos, e desta vez eles vieram juntos por causa das informações que já tínhamos e da situação com o complexo. Não sei se vão aparecer nessa

explicação para as mulheres terráqueas, para evitar assustá-las, mas...

— Ithori, elas estavam na nave de Drek. Acho que a essa altura eles não vão assustá-las mais.

Se bem que Kernos re'Dyraiv tem uma aparência que só consigo chamar de demoníaca. Culpa da pele vermelha com linhas pretas. E acho que esses dois anos também serviram para me fazer perder qualquer medo da aparência dos aliens. Me lembro bem de como só queria distância dele quando o vi antes, quando estava em um dos mercados de mulheres e ele apareceu querendo comprar uma de nós. Gabriela, que agora é sua companheira. Quem diria. Mas depois de dois anos em Nassi, pele vermelha e olhos amarelos não me assustam mais.

Em menos de cinco minutos, estamos a caminho. Só quando já estamos entrando no elevador e já estou quase perguntando como Ithori sabe para onde ir quando me lembro que Kradisla falou que iam se reunir na cantina. Que bom que ele tem memória melhor que a minha.

Atravessamos os corredores depressa, e se eu tivesse alguma dúvida de para onde estávamos indo o cheiro de comida acabaria com elas. Faz todo sentido terem decidido reunir as mulheres aqui. Uma cantina é um ambiente informal e com capacidade para muitas pessoas. Melhor que qualquer tipo de sala de reuniões. É mais fácil fazer com que relaxem e ainda tem aquele detalhe importante: comida. Comida pode não resolver qualquer problema, mas certamente ajuda a ignorá-los.

E, aliás, eu estou com fome.

— Eu estou sentindo cheiro de pizza?

— De acordo com Gabi, não são as melhores pizzas, porque as congeladas nunca são muito boas, mas é complicado demais trazer todos os ingredientes da Terra...

Ele para de falar e ri. Deve ter visto minha expressão. Não me interessa se são pizzas congeladas ou não. É pizza, depois de quase seis anos sem nem sentir esse cheiro. Seis anos. Nada contra a comida do Acordo, mas algumas coisas fazem *muita* falta.

A cantina é o normal para uma nave deste tamanho: um salão enorme, com mesas compridas na parte central e mesas menores, para seis, quatro ou duas pessoas, perto das paredes. O centro do salão é um buffet comprido, dividido em várias sessões. Pelo que vi, eles têm uma tripulação de várias espécies, então as divisões servem para separar o que é específico para cada espécie. Agora, eles estão servindo para separar os sabores de pizza.

Vejo de relance que algumas pessoas estão sentadas nas mesas, mas não presto atenção nelas. São seis anos sem nem ver uma pizza. Vou direto para o buffet, pego um prato e coloco três fatias de pizza nele antes de procurar onde os talheres estão. Frango com catupiry, calabresa e presunto e queijo. Estou no paraíso.

Ithori indica a ponta de uma das mesas compridas. Duas mulheres já estão sentadas lá, e tenho certeza que são Gabriela e Tatiana. Uma delas tem cabelo cacheado e está usando uma camiseta do Batman. Gabriela. Não prestei muita atenção nela quando foi jogada na mesma cela que eu, mas ela me é familiar. A outra mulher tem cabelo comprido e escuro e está usando uma blusa azul com um círculo vermelho e branco com uma estrela no centro que eu acho que é de um super-herói também, mas não me lembro quem. Elas levantam a cabeça assim que nos aproximamos e Gabriela estreita os olhos.

— Você.

Não tinha certeza de que ela fosse me reconhecer.

— Eu.

Ela olha de mim para Ithori e então balança a cabeça.

— Por que será que tenho a impressão que a nave onde estávamos não foi atacada por piratas por coincidência? — ela pergunta.

Sorrio e não respondo. Ithori se vira para mim e dou de ombros.

— Como acha que conseguimos as informações que você me pediu para roubar?

Era uma operação simples: Drek me vendia para um dos comerciantes de terráqueas, que me repassava para um dos mercados, e então eles usavam os localizadores temporários implantados no meu corpo para rastrear o mercado e atacá-lo. Os piratas lucravam e as mulheres que encontrávamos pelo menos tinham mais chances de sobreviver entre os piratas e mercenários com quem negociávamos do que nos mercados.

Ignoro os olhares dos três e me concentro nas minhas fatias de pizza. Já estou com o primeiro pedaço na boca quando me lembro que podia ao menos ter fingido ter um pouco de educação e me apresentado direito. Mas isso pode esperar até eu terminar ao menos uma fatia.

— Como é que você aguenta ela? — Gabi pergunta.

Nossa, eu nem sou uma pessoa tão complicada assim. Mas acho que ela tem direito de resmungar. Eu estava de mal humor no dia que ela foi parar na cela comigo.

Ithori passa a mão pelas minhas costas.

— Do mesmo jeito que ela me aguenta.

Gabi ri e eles começam a conversar em voz baixa. Não estão me deixando de fora, mas estou mais interessada na pizza do que nos detalhes sobre o projeto de lei que está correndo no Conselho do Acordo, para proteger a Terra e outros planetas que ainda não atingiram desenvolvimento tecnológico o suficiente para ser parte do Acordo. É uma ótima ideia, realmente precisamos disso, mas essa parte burocrática não é comigo. Se precisarem roubar mais informações de algum lugar, ou espionar alguém que está se opondo ao projeto, isso eu posso fazer.

Alguns tempos depois, escuto vozes familiares se aproximando. Os piratas. Pensei que eles não viriam, já que dificilmente vão ter algo a ver com o que vai acontecer com as mulheres. Levanto a cabeça e olho ao redor. Acho que a maioria das terráqueas já estão aqui, pela quantidade de pessoas sentadas nas mesas, sentadas em pequenos grupos e comendo ou fingindo comer. É até difícil reconhecer seus rostos agora que tomaram um banho, mas parecem mais tranquilas. Acho que as horas de sono fizeram bem.

Kradisla e a mulher que me buscou na sala de entretenimento — acho que seu nome é Ena — estão sentadas no fundo da cantina, perto de uma das portas. Mais algumas pessoas da tripulação estão espalhadas nas mesas mais afastadas de onde as terráqueas estão, conversando entre si em voz baixa.

Os piratas entram por uma das portas laterais: Drek, Dsara, Gheri e Kren. E Talita continua com eles. Levanto as sobrancelhas quando Drek olha para mim com uma expressão exasperada. Pelo visto ela é uma que não vai querer voltar para a Terra.

Sorrio e dou de ombros. Boa sorte para ele.

Me viro de volta para as duas mulheres na ponta da mesa, que continuam conversando em voz baixa com Ithori. Tenho a impressão de que se eu esperar o assunto terminar, eles vão ficar conversando até amanhã.

— Então, Gabriela e Tatiana, certo? — interrompo.

— Gabi.

— Tati.

Levanto as sobrancelhas quando as duas me corrigem quase ao mesmo tempo.

— E você é Suelen, a sortuda. — Tati continua antes de eu conseguir falar qualquer coisa.

— Sortuda?

Ela assente.

— Pegou justamente o alien que sabe chupar bem. E como sabe.

Com o canto dos olhos, vejo Ithori colocar a mão na testa e abaixar a cabeça. Tinha me esquecido de como ele odeia falar sobre certos assuntos em público. E não preciso perguntar para ter certeza de que ele e Tati transaram... Estreito os olhos. Tati é companheira de Darius. E me lembro de Ithori comentando que tinha dividido mulheres com um amigo chamado Darius.

Admito que se não fosse aquela fala de Ithori sobre eu ser a mulher para ele, estaria com ciúmes. E Ithori não me deve satisfação do que fez quando não estávamos juntos. Não importa com quem ele já transou ou o que ele fez. Sei que agora ele é totalmente meu, e isso é o que importa.

Me inclino para frente na mesa, na direção das duas.

— Te contar um segredo. — falo, sem me preocupar em abaixar a voz. — Quem você acha que treinou ele?

Ithori grunhe alguma coisa baixo demais para eu entender. Rio, me endireitando. Isso é quase como os velhos tempos.

Tati sorri.

— Fez um ótimo trabalho.

Gabi balança a cabeça e olha ao redor.

— Acho que estão todos aqui.

Olho ao redor de novo. Mais algumas pessoas estão nas mesas ao nosso redor e agora tenho certeza de que todas as terráqueas estão aqui. Os piratas estão encostados na parede, perto de onde Kradisa está, conversando com um homem de pele azul. Darius. Me lembro muito bem dele.

Gabi sobe no banco, segurando um microfone pequeno. Esperta. Eu teria gritado.

— Podem prestar atenção em mim aqui, por favor?

Sorrio enquanto ela começa a explicar o que vai acontecer daqui para a frente. As mulheres têm algumas opções: continuar no Acordo, seja na força-tarefa ou em outro lugar de escolha delas, ou voltar para a Terra, seja para trabalhar na APLA, a agência terráquea que mantém um tipo de parceria com o Acordo, seja para voltarem às vidas que tinham antes. Entre Gabi e Tati, não demora muito para as mulheres relaxarem de verdade e vejo quando elas começam a perceber que realmente podem voltar para casa.

Nós conseguimos. Ainda não é tudo. Não conseguimos parar de vez as abduções e os experimentos, mas agora isto não importa. Regatamos mais de trinta mulheres, um complexo científico foi destruído, e agora elas podem seguir com as vidas delas.

Ithori passa um braço ao redor da minha cintura. Me viro para ele, que está me encarando.

— Não tem vontade de voltar para casa?

Apoio a cabeça no seu ombro.

— Estou em casa.

TRINTA E TRÊS

A maioria das mulheres escolheu voltar para a Terra. Não que isso me surpreenda. Se alguém tivesse me dado esta opção alguns anos atrás, eu também teria voltado. Mas agora já estou confortável demais no Acordo. Algumas delas pediram para trabalhar com a APLA e Gabi prometeu passar seus nomes para a direção da agência. Eu pensava que a APLA fosse algo pequeno, mas pela forma como ela falou, a agência é maior que eu esperava e tem uma estrutura muito além do que eu teria imaginado possível. Umas poucas mulheres preferiram ficar no Acordo. Quando Talita perguntou se Drek não tinha espaço para mais uma no seu bando, eu nem me surpreendi. E ela não foi a única. Uma mulher de rosto redondo e cabelo castanho comprido, que eu acho que tem um nome começando com “S”, também pediu para ficar com os piratas. Para minha surpresa, Marina, a que tomou um tiro quando estávamos saindo do complexo, também preferiu ficar. Além delas, mais umas três mulheres decidiram continuar aqui.

Eu vi as naves que as levariam de volta para a Terra saírem da nave de Kradisla e Gabi me explicou todo o processo enquanto Tati conversava com as mulheres que decidiram ficar. A equipe médica de Kradisla retirou todos os implantes que as terráqueas tinham recebido, as que estavam aqui há menos tempo e não queriam trabalhar com a APLA tiveram suas memórias apagadas. Ao mesmo tempo, ela já estava coordenando com a agência para criar histórias explicando o desaparecimento de todas as mulheres e seu reaparecimento milagroso. Não quero nem pensar no trabalho que isso vai dar, mas a louca parece estar se divertindo com isso tudo.

Agora estou sentada em uma sala relativamente pequena, com dois sofás escuros de três lugares, uma mesinha de centro e um monitor gigante pregado na parede. Tem um refrigerador embutido em outra das paredes, e quase dei um grito quando o abri e vi umas tantas garrafas de Coca-Cola. Seis anos sem beber isso. O Acordo até tem alguns produtos bem parecidos com café, mas nada que se aproxime de Coca-Cola.

Levanto a cabeça quando escuto a porta se abrir. Estava esperando Ithori, mas é Tati quem entra. Levanto as sobrancelhas. Pensei que ela ainda fosse estar ocupada com as mulheres que escolheram ficar no Acordo. Acho que vi uma delas até falando que queria ficar nesta nave, na verdade.

Tati fecha a porta atrás de si e sorri. Por que tenho a impressão de que isso não é boa coisa?

— Ótimo, queria falar com você sem Ithori por perto, para garantir.

Isso definitivamente não é boa coisa.

— Não precisa fazer essa cara. É só uma curiosidade sobre os piratas e acho que você vai saber a resposta. Gamora nunca me responde.

Coloco minha garrafa de Coca-Cola na mesa e cruzo os braços. O que ela pode estar querendo saber sobre os piratas que alguém não está respondendo? E, aliás, não me lembro desse nome que ela mencionou.

— Gamora?

— É, Gamora. — ela abre os braços, como se fosse óbvio. Levanto uma sobrancelha. — Dsara. Acho que é isso. Nunca sei falar o nome dela direito. Ela parece a Gamora de Guardiões da Galáxia.

Certo, esse nome não me é estranho. Mas pelo menos agora sei de quem ela está falando. Será que essa tal de Gamora é o motivo para Dsara ter pintado o cabelo?

— Vai me falar que não conhece Guardiões da Galáxia? Aaah, vamos fazer sessão de cinema depois, não é possível...

Tento imaginar Darius la'Dyraiv com ela. Não sei muito sobre ele, apenas o que consegui descobrir enquanto ele me levava para o complexo Dyraiv e me pedia todas as informações que eu tinha sobre Te'vi Arcen. Mesmo assim, não consigo imaginar os dois juntos. Ele é todo sério e fechado, e ela... Pensando bem, acho que consigo imaginar os dois juntos sim. Como é aquela coisa de opostos se atraírem mesmo?

— O que é que você queria me perguntar? — interrompo antes que ela se levante e arraste Gabi para assistir o tal filme agora. É um tanto quanto óbvio que não vou conhecê-lo: faz seis anos que estou no Acordo.

Tati para de falar na hora e sorri. Eu vou me arrepender disso.

— A coisa de não encaixar é verdade? — ela pergunta.

Não encaixar?

— De que você está falando?

Ela suspira.

— Uma vez Darius falou que eu podia até olhar para Drek e os piratas, mas que as coisas não encaixam, então ia só olhar. É verdade?

Ela está querendo dizer o que eu estou pensando? Respiro fundo e passo a mão pelo rosto. Tati me encara. Ela está querendo dizer o que eu estou pensando.

— É verdade.

— Mas... — ela mexe as mãos, apontando para um lado e para o outro.

Qual a dificuldade? São ETs. Existe alguma regra de que todas as espécies têm que ter o mesmo tipo de sistema reprodutor?

— Tá, mas como? — Tati pergunta.

— Aliens.

— Sim, mas eles têm características humanoides. Pelo que eu sei, as espécies que têm base humanoide mantêm o mesmo tipo de sistema reprodutor. — ela insiste.

Certo, pelo menos ela não veio com um “mas eu achei que tudo era assim”. E o comentário dela até faz sentido.

— Neste caso, eles têm algumas características humanoides, mas não são considerados uma das espécies de base humana. São de base mista.

Pego minha garrafa de Coca-Cola e tomo um gole enquanto Tati pensa. Já tenho certeza de qual vai ser a próxima pergunta dela e eu não vou responder, senão isso vai virar um interrogatório. Tive trabalho demais para descobrir tudo isso, não vou entregar assim.

— E qual é a outra base? — ela pergunta.

Sabia.

— Boa sorte tentando adivinhar.

Ela estreita os olhos.

— Você viveu com eles por anos, não custa nada...

A porta se abre e ela para de falar no mesmo instante. Kradisla entra, acompanhada por Ithori, e Kernos e Darius vêm logo atrás deles. Vendo os dois juntos, não tem como ter dúvidas de que são irmãos: eles têm a mesma constituição física de paredes de músculo e até mesmo seus

rostos são bastante parecidos, se eu não levar em conta que Darius tem a pele azul e Kernos tem a pele vermelha atravessada por linhas pretas. E cabelo comprido. Como eles conseguem continuar de cabelo comprido sendo do Corpo Militar? Eu cortei meu cabelo na altura do ombro na primeira oportunidade que tive, porque ele sempre me atrapalha.

— Por que todo mundo resolveu vir parar aqui? — Tati pergunta.

— Era mais fácil. — Darius responde.

Kernos vai direto para o refrigerador e pega uma garrafa de Coca-Cola antes de se encostar na parede. Ithori se senta ao meu lado, Darius ao lado de Tati, e Kradisla nos encara, estreitando os olhos.

— Onde está Gabi?

— Na enfermaria. — Kernos responde. — Mais um dos exames de rotina.

— Exames? — Ithori pergunta, se virando para ele.

Kernos assente, sério.

— Ela decidiu que queria saber se é possível ter filhos híbridos.

E, levando em conta que é a companheira do Alto Comandante do Corpo Militar, não precisa descobrir isso e as possíveis consequências na base da tentativa e erro. Ela colocou a equipe médica de Kradisla para estudar a possibilidade. Esperta.

Ithori sorri e aperta minha cintura, ainda encarando Kernos. Acho que esse comentário lhe deu ideias. E, por incrível que pareça, a possibilidade de ter filhos com Ithori é bem interessante. Não agora, claro. Tenho uma ótima ideia do que nós dois vamos fazer na força-tarefa, e isto não é lugar para uma gravidez ou para uma criança. Mas, depois? Por que não?

— Podemos começar e você a mantém informada? — Kradisla pergunta, encarando Kernos.

— Já estou fazendo isso.

Levanto as sobancelhas. Então eles não são apenas companheiros. Eles são compatíveis e desenvolveram algum tipo de comunicação mental. É a única explicação para como ele pode estar mantendo Gabi informada enquanto ela está na enfermaria.

— Excelente. — Kradisla liga o monitor e se vira para mim. — Recebemos uma mensagem em uma das frequências de comunicação menos conhecidas. Ela está extremamente encriptada, de uma forma que meus técnicos nunca viram antes. A única coisa que conseguimos ler foi isso.

O monitor pisca e meu nome aparece na tela, seguido por uma data.

— Pryinala. — falo.

E só existe um motivo para ela estar *me enviando* uma mensagem.

— Imaginei, por isso estou trazendo direto para você. Tem o código para abrir a mensagem?

Trouxe direto para mim e reuni todos que vão precisar saber das informações que estão na mensagem. Aliás, é interessante como é Kradisla quem está tomando a frente. Mesmo que estejamos na nave dela, pensei que Kernos fosse estar no comando da força-tarefa, ou pelo menos ser a pessoa no comando quando Gabi não estivesse presente, já que foi ela que criou isto tudo. Mas, pelo visto, Kradisla tem uma posição acima da dele, pelo menos na força tarefa. Muito interessante.

Encaro a data de novo. São quatro números: dia, mês, estação e ano. Contagem arvali? É um formato de data pouquíssimo usado, mesmo entre os arval.

— Preciso pensar um pouco. É um enigma, por assim dizer. Mas Pryinala não enviaria uma

mensagem com um código que não consigo descobrir. — aviso.

Kradisla assente.

— Isso é uma data? Com quatro números? — Tati pergunta.

— Notação arvali antiga. — Ithori fala. Ótimo, ele explica, eu tento entender o que Pryinala quer dizer. — Os arval dividiam os anos em cinco “estações”, definidas pela rotação conjunta das luas do planeta, que então se dividem em nove meses de treze dias.

Obviamente, essa data quer dizer alguma coisa. A questão é: o quê? Essa notação chega a ser quase obscura. É difícil achar alguém que saiba converter as datas no formato arvali para o padrão do Acordo. Eu só aprendi por causa de um trabalho que fiz para Pryinala, logo que comecei a fazer negócios em Nassi.

Eu sou uma idiota.

Enfio a mão em um dos meus bolsos e puxo meu mini-tablet. Não consigo converter essa data de cabeça, preciso fazer anotações em algum lugar. Sei que é uma data de uns trinta anos atrás, mas isso não me diz nada.

A porta se abre de novo. Gabi entra, pálida mas sorridente. Estreito os olhos. Esta é uma combinação um pouco estranha. Kernos se endireita e atravessa a sala tão depressa que mal vejo o movimento. Pelo visto a coisa da velocidade é pré-requisito para ser parte do Corpo Militar. Ele pega Gabi pela cintura e a levanta, dando um beijo digno de cinema nela.

Olho para Ithori, que está encarando Darius, que dá de ombros. Tati encara o casal por um instante e então sorri, se levantando ao mesmo tempo em que Kernos solta Gabi. Tati quase pula nela e lhe dá um abraço.

— Parabéns!!!

Ah, sim. Sorrio. Não vou me levantar para dar abraço em ninguém, não tenho intimidade para isso. Mas fico feliz por eles. Hmm. Quem sabe daqui a uns anos não sou eu nessa situação?

Ithori e Darius continuam olhando de um para o outro e então para Gabi, claramente sem entender. Homens. Não importa a espécie...

— Ela está grávida, seus idiotas. — Kradisla fala. — Parabéns, Gabi. E se prepare para trabalhar bastante, Kernos.

Ele se vira para ela e sorri. Kernos re'Dyraiv sabe sorrir, que surpresa. E ele obviamente está *muito* feliz com isso.

Olho de volta para os números no meu tablet. É tão simples que é óbvio.

— Kradisla, tenho o código. — falo em voz baixa, enquanto os outros continuam trocando felicitações e comentários.

Ela se vira para mim, pega um controle, e assente.

— Dois, oito, um, dois, um, nove, oito, seis.

A mensagem no monitor pisca e um bloco de texto o substitui. Seguro a mão de Ithori antes de começar a ler, mesmo que ele ainda esteja virado para Gabi.

“Suli, não tente ir para a outra localização que me passou. É uma armadilha. Estou enviando o que tenho até o momento – não pense que é um favor e considere nossa forma de pagamento de sempre. Meu melhor agente está atrás de mais informações. Se o grupo para o qual você trabalha tiver interesse nelas, esperarei uma visita sua na próxima semana. Com uma condição: vocês estão lidando com algo maior que imaginam. Vocês terão minha ajuda, se não forem parar assim que resolverem a situação dos terráqueos, porque eles não são os únicos em risco.”

Respiro fundo e aperto a mão de Ithori. Eu sabia que não seria nenhuma boa notícia, sabia. Mas Pryinala oferecendo sua ajuda e suas informações, sem nenhum custo...

Só então percebo que a sala está em silêncio. Me viro. Todos estão encarando o monitor.

Kernos balança a cabeça.

— Gabi, a decisão é sua.

Ela joga os ombros para trás e estreita os olhos para o monitor, antes de me encarar. A mulher despreocupada que eu vi até agora desapareceu completamente, e esta Gabi tem uma expressão séria e decidida. Agora eu consigo vê-la comandando esta força-tarefa.

— Suelen, tem alguma ideia do que ela quer dizer?

Começo a balançar a cabeça e então paro.

— Não sei do que ela está falando, Pryinala não dá informações a menos que você pague por elas. Mas ela tem contato com algumas espécies que não são parte do Acordo. Pode ser que seja isto.

— Mais espécies que não são parte do Acordo? — Gabi repete e se vira para Kernos.

A expressão dele também mudou completamente, e agora me lembro bem de porquê pensei que ele parecia um demônio quando o vi a primeira vez, quando estava presa com Gabi em uma nave ziittan.

— Não existe registro de nenhuma espécie sencientes que seria capaz de ir até Nassi e não seja parte do Acordo. — ele fala.

Gabi solta o ar com força e sua expressão se fecha ainda mais, antes de assentir.

— A força-tarefa não vai desaparecer quando resolver o problema dos terráqueos. Não enquanto estivermos em posição de ser úteis.

Ithori aperta minha mão.

— Pelo visto, vamos precisar ir em Nassi.

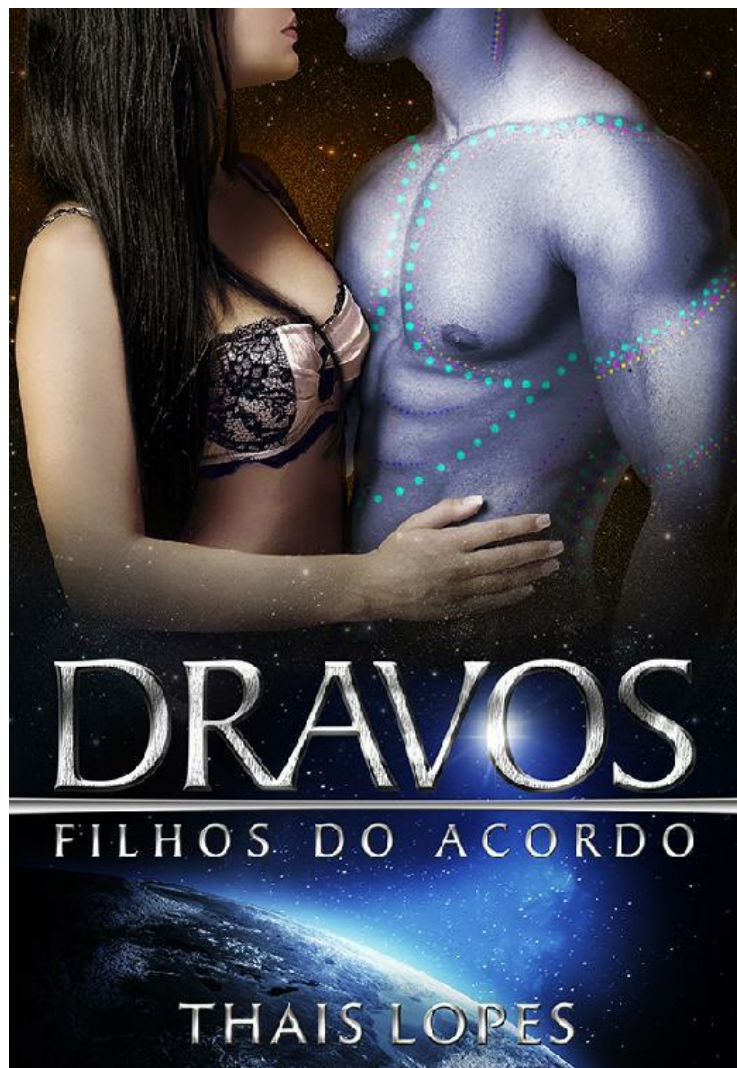
Me viro para ele e sorrio.

— Eu avisei. Já sabe que a nossa primeira parada vai ser para fazer um estoque de escudos portáteis.

Ele sorri em resposta.

Meu sorriso se alarga e Ithori passa um braço ao redor da minha cintura, me puxando para mais perto. Isto pode não ser o que eu imaginava para minha vida quando viajei para São Thomé com alguns amigos, mas se tornou minha vida. E não trocaria isso por nada no mundo.

PRÓXIMO LIVRO: DRAVOS



~ Sinopse em Breve ~

Para informações exclusivas e antecipadas sobre a série e outros lançamentos, assine a [lista de emails aqui](#). A newsletter é enviada mensalmente e prometo não fazer spam ;)

AGRADECIMENTOS

Esse livro me deixou meio (mais) louca. Eu tinha uma ideia e uns tantos planos, aí Suelen e Ithori pegaram isso tudo, quebram e jogaram pela janela. E continuaram a fazer isso até o último momento. Mesmo assim, é uma história que eu já queria escrever há muito tempo, a primeira desse mundo que brotou na minha cabeça, anos atrás, e que realmente pensei que ia ficar engavetada eternamente. Se esse livro saiu, foi porque muita gente me empurrou e aguentou meus surtos e resmungos.

O primeiro agradecimento vai ser eternamente para a Gaby Fraga, obviamente, porque essa série é culpa dela (e eu vou continuar falando isso).

Tati Pinheiro, que aguentou os surtos e resmungos e deu as cutucadas que eu mais precisava ouvir no último momento. Você salvou aqui, e acho que sabe disso.

Jéssica Miguel e Virna Lopes, que acabaram maratonando um pouco junto comigo e aguentando surtos e resmungos, muito obrigada pelos palpites, comentários e ameaças.

Minhas loucas do whatsapp: muito obrigada pelos comentários e piadas, porque sim, a gente ama a farofa e vocês são super fonte de ideias nessas horas.

Todo mundo que leu e comentou/resenhou/avaliou em algum lugar: de coração, muitíssimo obrigada. De uma forma ou de outra, vocês me empurram para a frente. Vocês não fazem ideia da diferença que isso faz.

Muito obrigada!

OUTROS TÍTULOS DA AUTORA

CRÔNICAS DE TÁIRAN

OS GUARDIÕES

[Sentinela](#)

[Vigilante](#)

[Protetora](#)

[Guardiã](#)

[Os Guardiões \(Box\)](#)

TERCEIRA ERA

[Pagamento](#)

FILHOS DO ACORDO

[Kernos](#)

[Darius](#)

[Sobre Rhergai \(conto\)](#)

Ithori

AYMERIA

[Nilue](#)

CIDADES LIVRES

[Tempestade](#)